



Famílias que alimentam o futuro no Nordeste

Relatos da produção assistida



ATeG SENAR AGRONORDESTE



Casos de sucesso



Página Anterior



Alagoas



Bahia



Ceará



Maranhão



Minas Gerais



Sumário



Paraíba



Pernambuco



Piauí



Rio Grande do Norte



Sergipe



Próxima Página



ATeG SENAR AGRONORDESTE

Famílias que alimentam o futuro no Nordeste

Relatos da produção assistida

03/2023

ATeG SENAR AGRONORDESTE

Famílias que alimentam o futuro no Nordeste: Relatos da produção assistida



CONFEDERAÇÃO DA AGRICULTURA E PECUÁRIA DO BRASIL (CNA)

DIRETORIA EXECUTIVA 2021-2025

João Martins da Silva Junior (BA)

Presidente

José Mário Schreiner (GO)

1º Vice-Presidente

Gedeão Silveira Pereira (RS)

2º Vice-Presidente

José Zeferino Pedrozo (SC)

1º Vice-Presidente de Finanças

Muni Lourenço Silva Júnior (AM)

2º Vice-Presidente de Finanças

Mário Antônio Pereira Borba (PB)

1º Vice-Presidente de Secretaria

Júlio da Silva Rocha Júnior (ES)

2º Vice-Presidente de Secretaria

SERVIÇO NACIONAL DE APRENDIZAGEM RURAL (SENAR)

João Martins da Silva Junior

Presidente Conselho Deliberativo

José Mário Schreiner (GO)

José Zeferino Pedrozo (SC)

Luiz Iraçú Guimarães Colares (AP)

Tirso de Salles Meirelles (SP)

Álvaro Arthur Lopes de Almeida (AL)

SUPLENTES

Normando Corral (MT)

Ágide Meneguette (PR)

Muni Lourenço Silva Júnior (AM)

Júlio da Silva Rocha Júnior (ES)

Raimundo Coelho de Sousa (MA)

Daniel Klüppel Carrara

Diretor-Geral

INSTITUTO CNA

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Roberto Brant

Presidente

TITULARES

Rodolfo Tavares

José Zeferino Pedrozo

Mário Antônio Pereira Borba

SUPLENTES

Muni Lourenço Silva Júnior

José Mário Schreiner

Rosanne Cury Zarattini

Andrea Barbosa Alves

CONSELHO FISCAL

TITULARES

José Álvares Vieira

Júlio da Silva Rocha

Paulo Carneiro

SUPLENTES

Raimundo Coelho

Luiz Iraçú Colares

Ivan Sobral

SECRETARIA-EXECUTIVA

Mônika Bergamaschi

ATeG SENAR AGRONORDESTE

Famílias que alimentam o futuro no Nordeste

Relatos da produção assistida

03/2023

Equipe técnica:

Andrea Barbosa Alves
Diretora

Eduardo Gomes de Oliveira
Diretor adjunto da Diretoria de Assistência Técnica e Gerencial do Senar

Mauro Moura Müzell Faria
Coordenador Geral - Projeto Agronordeste Assistência Técnica e Gerencial

Imagens

Na capa e sobrecapa, fotos de Jones da Silva Pereira e Alessandro Cunha Ferreira.

Alessandro Cunha Ferreira (Paraíba): pág. 36 e 37 e pág. 156 a 177.

Cláudio Bandeira (Bahia): pág. 66 a 69.

Gabriel Cruz (Bahia): pág. 8 e pág. 90 a 93.

Gabriela Brandão de Moraes Palmeiro (Alagoas): pág. 6, 7, 14, 38 e 39, 41, pág. 44 a 47, 49, 52, 53, 56 e 57.

Heder Che (Bahia): pág. 62 a 65, pág. 70 a 73, pág. 82 a 89.

Gustavo Nunes (Ceará): pág. 94 a 111.

Jones da Silva Pereira (Maranhão): pág. 23 e pág. 112 a 133.

Pedro Valverde (Bahia): pág. 60 e 61 e pág. 78 a 81.

Rafael Buarque da Silva (Rio Grande do Norte): pág. 17 e pág. 222 a 243.

Renato Freitas Leal (Minas Gerais): pág. 10 e pág. 134 a 155.

Romulo Gonçalves (Bahia): pág. 74 a 77.

Thiago dos Santos Bispo (Sergipe): pág. 244 a 257.

Tiago Nunes de Lima (Pernambuco): pág. 12, 13, 19, pág. 178 a 189 e pág. 192 a 199.

Wenderson Araujo/Trilux: pág. 30 a 32.

Zuilk Soares de Sousa (Piauí): pág. 200 a 211 e 214 a 221.

Projeto gráfico e Editorial



COMUNICAÇÃO PARA O AGRO



SENAR – SERVIÇO NACIONAL DE APRENDIZAGEM RURAL
ATeG SENAR AGRONORDESTE – famílias que alimentam o futuro no
Nordeste: Relatos da produção assistida. Brasília: SENAR, 2023.
260 f.

1. Agricultura. 2. Agropecuária. 3. Agro. 4. Nordeste. 5. Pequenos e médios
produtores rurais.
I. Título.

CDU – 631.5

SUMÁRIO

Apresentação	8
Introdução	14
Casos de sucesso	37
Alagoas	38
Bahia	60
Ceará	94
Maranhão	112
Minas Gerais	134
Paraíba	156
Pernambuco	178
Piauí	200
Rio Grande do Norte	222
Sergipe	244





Daniel Klüppel Carrara

Diretor-geral do Serviço Nacional de Aprendizagem Rural - Senar

O modelo pioneiro e inovador da Assistência Técnica e Gerencial (ATeG) do Senar mostrou-se eficiente diante de um novo desafio: transferir tecnologia de produção agrícola e gestão na região do semiárido brasileiro. A paisagem hostil da Caatinga mostrou-se um campo aberto a muitas possibilidades quando o conhecimento está a serviço da produção.

A metodologia que integra produtores de uma mesma cultura, com orientação técnica mensal, capacitação e verificação sistemática de resultados é a base das histórias de sucesso que temos o orgulho de apresentar neste livro.

Mudar a forma de fazer, e mais ainda, de pensar, exige um esforço de todos os envolvidos na transformação de vidas. Por isso, cada um dos produtores rurais, não só os personagens desta edição, mas todos que se voluntariaram a receber as recomendações do Senar são vencedores, independente do resultado alcançado, e há muito o que comemorar entre os 25 mil inscritos.

O projeto começou a ser implantado 3 meses antes da decretação da pandemia da covid-19. Foi uma dificuldade inesperada e que poderia ter adiado muito o Agronordeste. A resiliência e dedicação de técnicos de campo, coordenadores locais, supervisores e toda a equipe de retaguarda do Senar merecem menção pela busca incansável de soluções para contornar dificuldades.

Tudo foi feito em nome do fortalecimento da produção rural, por meio da formação de uma nova classe média no campo, atraindo jovens e fixando a família na propriedade, com desenvolvimento econômico e da comunidade.

A ATeG comprova que o conhecimento é o motor da transformação de vidas. E quem diz isto são as produtoras e produtores que não só mudaram o rumo de suas atividades, mas principalmente as expectativas quanto ao futuro delas.



História

A transformação de vidas nos 9 Estados do Nordeste e no semiárido de Minas Gerais teve seu lance decisivo em 13 de novembro de 2019. A data marca a assinatura do convênio que foca na melhoria da renda e no aumento da produtividade com conhecimento técnico e gerencial de pequenos e médios produtores rurais da região. O projeto vinha sendo desenhado pelo Sistema CNA/Senar há algum tempo. As instituições entendiam que era preciso dar um passo à frente na ampliação da assistência técnica e gerencial e fortalecer as propriedades que desenvolvem a agropecuária nessas localidades.

O território caracterizado pelo baixo volume de chuvas, marcado pelo escasso e difícil acesso a recursos e políticas públicas, exigia uma ação que respeitasse características próprias da realidade dos municípios da região Nordeste e semiárido mineiro. Um eixo que articulasse ferramentas de promoção econômica e social para que elas fossem ao alcance dos pequenos produtores. Era necessário construir uma iniciativa que levasse para dentro da propriedade rural o conhecimento técnico, gerencial e as políticas públicas já existentes de apoio à produção, financiamento e finalmente a melhoria da vida do produtor rural e sua família.

O Projeto Agronordeste – Assistência Técnica e Gerencial reuniu instrumentos e parceiros que colocaram, cada um com sua expertise, à disposição de um objetivo: promover a transformação econômica e social de famílias que desenvolvem atividades

agrícolas em suas pequenas e médias propriedades rurais. Mulheres e homens que se levantam todos os dias para prover o sustento da própria casa, mas também, garantir, com seu trabalho, a segurança alimentar da comunidade onde moram, e muitas vezes, de localidades próximas.

Uma iniciativa inédita, o Agronordeste nasceu com a finalidade de aumentar a cobertura da assistência técnica, promover e fortalecer as organizações dos proprietários rurais, agregar valor aos produtos e desenvolver práticas sustentáveis que garantam o sucesso do empreendimento. Como uma atividade lucrativa e perspectivas de desenvolvimento, o trabalhador se fixa no campo, e um novo fenômeno se nota: a atração dos jovens para a atividade rural. Muitos, desalentados pelas condições no campo, viajam para os centros urbanos em busca de oportunidades que, em vários casos, não encontram. Mas diante do sucesso na transformação da atividade familiar, eles voltam para ajudar e até suceder pais e avós no trabalho rural. E com os jovens, vem as inovações, o entusiasmo e a renovação.

Parcerias para o desenvolvimento do produtor

O Serviço Nacional de Aprendizagem Rural promove a mudança de atitude do produtor e trabalhador do campo que garantem o alimento de qualidade na mesa dos brasileiros. Por meio de cursos e capacitações, o Senar desenvolve competências profissionais e sociais que estimulam sua integração na sociedade, melhoria da qualidade de vida e o pleno exercício da cidadania.

A multiplicação do conhecimento é a síntese da missão do Senar. Presente nas 27 Unidades da Federação, a entidade realizou mais de 1 milhão de atendimentos que levaram assistência técnica direta ao produtor e proporcionaram o acesso às novas tecnologias. O desenvolvimento da metodologia de Assistência Técnica e Gerencial (ATeG) é resultado da experiência de mais de 3 décadas de imersão nas dificuldades da atividade rural em 150 mil propriedades no país. Destaca-se que mais de 70% delas pertencem a trabalhadores das classes C, D e E, público-alvo do atendimento gratuito ofertado pelo Senar.

A Agência Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural (Anater) foi criada para promover a execução de políticas de desenvolvimento da Assistência Técnica e Extensão Rural (Ater). No Decreto 8.252, de 26 de maio de 2014, encontra-se entre as suas finalidades promover a integração do sistema de pesquisa agropecuária; de assistência técnica e extensão rural; e fomentar o aperfeiçoamento e a geração de novas tecnologias a serem adotadas pelos produtores. A perspectiva é a melhoria da renda e, com ela, a fixação da família no campo com qualidade de vida.

O Convênio nº 001/2019, celebrado pela Anater com o Senar, atende a expectativa por um projeto construído com o objetivo de promover e consolidar o desenvolvimento local da região Nordeste, e em especial do Semiárido. A iniciativa apoia pequenos e médios produtores que encontram dificuldades para expandir o negócio e gerar mais renda e emprego na região onde vivem. O investimento de R\$ 120 milhões é resultado do esforço do Senar e da Anater.

A Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil, em mais de sete décadas de atuação, consolidou uma ação norteada pela defesa dos interesses gerais dos produtores rurais no país. A cooperação e apoio aos programas regionais de desenvolvimento agrícola fazem parte do cotidiano da entidade, mas há um empenho redobrado para ações que se destinam a reduzir as desigualdades geoeconômicas deste país enorme e extremamente diverso.

Em 2019, o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento elaborava um plano para a redução de disparidades provocadas por estiagens sucessivas, e cada vez mais intensas, que demandavam ações prioritárias na região Nordeste. Entre as diferenças em relação a outros territórios, constata-se um profundo descompasso em número de produtores rurais que receberam orientação técnica para aperfeiçoamento de suas atividades: apenas 7% nos estados do Nordeste, enquanto a média no país estava em 20,9%, dos estabelecimentos rurais, segundos dados do Censo Agropecuário 2017 do IBGE.

A essência e principal meta do Programa Agronordeste do Mapa é impulsionar o desenvolvimento econômico, social e sustentável do meio rural da região e utilizar a agropecuária como instrumento de transformação sustentável do ambiente rural, com foco estratégico nos agricultores familiares da zona semiárida.

O Projeto Agronordeste - Assistência Técnica e Gerencial, elaborado pelo Sistema CNA/Senar e apoiado pela Anater, que será detalhado nesta publicação, tem total convergência de objetivos com o Programa Agronordeste instituído pela Portaria 164, de 16 de maio de 2019 do Ministério da Agricultura.

O Agronordeste é resultado do entendimento do Senar e seus parceiros de que a região do semiárido demanda intervenções voltadas para necessidades específicas como: medidas preventivas para superação dos períodos de estiagens, ações para a reserva estratégica de água e alimentação animal, entre outros desafios que se tornaram entraves para o desenvolvimento dos negócios rurais nesse território.



Por que priorizar o semiárido?

Por anos, as políticas públicas voltadas para o fortalecimento da agropecuária brasileira encontraram entraves nas características físicas e climáticas da região Nordeste. Os efeitos da seca na atividade rural se mostraram uma barreira para a prosperidade dos municípios do semiárido.

O semiárido ocupa quase 1 milhão de quilômetros quadrados do território brasileiro, sendo 89,5% no Nordeste, com exceção de municípios localizados em Minas Gerais. As informações constam na publicação “Quadro Geográfico de Referência para Produção, Análise e Disseminação de Estatísticas” do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

A Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (Sudene) delimita o semiárido a 1.262 cidades, com aproximadamente 27 milhões de pessoas (12% da população nacional) que vivem sob a influência dos efeitos desse clima. O documento mais recente com esta relação é a Resolução nº 115, de 23 de novembro de 2017. Entre os critérios utilizados pela autarquia para a classificação de cidade do semiárido estão as chuvas abaixo dos 800 milímetros por ano concentradas em alguns meses, combinado com altas temperaturas e baixa umidade do ar.

A região Nordeste já enfrentou cerca de 80 secas consideradas fortes, de acordo com os dados do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais do Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações (Inpe/MCTIC). A maior estiagem no último século

ocorreu recentemente, entre 2012 e 2017. Foram cinco longos anos de estiagem que deixaram muitas dificuldades para os produtores rurais. Afinal, como quitar financiamentos bancários com sucessivas quebras de safra, perda de rebanho para o calor e a falta de alimento, escassez hídrica. Os prejuízos de quem permaneceu na atividade dificilmente serão recuperados.

O resultado pode ser visto nas estatísticas. O PIB per capita do Nordeste é de R\$ 15.779,11, de acordo com cálculos do IBGE em 2019. Menos da metade da média nacional que nesse ano foi de R\$ 35.161,70, segundo o mesmo Instituto.

E para não ficar em apenas um indicador, vamos a outro. Quando em 1988, o país aprovou sua mais recente Constituição Federal, nela estava o Fundo Constitucional de Financiamento do Nordeste (FNE). Ele assegurava a aplicação de pelo menos 50% dos recursos em atividades produtivas dos municípios do semiárido nordestino e norte de Minas Gerais. Mas o desenvolvimento econômico e social esperado não veio. Seja pela forte instabilidade climática da região ou por formulação de políticas que não eram compatíveis com tal realidade. Resultado, a participação nordestina no PIB nacional, nessas mais de três décadas, não ultrapassou os 14,5%, uma estabilidade desconcertante para uma área de 1,5 milhão de km², quase 60 milhões de habitantes (quase 1/3 da população do país) e que contém o maior número de estados (9).

Mas voltando à pergunta inicial, por que apostar em um projeto de Assistência Técnica e Gerencial num território que, ao que parece, está fadado ao insucesso? Um outro indicador contribui para a resposta. Dos mais de 5 milhões de estabelecimentos rurais do país, 19,9% receberam assistência técnica, de acordo com o Censo Agropecuário do IBGE de 2017. E aqui aparece outra profunda diferença regional. No Nordeste, a proporção de propriedades assistidas é de apenas 7,4%, enquanto no Sul este número é de 48,6%.

A metodologia de Assistência Técnica e Gerencial do Senar se moldou a essas necessidades. Levou a orientação técnica personalizada à propriedade rural; adaptou e prospectou a vocação das cadeias produtivas locais, com profissionais preparados para atender cada uma dessas atividades; construiu com o produtor um planejamento estratégico das ações, fez o acompanhamento e a avaliação dos resultados. E alguns destes casos de sucesso, vamos conhecer nesta publicação.



Impacto da ATeG

Execução

A Assistência Técnica e Gerencial (ATeG) do Senar passou a ser implantada nas propriedades rurais em 2013. É uma metodologia que contribui para transformar vidas e ambientes rurais. O modelo pioneiro é realizado em cinco etapas que são aplicadas de forma personalizada em todas as cadeias produtivas do país.

As ações de ATeG compõem um processo educativo de caráter continuado, fundamentadas no Diagnóstico Produtivo da propriedade, que é a base de sustentação do Planejamento Estratégico realizado em conjunto pelo técnico e produtor assistido. A partir deste plano são realizadas as ações de Adequação Tecnológica e de Capacitação Profissional Complementar. O cumprimento destas etapas vai permitir a Avaliação Sistemática de Resultados. Os dados colhidos vão indicar a evolução da produtividade e da rentabilidade do empreendimento rural. O desempenho quantificado dá condições ao produtor e ao técnico de tomar decisões e planejar novos passos da atividade.

As equipes de campo do Senar são treinadas para oferecer soluções técnicas e de gestão que têm impacto individual e na comunidade. Como aconteceu com a família da Liliane, em Canindé de São Francisco, no sertão de Sergipe. O controle de despesas a levou a dobrar sua capacidade de processamento de leite na queijaria.

Já a agricultora Claudiana, do Vale do Jequitinhonha, que enfrentava problemas graves de saúde e dependia de terceiros para o sustento. As visitas técnicas a ajudaram

a implantar uma horta diversificada e de qualidade que garantiu um tratamento adequado e renda, além de tornar sua lavoura referência na região.

Tem o fruticultor Reginaldo Izidio que reduziu gastos com insumos, depois de incorporar à rotina de cuidados com os parreirais de uva a análise de solo e técnicas de poda. O mais importante, no entrando, foi atrair o filho para a atividade com perspectiva de crescimento.

No pequeno município de Livramento na Paraíba, cidade que o Cristiano escolheu para se tornar um caprinocultor, e carrega o sonho de mostrar a outros jovens que o semiárido tem muitas possibilidades produtivas e de realização.

No mesmo sertão paraibano, o casal de apicultores Edilson e Ivaneide aprendeu com a ATeG que o mel é só um dos produtos das abelhas. Hoje, oferecem produtos com muitos valores agregados, entre eles a sustentabilidade e embalagens caprichadas, lá em Catolé do Rocha.

Mais detalhes dessas histórias, e de tantos outros produtores rurais que participaram do Agronordeste, são apresentadas nesta publicação. É uma pequena amostra de um projeto que transformou vidas em mais de 25 mil propriedades rurais localizadas em 10 Estados do semiárido brasileiro.

Um projeto como o AgroNordeste, que tem como objetivos melhorar a gestão, promover a inclusão produtiva, aumentar produtividade e lucratividade das propriedades; e assim contribuir para o desenvolvimento rural sustentável, não tem uma execução simples.

A experiência consolidada do Senar na aplicação da Assistência Técnica e Gerencial mostra que o processo educativo que vai modificar comportamentos exige convencimento e compromisso.

As mobilizações

O Agronordeste atuou em dez Estados que integram o Nordeste, mais a área do semiárido de Minas Gerais. Para chegar ao produtor que receberá os benefícios do projeto, o Senar conta com parceiros locais. São entidades que conhecem as dificuldades das diversas cadeias produtivas em cada localidade. Nesta fase, o projeto é apresentado de forma detalhada, com os objetivos, a forma de operacionalização e os impactos que serão gerados. Os sindicatos rurais ajudam a mobilizar os produtores rurais e organizar as reuniões de sensibilização.

Sensibilização

As entidades representativas dos produtores são fundamentais para informar todos os aspectos do projeto: o detalhamento dos objetivos e da forma

que eles poderão ser alcançados. Nestes encontros, os produtores ficam sabendo quais são as etapas de execução e responsabilidades de cada um no projeto. É o momento de assinar a lista de intenção, ou seja, a manifestação de que deseja participar do projeto.

Formação de grupos

Na etapa seguinte, são selecionadas as propriedades rurais, que passam a integrar o Agronordeste. O produtor assina o termo de adesão que especifica obrigações e benefícios. As visitas do técnico de campo começam, e com elas, um processo de melhora na vida do trabalhador, o que significa técnicas mais eficientes, mais produtividade e renda para a família.

Equipes técnicas

A qualidade do atendimento na propriedade rural está diretamente ligada à preparação técnica e educacional das equipes que realizaram a visita mensal ao produtor. Aqui atuam técnicos e supervisores, contratados exclusivamente para o Projeto Agronordeste. O recrutamento das equipes é realizado entre os profissionais formados essencialmente nas áreas de ciências agrárias. Portanto, são agrônomos, zootecnistas, médicos veterinários e demais profissionais que passaram por treinamento coordenado pelo Senar.

Execução

Treinamento metodológico

Para se tornar um agente de transformação no campo e transferência de tecnologia, a preparação é realizada em 5 módulos de 30 horas de conteúdo focado na Metodologia da Assistência Técnica e Gerencial. As informações passam pela evolução do agronegócio e setor rural no Brasil; aulas de custos de produção; indicadores técnicos e econômicos da gestão; principais cadeias produtivas; diagnóstico e planejamento administrativo e monitoramento de resultados.

Para este trabalho dentro da propriedade rural foram formados 1.200 técnicos de campo e 82 supervisores. Todos passaram pela capacitação de 150 horas na modalidade de educação a distância (EaD).

Capacitações complementares

O Senar investe no processo de capacitação continuada para alcançar os resultados da melhoria da renda, aumento de lucratividade e produtividade. Por isso, o Agronordeste contou com capacitações complementares direcionadas aos técnicos e supervisores do projeto.

Definidas as cadeias produtivas de atuação de cada equipe, o Senar faz o treinamento para a atualização tecnológica com temas relacionados à atividade que recebe a assistência técnica e gerencial. É uma forma de alinhar as práticas no campo com o conhecimento consolidado nas instituições de pesquisa e no setor produtivo.

Os instrutores do próprio Senar se dedicam a essa transmissão de conhecimento. Outras fontes também colaboram com a capacitação por meio de parcerias. Professores ou pesquisadores de universidades ou entidades de produção científica também são convidados a levar temas técnicos e econômicos a fim de garantir o melhor atendimento ao produtor rural.

Produtor

Durante as visitas, o técnico avalia a necessidade de uma ação paralela de apoio ao conhecimento. O agente pode indicar a realização de capacitação para o produtor e o colaborador atendidos. São os cursos de Formação Profissional Rural (FPR) disponibilizados pelas regionais do Senar. Outras possibilidades para levar novos conhecimentos para o dia a dia do produtor são as visitas a unidades demonstrativas e palestras técnicas dirigidas às cadeias produtivas beneficiadas pelo Agronordeste.

Os atendimentos

O Senar tem um patrimônio de conhecimento acumulado e constantemente atualizado. Todos os agentes envolvidos neste processo são multiplicadores desta experiência.

Para que a parceria produtor e Senar gere bons frutos, as etapas da ATeG têm de ser realizadas com compromisso. As visitas do técnico de campo são

agendadas e ocorrem uma vez por mês, quando ele fica na propriedade por 4 horas. Período importante para tirar dúvidas; acompanhar e orientar ações; e conferir os resultados. Cada técnico atende até 30 produtores durante 24 meses. E cada grupo de 15 técnicos tem 1 supervisor, preparado para auxiliar em assuntos referentes à metodologia ATeG e questões levantadas durante o atendimento.

Em dois anos de prática do Agronordeste, os 1.200 técnicos de campo realizaram quase 450 mil visitas em 31 mil propriedades e 25 mil abraçaram a ideia do empreendedorismo rural. Um contingente que evoluiu da posição de pequeno produtor para se tornar empresário rural.

Metodologia ATeG

O ciclo virtuoso da metodologia consagrada pela Assistência Técnica e Gerencial.



A Metodologia de Assistência Técnica e Gerencial do Senar acontece em cinco etapas:



Execução

Diagnóstico produtivo individualizado

A chegada do técnico de campo na propriedade marca o início de uma mudança de qualidade na forma de gerenciar a propriedade rural. Mas ela não começa com uma intervenção, pelo contrário, é permeada pela observação técnica, coleta de dados e escuta atenta do produtor rural. Com estes instrumentos, o profissional elabora o Diagnóstico Produtivo Individualizado (DPI).

O retrato do empreendimento rural revela pontos fortes e fracos. Este mapeamento permite que cada caso seja analisado de forma particular. Com a atenção voltada para as condições produtivas e econômicas da propriedade, a equipe técnica estrutura as recomendações adaptadas a cada um dos casos.

Planejamento Estratégico

Os dados coletados durante o diagnóstico são a base para a elaboração do plano anual de ações e metas. É o momento de se estabelecer os acordos entre o produtor e o Senar, representado pelo técnico de campo e o supervisor da área. O planejamento apresenta as ações produtivas e especifica todos os registros necessários para que o controle e o monitoramento do trabalho possam ser acompanhados, assim como os resultados.

O monitoramento é realizado por meio de software próprio do Senar. Uma ferramenta que permite a verificação da execução das ações e do efeito delas na atividade do produtor.

Ao se concluir este primeiro ano ou primeiro ciclo produtivo, produtor e técnico fazem juntos a avaliação do modelo adotado e dos resultados. Indicadores de desempenho fazem parte do plano estratégico. Eles irão mensurar a evolução da propriedade a partir da adoção das tecnologias, e os efeitos sobre a produtividade e lucratividade.

Adequação Tecnológica

Esta é a fase de implementação das recomendações planejadas. O técnico de campo, apoiado pelo supervisor, auxilia o produtor com ferramentas desenvolvidas pelo Senar. O monitoramento central do Senar é constante durante a evolução do processo nas propriedades.

O comprometimento dos agentes do Agronordeste é crucial para o sucesso produtivo e comunitário de cada família do projeto. Por isso, o Senar conta com a parceria com os sindicatos rurais. Os representantes dos produtores mantêm contato com as equipes do Senar e com as propriedades assistidas. As organizações colaboram com levantamento de informações sobre o andamento e o engajamento dos participantes no projeto.

Execução

Capacitação profissional complementar

Durante o processo de implantação de novas tecnologias na propriedade atendida podem ser detectadas necessidades de atualização dos produtores a respeito de temas específicos ligados à atividade rural ou à gestão da propriedade.

As carências identificadas pelo técnico de campo no cotidiano do produtor são supridas pela Formação Profissional Rural, uma iniciativa tradicional do Senar no ambiente de ATeG. São treinamentos, cursos e palestras que levam as informações mais recentes sobre determinada atividade ou o gerenciamento dela. Temas transversais como, por exemplo, do cenário de mercado para uma determinada cadeia produtiva, também fazem parte dos instrumentos que ajudam a melhorar a gestão da propriedade e do próprio crescimento pessoal do produtor.

Avaliação sistemática dos resultados

A evolução do processo transformador dentro da propriedade é acompanhada por indicadores de desempenho já previstos no plano estratégico, elaborado pelo técnico de campo e acordado com o produtor. Uma plataforma digital, o SISATeG permite que coordenadores e toda a equipe de suporte técnico do Senar monitorem as ações desenvolvidas e analisem os resultados gerados em cada etapa.

O conjunto de informações levantadas ao final de 12 meses de visitas permite que a equipe técnica envolvida no Agronordeste tenha todas as condições para que sejam decididos os próximos passos do empreendedor rural na sua empresa.

Atendimentos

Presencial

O produtor recebe visitas mensais do técnico de campo. As ferramentas de monitoramento do trabalho na propriedade foram desenvolvidas pelo Senar a fim de permitir o registro das ações e resgate do histórico das visitas na propriedade, de forma a subsidiar a tomada de decisões e acordos entre produtor e técnico.

Os aplicativos ATeG Off-Line e ATeG Mobile registram data, hora e coordenadas do atendimento; além de dados produtivos, financeiros e orientações. São informações disponíveis para o gerenciamento do projeto Agronordeste.

Uma imagem contendo um QR Code será gerada pelo SISATeG para identificar cada propriedade. Uma etiqueta é impressa e fixada no Caderno do Produtor. A cada atendimento, o técnico faz a leitura do QR Code e registra o check in e check out da visita. A utilização do aplicativo exige apenas que a localização esteja habilitada. Não é preciso ter sinal de telefone ou internet.

Remoto

O contato pessoal e o olhar do técnico de campo na propriedade são determinantes para estreitar a confiança e o engajamento do produtor rural para adotar novas práticas de trabalho. Mas o Agronordeste já estava na estrada quando a pandemia provocada pela covid-19 chegou ao Brasil.

O Senar se empenhou em buscar formas de superar as restrições impostas pela covid-19 e pelas sucessivas regras legais determinadas em Estados e municípios que tinham o objetivo de conter a transmissão da doença. Seguindo todas as orientações sanitárias, o Senar concentrou esforços para manter o atendimento ao produtor.

A equipe de profissionais da Diretoria de Assistência Técnica e Gerencial do Senar desenvolveu alternativas de forma emergencial para garantir a continuidade do trabalho tão necessário na atividade rural. Foi concebida uma intervenção no sistema para a implementação dos atendimentos remotos.

O atendimento ao produtor se deu por diferentes meios, entre eles os aplicativos de mensagem, de reunião on-line, ligações telefônicas ou e-mail. Foram estes também, os canais de comunicação entre supervisores e coordenadores. A análise dos dados da propriedade e a resolução de dúvidas manteve-se durante o período da pandemia. E tudo com o cumprimento das determinações de distanciamento para a prevenção contra a covid-19.

Pandemia

O projeto Agronordeste foi construído durante o ano de 2019. Em novembro, coordenadores, supervisores e técnicos de campo iniciaram a execução, com visitas, diagnósticos e planos estratégicos em andamento. No dia 12 de março de 2020, a Organização Mundial de Saúde declara que o mundo vive uma pandemia pelo coronavírus, e a transmissão vai se expandir com aumento de infectados, mortes e países atingidos.

Praticamente todas as atividades econômicas, com exceção das ligadas à saúde e ao abastecimento de alimentos foram reduzidas ou suspensas. Primeiro na Ásia, depois na Europa, América até chegar no Brasil.

O Agronordeste dava os primeiros passos quando lockdowns foram decretados e a circulação de pessoas ficou restrita. A produção rural exige o cuidado diário, seja com lavouras ou a criação de animais. Então, mesmo com o cenário totalmente alterado no início da implantação do projeto, os profissionais do Senar encontraram os meios para que o projeto continuasse mesmo com a conjuntura desafiadora do enfrentamento da pandemia.

As ferramentas digitais, como aplicativos de mensagens ou de reuniões virtuais foram usados, mesmo que com dificuldades iniciais para os envolvidos no Agronordeste. Mas as dificuldades são parte do cotidiano do agro.

Execução

No cenário das crises surgiram novas demandas: de alguns produtos agropecuários, de formas de comercialização, e de proteção da saúde. O Senar estava atento às necessidades e adaptou processos de assistência ao produtor rural.

Telemedicina

O sistema CNA/Senar já tem programas de saúde preventiva desde 2013. O processo de cuidado pessoal e voltado para a família tem se mostrado um fator determinante para o sucesso do empreendimento rural. A pandemia evidenciou que o Agronordeste precisava de um passo à frente para ficar sintonizado com as novas necessidades surgidas com as regras sanitárias para o enfrentamento da covid-19.

O atendimento por telemedicina passou a ser parte do projeto. Dentro do pacote de medidas aprovadas no Congresso Nacional e sancionadas pela Presidência da República encontrava-se a Lei nº 13.989, de 15 de abril de 2020 que regulava a prestação de serviços médicos mediados por tecnologias de comunicação. A lei teve caráter emergencial para o período da pandemia.

Em junho de 2021, produtores e familiares participantes do Agronordeste tiveram acesso a mais este benefício, que garantiu uma assistência completa no momento em que os serviços de saúde, públicos e privados, encontravam-se saturados por conta da pandemia. O técnico de campo foi o porta-voz do serviço.

Foi o profissional que informou o produtor rural da importância de procurar o médico, mesmo sem sintomas, para realizar um check-up preventivo.

O participante do Agronordeste é convidado a se cadastrar voluntariamente para receber o atendimento por meio da telemedicina. O prestador de serviços de saúde contratado pelo Senar teve o compromisso de fazer um acompanhamento do paciente já a partir da primeira consulta. Depois de 3 ou 4 dias da consulta, uma enfermeira entrava em contato com a família para verificar se as orientações médicas estavam sendo seguidas e se os exames pedidos estavam agendados. O Senar também articulou contatos com as Secretarias de Saúde dos municípios para que as consultas por telemedicina encurtassem o caminho para os casos de procedimentos mais complexos como a necessidade de uma internação ou cirurgia.

A Telemedicina foi amplamente utilizada no Brasil, e em outros países, durante os períodos mais graves da pandemia. A experiência levou ao debate a respeito de vários aspectos ligados ao tema pelas associações médicas, jurídicas e outros setores da sociedade. Os serviços médicos mediados pelas tecnologias de comunicação foram regulamentados pelo Conselho Federal de Medicina, que publicou as regras na Resolução CFM nº 2.314, de 20 de abril de 2022.

Desta forma, o processo de aperfeiçoamento da gestão da propriedade ganhou mais uma ferramenta. A consulta on-line permitiu que a saúde de quem

conduz o estabelecimento e sua família também estivessem recebendo a atenção necessária num momento crítico nas unidades de saúde pública e privada.

Hoje se percebe que a importância da telemedicina já extrapolou o momento pandêmico e se consolidou como uma boa prática de acessibilidade à saúde preventiva.

E cuidando de forma individualizada de tantos empreendedores, o Senar cumpre sua missão de promover ações educacionais de Formação Profissional Rural, Assistência Técnica e Promoção Social. Com mais saúde, conhecimento e renda, aumenta a qualidade de vida, a família investe no futuro do empreendimento rural e se torna protagonista do desenvolvimento da comunidade e do país.

SISATeG/SENAR

Todas as informações geradas no Projeto Agronordeste são armazenadas em um sistema central desenvolvido pelo Senar. Os dados são usados para controle e análise de cada etapa do processo de transformação que ocorre em cada uma das propriedades assistidas.

O SISATeG é alimentado constantemente pelas anotações dos técnicos de campo, que são feitas “*in loco*”, diretamente nos aplicativos disponibilizados pelo Senar, ou de forma remota, a partir da reformulação dos atendimentos impostos pela restrição de circulação de pessoas durante a pandemia.

Os registros que ficam no SISATeG compõem o histórico de desenvolvimento da propriedade. São dados que permitem que técnico e produtor rural possam analisar o desempenho da atividade, e usar as informações para apoiar a tomada de decisão. Além disso, o sistema funciona como um validador das visitas e ações planejadas e executadas, e ainda, servem de base para a solução de dificuldades que surgem durante o projeto.

O monitoramento é realizado pela equipe de Coordenação de ATeG de cada uma das regionais envolvidas, juntamente com a equipe da diretoria de ATeG do Senar e dos demais parceiros como a Anater e o Ministério da Agricultura.

Prêmio AGRONORDESTE

Produtores do alimento nosso de cada dia que alcançaram, e até superaram as próprias metas, tiveram seus esforços reconhecidos pelo “Prêmio ATeG Agronordeste – Gestão e Resultado 2021”.

O Sistema CNA/Senar compreende as dificuldades de promover a mudança no modo de fazer, mas aposta no conhecimento baseado na experiência e na ciência para mudar vidas. Por isso, premiar, reconhecer e dar visibilidade para os casos que mostram o potencial dos produtores rurais do semiárido brasileiro.

Execução



Edição Prêmio ATeG 2021. Foto: Wenderson Araujo/Trilux.

A comissão julgadora do prêmio avaliou o desempenho e os resultados com a ATeG. Os critérios observados foram a assiduidade e o comprometimento do produtor. Além disso, o envolvimento familiar na gestão da atividade, inovação, sustentabilidade e aderência à metodologia.

O empenho de agricultores e pecuaristas que melhoraram o manejo e a gestão da atividade no semiárido foi recompensado com a evolução de resultados, aumento da renda e a perspectiva de um horizonte mais próspero.

Premiados

O pecuarista de leite, João Batista Xavier, do município de Pedra, no sertão pernambucano, triplicou a produção na Fazenda Batami, depois de um ano. Ele incorporou novas formas de manejo do gado e viu a renda bruta da propriedade aumentar 186%. João Batista dobrou o rebanho da propriedade, e hoje, tira 7.200 litros de leite por mês, 127% a mais do que produzia na primeira visita do técnico de campo de Senar.

A caprinocultura é uma atividade da família há gerações, mas Josiberto Oliveira sempre acreditou que poderia melhorar a produtividade. A propriedade fica na cidade de Pocinhos, no Cariri paraibano. A região tem solo pedregoso, com baixa capacidade de reter a água, pouca chuva e altas temperaturas. A chegada da técnica do Senar modificou uma realidade marcada pela

perda de animais durante o período de seca. A instalação do curral e a plantação de palmas para a alimentação das cabras garantiu saúde e qualidade da criação o ano inteiro. Hoje, o Josiberto e a família enxergam a propriedade como uma empresa, que pode evoluir sempre.

Aos 61 anos e com uma vida sofrida em Guanambi, no semiárido baiano, o motorista de ônibus aposentado João Meira Cotrim tornou-se agricultor. Ele não tinha esperança de ver sua produção de goiaba melhorar na terra seca do setor nordestino. Mesmo assim, se cadastrou no Projeto Agronordeste e passou a receber as visitas técnicas mensais dos profissionais do Senar. A modificação do manejo, calçado no conhecimento científico da cultura, elevaram o rendimento bruto da propriedade em 190% em 12 meses. A propriedade colhe 25 toneladas da fruta em meio hectare plantado, mas o grande orgulho do seu João é entregar uma goiaba de alta qualidade para os consumidores.

Resultados

Um dos efeitos mais gratificantes de se alcançar uma meta é acreditar que se pode definir um novo objetivo e buscá-lo. O primeiro desenho do Projeto Agronordeste visava atender 25 mil propriedades rurais da do Nordeste e do semiárido de Minas Gerais. Com o projeto em andamento e já com os primeiros resultados, a demanda pela Assistência Técnica e Gerencial do Senar cresceu. Os produtores passaram a vislumbrar a possibilidade de melhorar suas práticas agropecuárias e transformar a vida da família, onde antes havia pouca perspectiva de futuro.

O Projeto Agronordeste articulou os seus parceiros, Anater e Mapa, que juntaram esforços e recursos para ampliar a iniciativa, no momento crítico da pandemia com diversos impactos econômicos para a sociedade, em especial, aquela com menor renda.

Dois anos depois, o Agronordeste esteve em mais de 31 mil propriedades rurais, em 757 municípios de 10 Estados que tem produtores carentes de novos conhecimentos e tecnologias que transformam a pequena propriedade em empreendimento rural.

Para levar as informações sobre o manejo e a visão empresarial para agricultores e pecuaristas, o Senar capacitou 1.200 técnicos de campo e 82 supervisores. A disposição para a cooperação conjunta de todos estes homens e mulheres mostrou que os desafios do semiárido são enormes, mas podem ser enfrentados com sucesso.

A transformação da vida de cada família trabalhadora do projeto foi possível a partir da ida mensal de um técnico preparado para a propriedade. Quase meio milhão de visitas foram efetivadas, com encontros de, no mínimo, 4 horas cada. A imersão no cotidiano dos produtores foi fundamental para conhecer as necessidades específicas e orientar as melhores práticas para obter mais renda com produtividade e melhoria de vida.

As cadeias produtivas contempladas no Agronordeste são as que se provaram mais viáveis para prosperar no clima semiárido. A lista de 16 atividades agropecuárias revela que são diversas as possibilidades de prosperidade. E os fatores principais de sucesso são o empenho e a resiliência do produtor, combinados com a assistência técnica e gerencial.

Atividades agropecuárias apoiadas pelo Agronordeste



- Bovinocultura de Leite
- Ovinocaprino-cultura de Corte
- Fruticultura Perene
- Olericultura
- Apicultura
- Avicultura
- Bovinocultura de Corte
- Ovinocaprino-cultura de Leite
- Piscicultura
- Sisalicultura
- Carnicultura
- Suinocultura
- Cafeicultura
- Cana de Açúcar
- Agroindústria Queijo
- Agricultura anual

Casos de sucesso

O planejamento bem feito e o cumprimento rigoroso dele estão na essência do êxito do Agronordeste. Mas alguns casos trazem ainda mais orgulho para quem atua no projeto. E um deles é relevado pelo perfil dos profissionais que realizam o trabalho primordial de ir à propriedade encontrar e orientar o produtor. O monitoramento detalhado mostra que 65% dos profissionais que realizam este trabalho são técnicas de campo. Na supervisão, as mulheres também são maioria, 55% das 82 que levaram à frente o Agronordeste. Muitas delas, com especialização, mestrado e doutorado. Aqui fica registrada mais uma conquista no universo do trabalho agropecuário dos nove estados do Nordeste e do semiárido mineiro.



Palmeira dos Índios
Piranhas
Quebrangulo
Santana do Ipanema
São José da Tapera

Alagoas



Palmeira dos Índios

Alagoas

Keila Maria Pinto da Silva

A ATeC foi um “divisor de águas” na história da família e do sítio que foi pioneiro no cultivo de pitaya na cidade.

O pomar floresce e dá frutos carnudos e suculentos em pleno agreste alagoano. O Sítio Renascer, no Assentamento Sementeira, é mais conhecido atualmente por ser o primeiro da cidade de Palmeira dos Índios a investir no cultivo da pitaya. A pioneira é a Keila Maria Pinto da Silva, de 28 anos, que há 7 anos, vive no local, com o marido e a filha pequena.

Filha de agricultores familiares, Keila cresceu no meio rural rodeada por caprinos e ovinos criados pela família, que também cultiva frutas. Cajueiros, aceroleiras, maracujazeiros e gravioleiras ocupam diferentes áreas da propriedade, que possui um pequeno açude, e ainda lavouras de macaxeira, batata-doce, amendoim, milho e feijão.



Na foto: A técnica de campo e a produtora Keila Maria Pinto da Silva.

Os atendimentos da Assistência Técnica e Gerencial (ATeG) começaram em 2021 por meio da técnica de campo Gilberlândia Ferro, do Senar. E uma das principais dificuldades era o combate a pragas e doenças nas árvores frutíferas. A primeira providência foi a realização da análise de solo e de água para adaptar o manejo à necessidade de cada cultura. Um sistema de irrigação foi implementado e a adubação foi aplicada sob medida para cada tipo de planta.

As colheitas passaram a ser mais produtivas. Com frutas de maior qualidade, a comercialização passou a ser fácil e melhor remunerada. E isso num ambiente de controle gerencial, que antes não existia. Pela primeira vez, a Keila soube quanto gastava com insumos, o manejo e outras despesas, e se as mercadorias cobriam os custos.

Mas, como a propriedade é pequena, as quantidades colhidas ainda são baixas. Por recomendação da técnica de campo, Keila começou a fabricação de doces, compotas e geleias com as frutas da propriedade. Agregou valor e teve um resultado financeiro bem mais interessante.

E o mais recente salto na diversificação de produtos foi a opção por cultivar a pitaya, também conhecida como fruta-do-dragão, ela pertence à família Cactaceae. A proposta é apresentar novos sabores no comércio local e expandir para outras cidades. O processamento dos frutos veio para ficar no Sítio Renascer. “Estamos trabalhando com novas espécies, e planejamos produzir polpas e ofertar no mercado”, completa a Keila, que acrescenta que está mantido o cardápio das frutas regionais que tem boa aceitação dos clientes. A Keila estudou Agroecologia na Universidade Federal de São Carlos por EaD e faz curso de técnico em Agronegócio pelo Senar. Mesmo com seus conhecimentos prévios, ela classifica a ATeG como um “divisor de águas” na condução da propriedade,

ao trazer experiências que nem ela, nem a família, tinham vivenciado antes. “A técnica de campo Gilberlândia, nos apresentou um universo que até então não conhecíamos”, diz a fruticultora, que segue enfrentando novos desafios, sempre voltados para a melhoria do seu empreendimento rural.



Piranhas

Alagoas

José Ronaldo de Jesus

Dobrou a produção de leite com pequenos ajustes no manejo e já está nos planos a ordenha mecânica.

Sempre fez parte da vida do pecuarista José Ronaldo de Jesus o trabalho com o gado de leite. O que foi uma surpresa para ele é que com alguns ajustes no manejo dobrou a produção em pouco tempo. Na cidade de

Piranhas, em Alagoas, que faz divisa com Sergipe, a pequena propriedade produzia, em média, 10 a 12 litros leite por vaca/dia. Atualmente, são seis animais e a retirada de leite subiu para 22 litros por animal/dia.



Na foto: O técnico de campo, o produtor José Ronaldo de Jesus e família.

A curiosidade do produtor em relação aos manejos e à tecnologia fez toda a diferença para atingir os resultados. Quem conta é o técnico de campo João Paulo Silvério da Silva, do Senar. Desanimado com a baixa lucratividade obtida com a venda do leite, José Ronaldo, se inscreveu no Projeto Agronordeste. Ele já preparava a silagem para alimentar o gado no período seco, mas era insuficiente para toda a estação.

O manejo nutricional teve uma atenção especial. O técnico João Paulo recomendou o plantio de milho e da palma para assegurar uma ração mais proteica para as vacas gastando menos. Além de aumentar a quantidade, a qualidade também melhorou com alguns ajustes no preparo. Aliás, depois de um ano das novas práticas, o produtor José Ronaldo acabou se tornando uma referência na região para a elaboração e o armazenamento da silagem.

O cocho foi preparado para ficar bem sombreado e ventilado. As vacas passaram a receber o alimento adequado para cada fase reprodutiva. A produção de leite subiu, de forma gradual, e os custos diminuíram. O produtor já colocou nas metas do próximo ano a aquisição de uma ordenha mecânica, o que além de poupar o trabalho braçal e dar mais qualidade para o leite.

O ensinamento mais importante da Assistência Técnica e Gerencial (ATeG), segundo o pecuarista, é que “no nosso dia a dia, sempre podemos melhorar”, conta com orgulho. E que conseguir bons resultados trouxe para ele “muita satisfação com o trabalho” e mais segurança, de que vai criar filha de 7 anos, se mantendo na atividade leiteira.





Quebrangulo

Alagoas

Maria Estela Pereira

Análise de solo e planejamento garantiram a safra de maracujá orgânico e a realização profissional.

Não foi por falta de vontade, nem de tentativa. Encontrar um cultivo viável e lucrativo foi uma busca que persistiu por anos para a produtora rural Maria Estela Pereira dos Santos. Tentou batata doce, inhame, feijão de corda e milho. Conseguiu colher,

mas a produção era baixa. Quando ouviu falar do Projeto Agronordeste, ela se inscreveu e tentou, mais uma vez, encontrar as respostas para as dificuldades da atividade rural.

Maria Estela vive com a mãe na propriedade que fica no município de Quebrangulo, a 120 quilômetros de Maceió, já na divisa com Pernambuco. Sempre trabalhou muito, mas nunca conseguiu viver da terra, por isso, trabalha como merendeira na escola rural perto de casa. A técnica de campo



Na foto: A técnica de campo e a produtora Maria Estela Pereira.

Valdelane Tenório da Silva Holanda, do Senar, faz os atendimentos da produtora desde dezembro de 2021. No primeiro encontro, Maria Estela contou que tinha o sonho de produzir maracujá orgânico, mas o ataque de pragas era frequente. E muitas pessoas lhe aconselhavam o uso de agroquímicos.

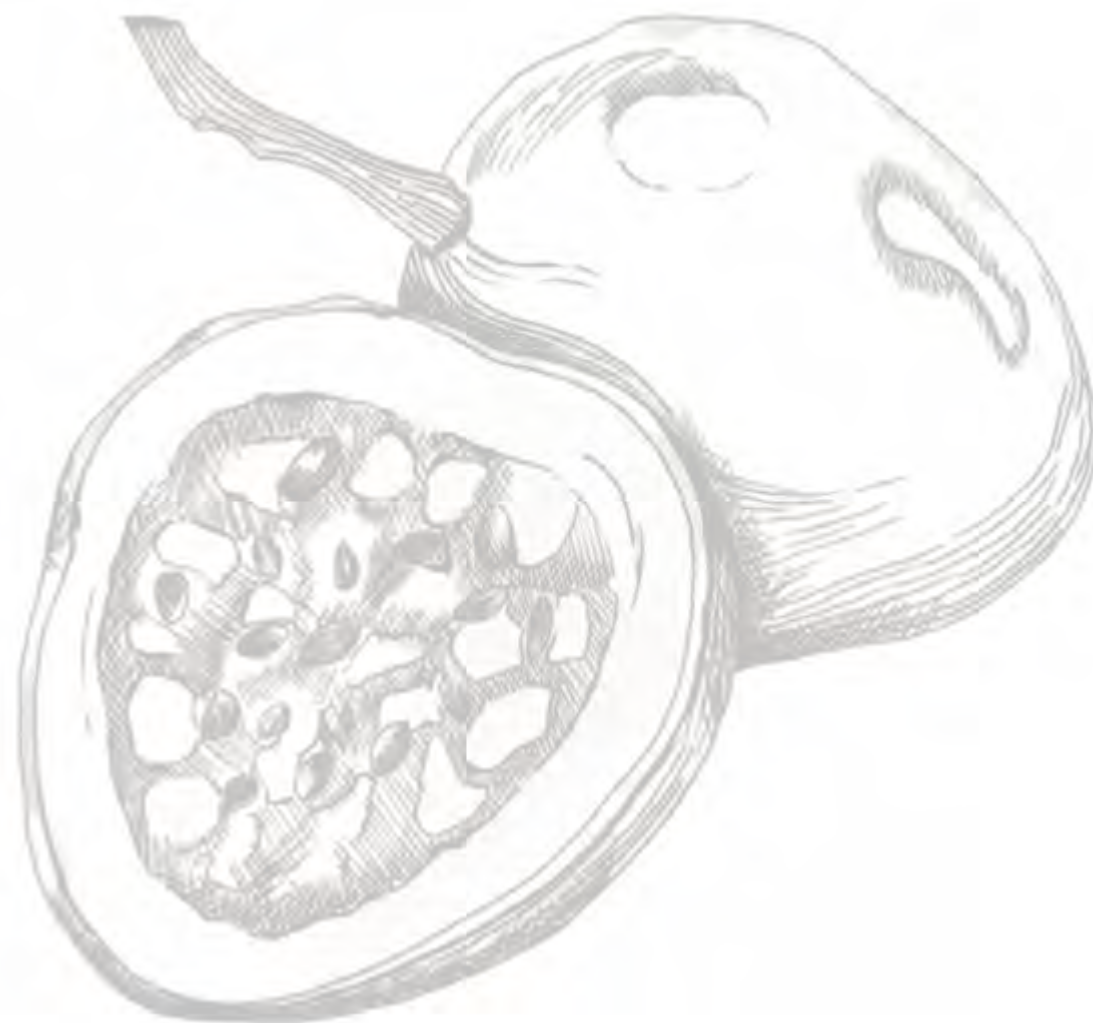
Aplicando a metodologia da Assistência Técnica e Gerencial (ATeG), a técnica Valdelane concluiu que dava para realizar o sonho do maracujá, mas algumas recomendações teriam que ser seguidas com rigor. A primeira era uma boa análise de solo para ajustar a dosagem de fertilizantes para o cultivo da fruta. O estaqueamento foi preparado para o plantio das mudas.

O plantio foi realizado com sucesso. A Maria Estela recebeu as orientações para identificar pragas e doenças, e aprendeu algumas práticas para prevenção e controle. Durante os atendimentos de ATeG, a técnica Valdelane pode transmitir também as técnicas para a polinização do maracujá, o manejo da colheita e pós-colheita. O resultado foi uma primeira safra de 2,5 toneladas da fruta com muito boa qualidade.

A receita com a comercialização deixou na Maria Estela a convicção de que o planejamento financeiro e da produção são a base de um trabalho bem-sucedido. “Hoje temos uma atividade produtiva e que ajuda de forma significativa a renda familiar”, destaca com alegria a produtora alagoana. E o próximo passo da propriedade já está traçado. A área plantada da safra seguinte será 20% maior.

As vendas do maracujá orgânico, que tem um valor de mercado acima do convencional, deram a tranquilidade para custear um tratamento médico que vinha sendo adiado. Além disso, ainda deu para comprar a matéria-prima para a confecção de vasos de argila e outros

materiais, que são uma terapia para mãe e filha, e que de quebra, são fonte complementar de renda. “A assistência técnica deu as condições para que eu tomasse as melhores decisões e tivesse os melhores resultados”, avalia a Maria Estela, que comemora o dia em que decidiu participar do Agronordeste. “A assistência técnica proporcionou uma mudança de vida para mim e para minha mãe”.



Santana do Ipanema

Alagoas

Antônio Araújo Damasceno Filho

Não houve conversa com o técnico de campo que não terminasse com um resultado: trabalhar menos com o serviço rendendo mais.

A lida diária de produção de leite no Sítio da Serra do Pau Ferro incluía duas viagens por dia de 10 quilômetros, carregando na motocicleta 120 litros da mercadoria recém-ordenhada. Na casa de Antônio Araújo Damasceno, 57 anos, sempre foi o gado que garantiu o

sustento da família. Inicialmente, criava os animais para corte, mas desde o nascimento dos filhos, há quase 30 anos, passou a produzir leite.

A propriedade localizada no município de Santana do Ipanema, a pouco mais de 200 km de Maceió, na área de Caatinga de Alagoas, abriga também o primeiro biodigestor da vizinhança. A ideia da instalação do equipamento nasceu durante a pausa para um café em uma das primeiras visitas do técnico de campo do Senar, Wilson de Brito Lira Júnior. A sugestão foi acatada na



Na foto: O produtor Antônio Araújo Damasceno Filho, colaborador do Senar e o técnico de campo.

53

hora pelo filho Marcos Antônio da Conceição Damasceno, de 28 anos, que divide as tarefas na fazenda com o pai, e assumiu o desafio de construir.

Em um ano e meio de funcionamento do biodigestor, o sr. Antônio eliminou a compra mensal de botijão e o uso de lenha na cozinha; deu uma destinação sustentável para os dejetos das 12 vacas e ainda descobriu um fertilizante muito eficaz para a adubação da palma forrageira.

A chegada da Assistência Técnica e Gerencial (ATeG) mudou o rumo da atividade, que vinha se tornando cada vez mais cara, a ponto do produtor pensar em abandoná-la.

Ainda bem que a família Damasceno não desistiu porque a ordenha que rendia 3.600 litros por mês, quando as visitas começaram em dezembro de 2020, passaram para 9.600 litros de leite, com as mesmas 12 vacas. O lucro de R\$ 2.700,00 no início dos atendimentos superou os R\$ 14.000,00 pouco mais de um ano depois.

A produção diária entregue ao atravessador por R\$ 1,75 o litro antes da chegada do técnico, passou a ser remunerada a R\$ 2,20 o litro no início de 2022, com uma enorme diferença para os custos e a sanidade do leite. O técnico Wilson conseguiu com o laticínio da região que fosse instalado um tanque no sítio Serra do Pau Ferro. Acabaram as despesas diária com combustível, além do preço maior pago pela agroindústria.

O filho Marcos teve certeza da vocação para o trabalho na fazenda, e melhor ainda, passou a ver a pecuária de leite como uma atividade lucrativa e com boas perspectivas de futuro. A família comprou um trator, com implementos que melhoraram a condução da lavoura. Além disso, uma nova unidade biodigestora será instalada. Terá capacidade maior para a conversão do gás em energia elétrica.



54





São José da Tapera

Alagoas

Lenildo do Nascimento Silva

Um banco de proteína trouxe a segurança para transformar a propriedade em um empreendimento rural.

A necessidade de trabalhar para outros proprietários rurais está no passado recente do produtor Lenildo do Nascimento Silva. O sítio de 6,4 hectares, localizado em São José da Tapera, no sertão alagoano, tem passado por uma transformação nos dois últimos anos.

Lenildo, que até recentemente precisava complementar a renda prestando serviços, hoje vive, exclusivamente, da caprinocultura de corte, principalmente, e de leite em segundo lugar.

Quando surgiu a oportunidade de receber Assistência Técnica e Gerencial (ATeG), Lenildo se apresentou ao grupo local de produtores. Se inscreveu com a esperança de adquirir o conhecimento que ajudasse a organizar a atividade que ele gostava tanto, e pudesse permanecer nela com independência.



Na foto: O produtor Lenildo do Nascimento Silva e família e a técnica de campo.

Na época, ele tinha um pequeno rebanho (18 animais) e conseguia vender, uma ou duas cabeças por ano. Criava as cabras soltas e, praticamente, sem nenhum cuidado específico, seja nutricional, sanitário ou reprodutivo. Manejos que ele só descobriu que eram recomendados a partir da primeira visita da técnica de campo Aldimária Femandes de Melo Souza, do Senar. Começou neste encontro um novo futuro para a propriedade.

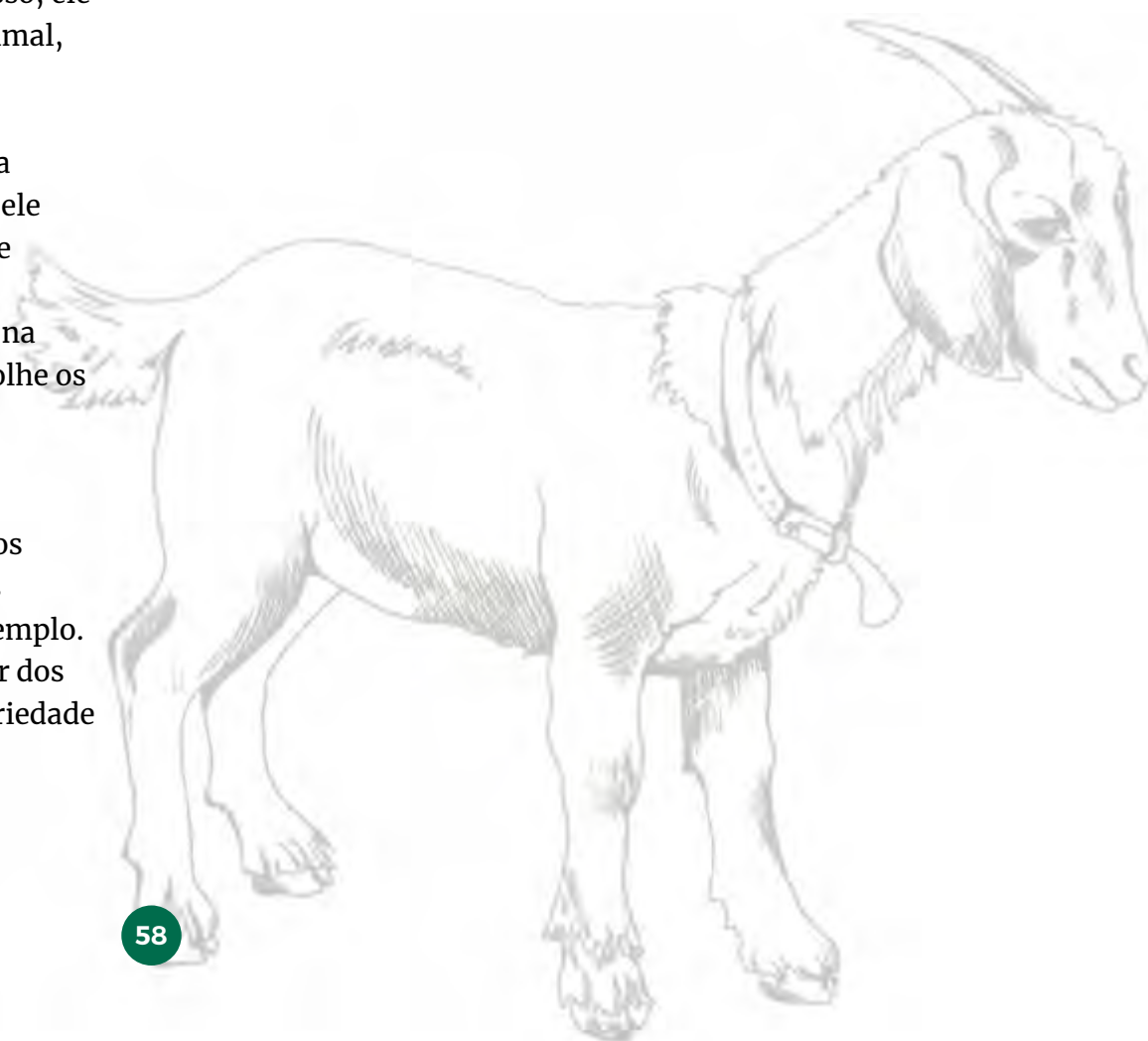
A caprinocultura é uma vocação quase natural na região de verões longos, quentes e muito secos. Mas até por essa condição, há necessidade de prover a alimentação, quando a vegetação verde diminui nos campos por falta de chuvas. Por isso, a técnica Aldimária recomendou ao Lenildo a implementação de um banco de proteínas.

Sementes e mudas de feijão-guandú, moringa, melancia forrageira, milhete e a palma deram início a uma área de cultivo que iria garantir a alimentação rica em proteínas durante todas as estações. Só com isso, ele já começou a evitar perdas e melhorar a saúde animal, além de reduzir os gastos com ração.

A propriedade rural tinha uma atenção secundária do Lenildo e da família. Mas a cada visita técnica, ele afirma que absorvia uma série de informações que o levaram a ver o sítio, como uma empresa rural. “Eu gerenciava mal, e deixava ela, para trabalhar na empresa dos outros”, conclui o produtor que já colhe os primeiros frutos.

As contas vêm sendo detalhadas no Caderno do Produtor, e desde que começaram os atendimentos de ATeG, ele já vendeu 12 animais, além de outros produtos, como o leite e o queijo de cabra, por exemplo. Com tratos adequados, há uma rotatividade maior dos animais, que permanecem menos tempo na propriedade porque atingem o desenvolvimento esperado no tempo certo.

Lenildo conta que pretende investir na melhoria genética das cabras, ampliar o rebanho e a oferta de proteínas vegetais. “Estou muito satisfeito com o Agronordeste. É uma grande oportunidade para o desenvolvimento do pequeno e médio produtor do Nordeste, e do nosso país”, celebra o caprinocultor. A rotina de trabalho continua tão ou mais pesada que antes, só que agora recompensada por bons resultados, aumento da renda e perspectiva de um futuro mais próspero para a família.



58





Araci
Bom Jesus da Lapa
Conceição do Coité
Guanambi
Jaguarari
Pé de Serra
Valente
Várzea Nova

Bahia



Araci

Bahia

José Rubens Santana de Souza

A ovinocultura de corte lucrativa ocupou o lugar do desalento com a atividade rural.

Dava até uma certa tristeza olhar para a Fazenda Angico. Parte do rebanho estava sem o manejo sanitário ideal e o pasto estava degradado. O pecuarista José Rubens Santana de Souza mantinha 34 ovelhas na propriedade de 6,5 hectares na cidade de Araci, a 210 quilômetros de Salvador, capital baiana.

O ovinocultor não tinha muita esperança de que a área se tornasse um empreendimento lucrativo. Em 2020, o sindicato rural da cidade mobilizou um grupo de pequenos produtores rurais para a inscrição no Projeto Agronordeste. O sr. José Rubens estava entre eles e passou a receber o atendimento de Assistência Técnica e Gerencial (ATeG).

A fazenda tinha uma boa área para as ovelhas e o sr. José Rubens sempre foi muito dedicado, mas faltava o conhecimento para o manejo sanitário dos ovinos e da



Na foto: o produtor José Rubens Santana de Souza.

lavou, para garantir uma boa alimentação. Quando o técnico de campo André José dos Santos fez suas primeiras recomendações para reorientar a atividade, o produtor recebeu com alguma desconfiança, mas colocou em prática as providências para ver se dava resultado. E olha que não foram poucas.

Com a ajuda da esposa, o sr. José Rubens passou a fazer a identificação dos animais, com controle de nascimento, peso, dados da saúde individuais. O calendário de vacinação e de vermifugação foram implementados. Enquanto isso, havia muito trabalho para melhorar a nutrição das ovelhas. Com oito piquetes na propriedade, começou o processo de recuperação do solo e o preparo da rotação de pastagem.

Uma área de 1 hectare foi separada para receber o plantio de milho e capim Mombaça. O sr. José Rubens aceitou a sugestão e implantou um sistema de fertirrigação por gotejamento. Ali, seria cultivada a matéria-prima do volumoso, que manteria abastecido o estoque de alimentos no longo período anual de escassez hídrica, com pasto seco.

O Caderno do Produtor passou a receber as anotações de todas as movimentações financeiras referentes à atividade produtiva. Pela primeira vez, as despesas e as receitas passaram a ter um controle detalhado.

Depois de alguns meses, até com um pouco de surpresa, o sr. José Rubens e a família começaram a ver os resultados. Animais saudáveis, mais bem nutridos e a futura alimentação se desenvolvendo vigorosa na área irrigada.

Em oito piquetes separados por cerca, a rotação de pastagem trouxe mais qualidade para o solo e o alimento dos animais. Após 2 anos de ATeG, o número de cabeças quase dobrou, e fechou o ciclo com

63 ovinos. O fechamento do último ano foi de uma produção de 1.178 quilos de animais vivos vendidos para abate e recria.

Enquanto a receita com a venda de carne subiu, os custos por quilo tiveram uma queda de 40%. A folga no orçamento registrada no Caderno do Produtor virou investimento na qualidade do plantel e da vida da família. A casa onde o sr. José Rubens vive com a esposa e o filho foi ampliada. No curral, a reposição dos animais agora segue o critério de adquirir indivíduos de raças mais valorizadas no mercado como a Santa Inês.

A desconfiança e o desalento iniciais foram superados. Quando olha para a propriedade em dias de muito trabalho, ele tem certeza que o conhecimento técnico tem as respostas para as dificuldades do campo, e depois entrar nessa trilha, a expectativa é de que “amanhã seja um dia sempre melhor do que hoje”.



que há décadas atinge os bananais, a fusariose ou mal do Panamá, uma doença provocada por fungo que tem grande poder de destruição de lavouras.

A propriedade tem 80 hectares cultivados com banana, das variedades nanica, prata e maçã princesa. Quando o Projeto Agronordeste chegou na região para levar a Assistência Técnica e Gerencial aos produtores, o sr. Ervino já estava pensando em eliminar o pomar de banana prata, que tinha talhões muito infectados pelos fungos. O técnico de campo, Gíneton Ferreira de Souza, do Senar, diagnosticou que seria possível recuperar a área atingida, sem perder a plantação. Afinal, a prata tem melhor valor de mercado do que a nanica, por exemplo, que é resistente à praga.

O produtor seguiu as recomendações técnicas, e entre as principais veio a análise de solo e das folhas. Com os dados em mãos foi possível dosar as adubações em períodos adequados, o que equilibrou a nutrição das plantas. O resultado foi um gasto menor com fertilizantes e defensivos agrícolas. Na colheita, o sr. Ervino pode oferecer um produto com mais qualidade, o que garante bom preço na praça, e uma margem de lucro mais atraente.

No período de 2 anos de atendimentos de ATeG, o sr. Ervino conseguiu aproveitar melhor a área produtiva e colheu 10% a mais de bananas. Os ganhos só não foram melhores porque houve uma alta de preços dos insumos, incluindo fertilizantes, combustível e energia elétrica. Estes itens que representavam 27% dos custos, aumentaram para quase 50% dos custos”, segundo o produtor.

Mas para esse gaúcho que escolheu a baiana Bom Jesus da Lapa para produzir e prosperar, não falta vontade, nem determinação de continuar evoluindo na fruticultura. “Sou muito otimista e apaixonado pela

minha lavoura, e tenho orgulho do que faço”, se emociona o sr. Ervino. “Quero deixar um solo muito melhor e equilibrado para meus sucessores”.

Entre as melhorias planejadas está a montagem de uma pequena agroindústria montada pela esposa, dona Débora. O objetivo é beneficiar a banana, comercializar um produto com valor agregado e aumentar o faturamento, além de abrir postos de trabalho na região.





Conceição do Coité

Bahia

Valdevino Soares da Silva

O conhecimento levado pela ATeG eradicou a podridão vermelha e despertou o gosto pelo conhecimento.

O sisal é uma planta estrangeira que se adaptou muito bem ao clima semiárido do Nordeste brasileiro. As mudas trazidas da América Central, no início do século passado, se tornaram a base da economia de um

território que ficou conhecido como região Sisaleira da Bahia. Entre os 20 municípios que integram a região, localizada a pouco mais de 200 quilômetros da capital Salvador está Conceição do Coité, que já foi chamada de “Rainha do Sisal” por conta da alta produção da fibra. Foi nesse cenário que cresceu Valdevino Soares da Silva.

O produtor rural sempre esteve ligado ao cultivo do sisal. Quando adquiriu seu pedaço de terra foi nessa matéria-prima que ele investiu seus recursos. Há dois anos, ele já tinha 9 mil pés na propriedade. Apesar de



Na foto: a técnica de campo, o produtor Valdevino Soares da Silva e família.

se desenvolver bem em locais de secas prolongadas e temperaturas elevadas, o cultivo exige algumas ações para prevenir doenças e perdas na produção.

A podridão vermelha é o principal problema fitossanitário do sisal, segundo diversas publicações da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, a Embrapa. Sr. Valdevino combatia a doença com o corte de folhas e de plantas, nos casos mais graves, mas o fungo resistia em parte da lavoura. Em 2020, ele passou a integrar o grupo de produtores atendidos pelo Projeto Agronordeste. Quando a então técnica de campo Érica Oliveira Ramos, do Senar, realizou o Diagnóstico Produtivo, recomendou uma série de práticas de manejo para evitar novas infecções.

Colheita de folhas sem critério técnico, utilização de mudas contaminadas e lesões provocadas nas plantas, ou ainda, o uso de resíduos do sisal na adubação, estavam entre os principais motivos para a disseminação da praga.

O sr. Valdevino não chegou a terminar a primeira fase do Ensino Fundamental e nunca tinha participado de cursos de capacitação que trouxessem informações sobre os tratos com o sisal ou qualquer outra cultura. E o produtor se viu encantado pelo conhecimento. As recomendações da Assistência Técnica e Gerencial (ATeG) foram seguidas à risca por ele, e os resultados apresentados com orgulho para quem quisesse ver. A erradicação da podridão vermelha conquistada na propriedade do sr. Valdevino virou vitrine na vizinhança. O local está sempre à disposição do grupo para aulas práticas e dias de campo. Perguntado se não considerava difícil atender as todas as recomendações técnicas, ele é bem direto. “As orientações melhoraram a produção e a renda da família”.

O sisal é uma das poucas culturas agrícolas que prosperam na região. E a maior parte das indústrias de beneficiamento está localizada em Conceição do Coité. Por isso, sr. Valdevino já plantou mais 2 mil pés de sisal, que espera começar a colher em dois anos.

Com a melhora na produtividade atingida com a ATeG, ele já pode comprar móveis e eletrodomésticos que trouxeram um pouco mais de conforto para a família.





Guanambi

Bahia

João Meira Cotrim

O ataque constante de pragas desmotivou o produtor até que a ATeG mostrou que era possível o controle, com lucro.

O agricultor João Meira Cotrim já pensava na possibilidade de eliminação do plantio de goiaba da propriedade. Ele estava desanimado com a falta de

resultado na aplicação de defensivos que não acabava com os ataques e as perdas na plantação. Localizada na cidade de Guanambi, no Sul baiano, o sítio de 2 hectares, reserva um talhão de 0,5 hectare para as goiabeiras, principal fonte de renda da família.

A técnica de campo Jéssica Hellen dos Santos Teixeira, do Senar, iniciou os atendimentos em maio de 2020. A agrônoma observou que o uso do inseticida não era apropriado para o inseto que atacava as folhas. Como não era bem-sucedido no controle da praga, o sr. João



Na foto: o produtor João Meira Cotrim e família e a técnica de campo.

insistia na utilização do produto, o que elevou muito o custo de produção. As árvores davam menos frutos, e os que vingavam tinham menor qualidade comercial.

As orientações da Jéssica mudaram o rumo da produção. Com a troca do produto para a calda de enxofre, em poucos meses a praga estava eliminada. O combate combinado com a indicação de poda correta para cada fase de desenvolvimento da planta e a adubação balanceada “salvaram a lavoura” como se diz na roça.

O gasto com a adubação caiu 35% de um ano para o outro. O controle de pragas teve uma eficiência financeira ainda maior. As despesas, depois da implementação das boas práticas, foram de R\$ 885,00 no primeiro ano para R\$ 145,00 no segundo ano de Assistência Técnica e Gerencial (ATeG). O sr. João, que vinha apresentando uma produtividade muito baixa, realizou uma colheita dentro do esperado para a variedade que ele cultiva, a Paluma, e ainda com frutos vistosos e saudáveis, o que valorizou a mercadoria na hora da venda.

Fruticultores vizinhos amargaram perdas que superaram os 50% da safra devido às dificuldades com as pragas. O mercado teve menos goiaba disponível e os compradores pagaram preços melhores pelo produto. A receita com a comercialização das goiabas ficou 2,5 vezes maior com 1 ano de participação no Projeto Agronordeste.

A goiaba se tornou a principal fonte de sustento da família. Sr. João divide as tarefas com a esposa e tem orgulho de trabalhar com o filho, Jádihel, que mora no sítio com a mulher e a filha pequena. Compartilhar o cultivo, neste caso, também significa aprender junto as “novidades”, forma como esses produtores se referem ao conhecimento técnico comprovado pela Ciência. “O comprometimento e a confiança do produtor em

seguir as orientações é que garante o sucesso”, destaca a técnica Jéssica, que diz que a metodologia do Senar é só o pontapé inicial nas vidas transformadas. “Quando o produtor constata que os problemas têm solução, muda a perspectiva de futuro e faz com que ele siga confiante, com sua cultura agrícola”.





Jaguarari

Bahia

Giovan da Silva Bonfim

Técnicas de manejo e diversificação de espécies tornam a produção de hortaliças orgânicas no Centro-Norte da Bahia a base de uma empresa rural viável.

Desde criança, Giovan da Silva Bonfim ouve sua mãe dizer que a produção de verduras na pequena propriedade da família era a melhor forma de manter o sustento e a união da família. O sítio fica no Povoado de Catuni da Grota, em Jaguarari, no sertão baiano.

A dificuldade de combater pragas em um ambiente de calor intenso impedia que a horta trouxesse a prosperidade sonhada para a roça do Giovan.

No início da vida adulta, o Giovan decidiu que era o momento de tentar outros caminhos e foi trabalhar fora. Retornou em 2019 com o objetivo de ficar perto da mãe Idia e da irmã Raquel e colocar as mãos na terra e produzir hortaliças, como era o desejo de dona Idia. Na época, Giovan estava com 27 anos e muito disposto a enfrentar os desafios da agricultura.



Na foto: o produtor Giovan da Silva Bonfim e família.

Iniciou um plantio de coentro, uma hortaliça aromática muito apreciada pela clientela na região do semiárido. Já o cultivo da alface não rendia o que ele esperava. O Giovan perdia muitas sementes e mudinhas para as formigas. Mesmo com toda a dedicação eram poucos os pés que vingavam e chegavam em condições para serem comercializados na feira. E foi lá na barraca de um colega que ele ficou sabendo do projeto Agronordeste.

Com os atendimentos da Assistência Técnica e Gerencial (ATeG), as coisas começaram a mudar e a pequena horta passou a receber um tratamento de empresa rural. O técnico de campo Evandro Miranda, do Senar, identificou um grande potencial de melhorias na roça do Giovan e fez um Planejamento Estratégico com o produtor que foi cumprido à risca.

O Giovan optou pelo manejo sem defensivos químicos e passou a fazer pulverizações semanais com insumos que atendem os requisitos da produção orgânica. Por orientação do Evandro, construiu uma pequena estufa para produzir as mudas de alface em bandeja, o que facilita o controle de pragas e permite que elas sejam transplantadas para o solo mais vigorosas para crescer. Para aumentar as opções de mercadorias oferecidas aos clientes, o produtor passou a plantar a alface americana, além da convencional; implantou a rotação de culturas com lavoura de brócolis, couve e rúcula. Antes rodava muitos mercados com poucos produtos. Hoje, vai a poucos pontos de venda e ganha mais.

Enquanto os novos cultivos melhoravam a renda, o Giovan olhava mais adiante e fez investimentos na propriedade. Construiu uma cisterna com capacidade de 52 mil litros. Perfurou um novo poço artesiano e adquiriu mangueiras para instalar um sistema de irrigação. A ampliação da disponibilidade de água

permitiu a expansão da área plantada. A produção de alface quase dobrou no período de atendimentos de ATeG, a variedade incrementou a receita. Enquanto modificava o manejo, Giovan fez cursos de Planejamento de Empresa Rural e Aplicação de Defensivos Agrícolas. Hoje, se sente mais preparado, com mais conhecimento para enfrentar as dificuldades do campo. “Procuro estar inovando sempre, aumentando a quantidade de produtos e melhorando a qualidade”, diz o Giovan a respeito das novas metas da propriedade.

O sucesso com as hortaliças trouxe mais bem-estar para a família de várias formas: a casa foi reformada e alguns eletrodomésticos entraram, mas, o mais importante é que a família está unida, com objetivos comuns e a certeza de que ali na propriedade está o trabalho, a segurança e o futuro de todos juntos.





Pé de Serra

Bahia

Gilson Ney de Oliveira Santana

A multiplicação na produção de mel fez o apicultor investir na atividade e inspirar o filho Gustavo.

Não é uma tarefa simples encontrar uma atividade rentável no coração do semiárido brasileiro. A cidade de Pé de Serra, a pouco mais de 200 quilômetros de Salvador, capital baiana, fica na região classificada como o Polígono das Secas, onde as chuvas não superam os 800 milímetros por ano, com temperaturas altas em

todas as estações. Nesse cenário, a família do produtor rural Gilson Ney de Oliveira Santana montou um pequeno apiário para a produção de mel, como uma alternativa para gerar uma renda complementar para a família.

E foi para tentar aprimorar o manejo com as abelhas que o sr. Gilson se inscreveu no Projeto Agronordeste para receber a Assistência Técnica e Gerencial (ATeG) do Senar, por dois anos. E quando os atendimentos começaram, a venda de mel tinha chegado a 105 quilos no ano. Após 20 meses de acompanhamento por parte



Na foto: o produtor Gilson Ney de Oliveira Santana e amigo e a técnica de campo.

da técnica de campo Lili Costa de Freitas, a produção e comercialização anual alcançou 1.000 quilos.

A trilha que levou a esse resultado teve início no planejamento. Entre as metas estava a realização de uma colheita adicional no ano. O produtor se preparou para oferecer alimento em épocas em que não há florada, quando as abelhas não encontram néctar e pólen para a nutrição. O apicultor também passou a seguir as boas práticas de manejo, como a troca da cera que se acumula nos favos e reduz o espaço para a produção de mel dentro das colmeias.

Entre as novidades levadas pela técnica de campo, estava o aproveitamento da cera como matéria-prima, que pode ser utilizada na produção de materiais biodegradáveis e na indústria de cosméticos. O que seria descartado, se tornou mais um produto à venda. No primeiro ano, foram produzidos e comercializados 6 quilos de cera.

Aos poucos, o sr. Gilson viu que valia a pena se dedicar mais a apicultura na propriedade. Depois de 12 visitas técnicas de ATeG, a produção já tinha superado meia tonelada, lembrando que antes das orientações de manejo, a produção girava em torno de 100 quilos/ano. Com o aumento na receita e maior controle das despesas, o segundo ano do projeto, já contava com 40 colmeias e 75 melgueiras. Com isso, o apicultor conseguiu coletar e vender 1.156 quilos de mel. O resultado da atividade foi uma margem líquida de R\$ 11.000,00, um ganho inédito para a família.

O trabalho na propriedade está voltado para o aumento do número de colmeias. A família do sr. Gilson planeja adquirir mais 20 caixas e uma centrífuga elétrica para tornar mais eficiente a

extração do produto das melgueiras. E se tudo der certo, ele deve contratar um colaborador para ajudar no manejo.

A experiência promovida pela equipe do Senar mostrou para o apicultor que o conhecimento técnico e de gestão abre o caminho para a prosperidade. E como não dá para vacilar no mercado, a próxima capacitação já está programada, é um curso para a produção de novas rainhas para a colmeia. E neste caso, o Gustavo que completou 18 anos recentemente, filho do sr. Gilson, vai junto. Inspirado pelo pai, ele sonha em transformar o manejo com as abelhas numa profissão.





Valente

Bahia

Feliciano da Silva

Nunca deixou a propriedade onde nasceu e criou as 5 filhas; com apoio técnico e gerencial, a ovinocultura de corte se tornou sustentável.

O produtor rural Feliciano da Silva nasceu, cresceu e criou 5 filhas na Fazenda Ferros, que fica em Valente, área sisaleira da Bahia. A propriedade de 7 hectares é uma herança do pai dele, Emiliano José da Silva, que não interessou para os irmãos que venderam a parte deles para o sr. Feliciano.

A principal atividade da fazenda era a bovinocultura de leite. Foi assim que ele e a esposa, dona Edinalva, criaram as filhas, todas formadas, sendo duas com pós-graduação, que atualmente só vêm para a fazenda para visitar os pais. Mais recentemente, a seca recorrente levou o produtor para outro ramo, a ovinocultura de corte, mais adaptada às condições climáticas da região.

O sindicato rural da cidade se mobilizou e formou um grupo de criadores de ovelhas com o objetivo de terem escala para a venda da carne. O sr. Feliciano criava



Na foto: o produtor Feliciano da Silva e família.

os animais soltos no pasto. Não conhecia os manejos necessários para alcançar uma boa produtividade. Quando o técnico de campo Allandelon Mota, do Senar, fez o Diagnóstico Produtivo Individualizado observou uma mortalidade alta de ovelhas.

A fazenda já possuía 4 piquetes, mas o produtor não fazia rotação de pastos porque não sabia que a medida daria uma alimentação mais nutritiva para o rebanho. Os tratos com o umbigo dos borregos (filhotes da ovelha) também não eram adequados, o que provocava infecções nos cordeirinhos.

Aos poucos, uma relação de parceria e confiança se construiu entre técnico e produtor, e o sr. Feliciano e dona Edinalva passaram a seguir todas as recomendações para melhorar a sanidade animal: vacinação contra clostridiose e raiva, controle de carrapato, vermifugação e complementação com vitaminas. Os animais foram identificados com colares numerados, que tem cores específicas para cada categoria de desenvolvimento.

Depois de alguma resistência inicial, o produtor passou a fazer todas anotações necessárias para o acompanhamento da criação e do desempenho econômico da fazenda. Os manejos promoveram o ganho de peso adequado dos animais e o sr. Feliciano alcançou uma receita maior depois de um ano de ATeG. Ele quer continuar investindo na melhoria dos tratos. Com o aumento da receita, ele já comprou um reprodutor da raça Dorper para fazer cruzamentos e melhorar a genética das ovelhas.

Depois de dois anos de atendimentos de Assistência Técnica e Gerencial (ATeG), o técnico Allandelon declara que se sente realizado em contribuir para que a Fazenda Ferros tenha se tornado uma empresa rural lucrativa. O produtor Feliciano fica satisfeito durante

as visitas dos netos, que se interessam pelas tarefas da propriedade. A filha Keila conta que ela e as irmãs têm orgulho do trabalho dos pais, ainda mais com o progresso alcançado com o apoio das orientações do Senar. Inclusive, já está programada a reforma da casa, que contribui para manter viva a história da família.



Diminuir as despesas com a alimentação do rebanho foi uma das primeiras providências. A família já mantinha uma pequena lavoura, mas o Diagnóstico Produtivo mostrou a necessidade de aumentar a produção de alimentação na propriedade. O produtor ampliou o plantio de milho, da palma e do BRS Capiacu, um capim altamente energético e de menor custo de cultivo. Com volume maior, ele passou a fazer a silagem e garantir a nutrição do gado o ano todo.

A sala de ordenha e os currais também foram melhorados. As instalações foram adequadas para atender as exigências sanitárias, com mecanização completa da retirada do leite. O cercado das vacas recebeu cobertura para aumentar o conforto e o bem-estar animal. Afinal, neste pedaço do semiárido, o período seco é longo, vai de março a novembro, com temperatura média anual de 24°C.

Um dos investimentos que logo mostrou resultado foi a colocação de placas solares no poço artesiano. A medida poupa esforço físico e gastos com energia elétrica no presente e no futuro. Com os custos mais ajustados, o Marinho trouxe mais vacas para o sítio, passou para 25 animais em lactação. A produção saiu dos 300 litros/dia para 620 litros/dia em dois anos. Mesmo com os gastos com a aquisição de novas matrizes e reformas na estrutura, a renda cresceu 50% no período de visitas do técnico.

O Marinho constatou que o futuro com mais segurança e conforto, para ele e a família, está no campo. Aos 32 anos, o pecuarista só pensa em utilizar os novos conhecimentos para tornar a propriedade ainda mais produtiva. Quer investir no melhoramento genético do rebanho. Planeja comprar mais animais e aperfeiçoar o manejo na recria, quando o animal desmama e se desenvolve para a produção.

Um dos aprendizados da ATeG é a importância de estabelecer metas e persegui-las com foco na gestão de recursos. Por isso, o Marinho planejou aumentar sua produção no próximo ano para 1.000 litros/dia. Para ele, a assistência técnica trouxe as soluções para as dificuldades diárias na propriedade, mas vai além: incentiva os produtores a buscar novos conhecimentos, a apostar na qualidade da produção, o que resulta em mais renda.



Brejo Santo
Santana de Acaraú
Senador Sá
Trairi

Ceará



Brejo Santo

Ceará

Clebson Soares

Produtor de leite reduziu custos com o cultivo da alimentação do gado na propriedade, e ainda gerou renda extra.

O técnico de campo do Senar, Kayke Pereira Mendes, lembra bem da primeira visita à propriedade do seu Clebson Soares. O pecuarista estava recebendo a silagem que havia comprado para alimentar as vacas, e se queixava do custo que quase não deixava margem de lucro. Era dezembro de 2020, e ele pensava em desistir da produção de leite e vender todo o rebanho, com 31 animais.

Conversando com o produtor e olhando as instalações do sítio Várzea Cumprida 1, o Kayke viu que seria possível melhorar bastante a nutrição dos animais, sem depender de compra do volumoso, que é a parcela da dieta mais rica em fibras.



Na foto: O produtor Clebson Soares e o técnico de campo.

No Planejamento Estratégico para o primeiro ano de ATeG, o pecuarista e o técnico colocaram como meta a redução dos custos de nutrição dos animais. A propriedade, de quase 10 hectares, tinha uma boa área para a pastagem e o cultivo de grãos, mas necessitava de melhorias para garantir uma boa qualidade da alimentação, e quantidade também.

O senhor Clebson encomendou a análise do solo, seguiu o calendário de adubação no pastejo e aceitou a proposta do Kayke de produzir a silagem a partir da lavoura de milho, em área irrigada implantada na propriedade. Depois de um ano, o bovinocultor tinha silagem para alimentar seu gado e até para vender para os vizinhos, o que além de garantir a nutrição do rebanho o ano todo, ainda reduziu os custos. Na área de 3,8 hectares onde está o milho, ele ainda tem a opção de fazer a silagem ou direcionar o plantio para a venda de grãos, o que lhe garante uma renda a mais.

Enquanto a qualidade da pastagem melhorava, o Kayke foi dando as orientações para aprimorar o manejo reprodutivo das vacas. E desde que a alimentação melhorou e alguns ajustes foram feitos no trato dos animais, já nasceram 8 bezerros, desses 5 são fêmeas. Com 13 vacas em lactação, ele produz 114,5 litros de leite por dia. Com os novos animais, o pecuarista pretende aumentar essa produção e diluir os custos fixos da atividade, que cresceram muito entre 2021 e 2022. O sr. Clebson conta que sempre tira dúvidas e pede orientações para o Kayke e considera que a parceria mudou totalmente a visão que ele tinha da atividade rural. Com o progresso feito nos últimos meses, “desistir” é uma palavra que desapareceu do cotidiano do produtor. Atualmente, ele acredita que as boas práticas – técnicas e de gestão – da atividade rural podem solucionar suas dúvidas e orientar as decisões para melhorar o desempenho do seu empreendimento.





Santana de Acaraú

Ceará

Ana Mikaely do Monte de Vasconcelos

Avicultora deu um salto na produção de ovos; de 15 para 160 ovos por dia em 1 ano de ATeG.

A vontade de empreender faz parte da vida da Ana Mikaely Vasconcelos desde a juventude. Moradora da cidade de Santana de Acaraú, no Sul cearense, ela sempre gostou de lidar com a criação de animais. Na propriedade do sogro, cuidava de algumas vacas,

mas a atividade leiteira não dava lucro. Ela acabou comprando um lote de 50 galinhas poedeiras e colocou num galpão improvisado. Quando começou a produção de ovos, não passava de 15 por dia, e o pior, ela começou a perder animais.

No pequeno galpão da propriedade, a criação das galinhas era baseada muito mais na intuição do que no conhecimento. Não havia controle de gestão, nem aplicação de calendário vacinal, ou o fornecimento de rações adequadas às diferentes fases produtivas.



Na foto: A produtora Ana Mikaely e família e o técnico de campo.

Estas são algumas das anotações do Diagnóstico Produtivo feito pelo zootecnista, Francisco Caio Vasconcelos, técnico de campo do Senar. Foi o início da Assistência Técnica e Gerencial (ATeG) do Projeto Agronordeste.

Os ajustes foram feitos no galpão para abrigar um novo lote de galinhas. A orientação do técnico foi investir poedeiras de boa linhagem. A Mikaely adquiriu 230 galinhas da linhagem Embrapa 051, que são reconhecidamente produtivas e bem adaptadas ao clima quente da região. Sem se intimidar com os desafios, a produtora passou a cuidar da higiene; do preparo da ração e do recolhimento dos ovos. O marido Sérgio é professor e ajuda na comercialização. A filha Lavínia, de 13 anos, ajuda na divulgação dos ovos nas redes sociais. O casal ainda tem a Letícia, de 7 anos.

Com a nutrição preparada e direcionada a cada fase da vida das poedeiras, a produção aumentou aos poucos. Com 53 semanas de vida, eram 209 galinhas com uma taxa de postura de 77% (160 ovos/dia). Feitas as adequações sanitárias no estabelecimento, a dona Mikaely conseguiu o Selo de Inspeção Municipal – SIM, o que garante um produto de mais qualidade, verificada pela equipe de veterinários da Secretaria de Desenvolvimento e Meio Ambiente e da Vigilância Sanitária de Santana do Acaraú. O selo permite a venda em todo o município.

As orientações técnicas ajudaram a melhorar a renda e abriram novos horizontes para a família. Dois novos galpões estão nos planos da empreendedora, cada um com capacidade para mil galinhas. Com duas mil aves, ela planeja produzir 1.800 ovos por dia, num prazo de cinco anos. Antes disso, ela quer comprar um carro para facilitar as entregas da avícola. Também quer construir assim que der, um pequeno entreposto, para selecionar os ovos, embalar e etiquetar as caixas com o nome da marca que ela já escolheu: Criatório Nossa Senhora Sant'Ana.

E na próxima etapa, já está nas planilhas da Mikaely, atender as todos os requisitos para conseguir o Selo de Inspeção Estadual, que vai liberar a comercialização nas cidades próximas.





Senador Sá

Ceará

Francisco José da Silva

Melhoramento genético do rebanho de ovinos tornou a atividade lucrativa.

A ovinocultura é o meio de sustento da família do sr. Francisco José da Silva desde sempre. Morador do município Senador Sá, na região Norte do Ceará, onde predomina o bioma Caatinga, o pequeno produtor rural lida com os animais 7 dias por semana, acompanhado pelo neto, Denílson, que tem 19 anos.

Apesar da experiência na atividade, o Sr. Francisco tinha um lucro modesto com o rebanho que ele vende para corte. Em 2020, surgiu a oportunidade de receber Assistência Técnica e Gerencial (AteG) por meio do projeto Agronordeste. A partir do início dos atendimentos do técnico de campo Daniel Bastos,



Na foto: O produtor Francisco José da Silva e família e o técnico de campo.

do Senar, o produtor passou a fazer uma série de controles que nunca fizeram parte da rotina na propriedade. O sr. Francisco passou a registrar os nascimentos, o peso de cada animal, nas diferentes fases da criação e o controle reprodutivo. Enquanto isso, as ovelhas passaram a ter um controle sanitário. Foram medidas que tiveram impacto na queda da mortalidade.

Modificações no pastejo melhoraram a qualidade da alimentação dos animais e a quantidade disponível o ano todo. Um passo decisivo na melhora dos resultados foi o melhoramento genético. Aos poucos, o sr. Francisco foi trocando as fêmeas sem raça definida, por Dorper e Santa Inês. São raças de pelo curto, menos suscetíveis a doenças e que atingem bom peso com pouca alimentação.

As orientações técnicas recebidas do Daniel ajudaram também a despertar a curiosidade e o apetite por mais conhecimento. Durante a pandemia, além dos atendimentos, o produtor concluiu 4 cursos online para aprimorar o manejo: inseminação artificial em tempo fixo; negócio certo rural; doenças transmissíveis e saneamento básico; e pastagem para ovinocultura.

Com a ajuda do neto Denílson, sr. Francisco passou a fazer todas as anotações de despesas e receitas; conseguiu administrar melhor os ganhos e a decidir onde aplicar com mais segurança. “A minha nota para o Senar é 10”, afirma o produtor, satisfeito, não só com os resultados, mas com a perspectiva de aumentar o rebanho que conta com 20 animais.

Satisfeito com as novas realizações na pequena propriedade, sr. Francisco guarda um orgulho em especial, o de transmitir para o neto o amor pela ovinocultura. E as visitas do técnico de campo Daniel

despertaram no Denilson, o desejo de fazer uma faculdade que lhe dê mais ferramentas para seguir o ofício do avô. “É o meu sonho”, diz o jovem.





Trairi

Ceará

João Alves Freire

Produtor de coco dobra a produção com redução de custo, e agora, vende direto para a indústria.

A propriedade em Trairi, no Ceará, tinha os 12 hectares ocupados por 1.000 coqueiros, mas os ganhos não pagavam os custos de produção. Mas isso, o proprietário João Alves Freire suspeitava, mas não sabia, porque não fazia as anotações para controle de despesas e receitas.

A inscrição no Projeto Agronordeste foi o caminho para mudar essa realidade. A técnica de campo Silviene Chaves, do Senar, traçou o Planejamento Estratégico com o sr. João, que tinha como metas reduzir os custos e melhorar a produtividade das plantas. O seu João, mesmo sendo técnico em agropecuária, não tinha os conhecimentos específicos da cadeia produtiva do coco.

O sr. João conta que antes dos atendimentos pela Assistência Técnica e Gerencial (ATeG), colocava adubo de forma aleatória nas plantas, e muitas



Na foto: A técnica de campo, o produtor João Alves Freire e família.

nem precisavam. Foi o que ele ficou sabendo depois de começar a fazer a análise de solo e foliar, e aplicar no coqueiro apenas o que ele precisava. E só nessa ação, os custos já começaram a baixar.

O ataque de pragas e doenças provocava muitas perdas. O uso correto de defensivos agrícolas, baseado em conhecimento e individualização do problema, também foi um fator importante para reduzir despesas e tornar as árvores mais produtivas.

Quando os atendimentos começaram, o sr. João colhia menos de 100 cocos por planta em 1 ano. Atualmente, cada coqueiro produz, em média, 200 cocos em 12 meses. Após o primeiro ano de assistência técnica, a plantação de coco já deu um pequeno lucro, de R\$ 1,21 por quilo do coco seco. Pelo mesmo produto, no segundo ano, o produtor obteve R\$ 2,08 de lucro pelo quilo.

Outra medida que melhorou os ganhos dele e dos vizinhos, que cultivam o coco, foi fazer negociações diretamente com a indústria beneficiadora. Ao retirar o atravessador da cadeia de comercialização, os produtores conseguiram um preço melhor pelo produto. Além disso, o grupo passou a fazer compras coletivas de insumos, com quantidades maiores, os produtores conseguiram preços melhores.

A renda familiar melhorou e o sr. João foi logo investindo em um sistema de energia fotovoltaica. Hoje, a irrigação e toda a eletricidade necessária na casa e na produção vem da luz do sol. Ele também contratou internet de fibra ótica, com boa qualidade de conexão, o que facilitou inclusive, as capacitações que deram mais conhecimento ao produtor sobre a produção e o mercado de coco. Ajudou também os dois filhos, a Raíssa, que faz escola técnica e o Pedro Vicente que está na faculdade, e precisaram ficar no ensino remoto por conta da pandemia.

As orientações gerenciais também abriram as portas para políticas públicas como o acesso ao crédito rural, que ajudou a trazer capital de giro para investimentos.

No momento, o sr. João planeja um salto na produção. Prepara a terra para o plantio de mais 500 coqueiros. A projeção é que eles comecem a dar frutos em dois anos e meio. Com os outros produtores, sr. João lidera a formação de uma cooperativa que vai fortalecer ainda mais o grupo e a comunidade.



Carolina
Dom Pedro
Grajaú
Igarapé Grande
São Pedro da Água Branca



Maranhão

Carolina

Maranhão

Wener de Sousa Araújo

O rebanho foi triplicado com a Assistência Técnica e Gerencial e a fazenda se tornou uma empresa lucrativa.

A propriedade mantinha um rebanho destinado a ovinocultura de corte, que era tocada de maneira informal, sem controles de despesas, custos e receitas por parte dos produtores.

A Fazenda Jatobá fica em Carolina, no Maranhão, cidade onde nasceram os irmãos Araújo, Wener e Antônio. Em 2021, foram iniciados os atendimentos da Assistência Técnica e Gerencial (ATeG) do Agronordeste.

O Diagnóstico Produtivo, realizado em parceria com o técnico de campo Luciano Soares Tavares, do Senar, mostrou que além de organizar a gestão do plantel, era urgente colocar em planilhas as finanças da atividade. O Caderno do Produtor passou a ser preenchido detalhadamente quando o rebanho tinha 50 cabeças.



Na foto: A equipe de campo e o produtor Wener de Sousa Araújo.

Não havia manejo nutricional ou de pastagem, fatores que impediam que os animais atingissem todo o seu potencial produtivo.

Enquanto a área de pasto era ampliada seguindo as recomendações técnicas para ofertar alimento nutritivo, inclusive nos meses de estiagem; os currais eram adequados às exigências sanitárias.

Uma das principais finalidades dos produtores é a venda de crias. Por isso, o manejo reprodutivo dos animais é estratégico para melhorar os resultados. O veterinário Luciano orientou a adoção de uma estação de monta. A identificação do período reprodutivo das fêmeas para a exposição aos touros trouxe uma melhora do índice de prenhez (gestação), que saiu de 30% para 98%.

O nascimento de bezerros triplicou na propriedade no intervalo de um ano e meio. A nutrição adequada a cada faixa de desenvolvimento abreviou o ganho de peso das crias e o valor da venda aumentou em 30%. Os investimentos na propriedade estão direcionados para a melhora genética do rebanho Nelore.

Depois de implantar a estação de monta natural, os produtores vão partir para a inseminação artificial. A tecnologia deve acelerar a produtividade e a qualidade dos animais ofertados no mercado.

O conhecimento que os irmãos Araújo adquiriram com os atendimentos de ATeG estão sendo aplicados também em uma outra atividade da fazenda, a criação de ovinos.





Dom Pedro

Maranhão

Raimundo Pereira Damaceno Filho

Já tinha desistido do plantio de mamão quando a ATeG mostrou que na mesma área dava para colher duas safras.

Já estava tudo decidido quando a técnica de campo Taise Borges Fagundes Silva, do Senar, entrou pela primeira vez no Sítio Damaceno. Aquela seria a última safra de mamão que seria colhida na propriedade, localizada

em Dom Pedro, região central do Maranhão. Com esse propósito em mente, o fruticultor Raimundo Pereira Damaceno Filho, mostrou a plantação para a engenheira agrônoma do projeto Agronordeste.

Alguns frutos e as plantas estavam contaminados por mais de um fungo e o vírus da meleira do mamão. O sr. Raimundo estava desanimado porque gastava com defensivos, as pragas não sumiam e a produtividade não era suficiente para compensar os custos. Mas para a técnica Taise ainda não era



Na foto: A equipe de campo e o produtor Raimundo Pereira Damasceno Filho.

hora de condenar aquele pomar. Com um manejo adequado, ela tinha certeza que dava para manter árvores e colheita, garantindo uma renda para a família.

A técnica de campo orientou o tratamento adequado, ressaltando a importância do modo de aplicação, horários e doses recomendadas. O produtor mostrou sua confiança na Assistência Técnica e Gerencial (ATeG) ao concordar com a eliminação de uma pequena área recém-plantada que estava perto das árvores que apresentavam algum grau de contaminação.

E dali para frente, o sr. Raimundo passou a adotar o calendário fitossanitário no manejo e a análise de solo. Pela primeira vez, utilizou calcário para a correção de acidez e uma adubação sob medida para as culturas: mamão e banana. A safra acabou melhor do que o sr. Raimundo imaginava, com uma outra novidade. Os tratamentos culturais adequados trouxeram ainda uma nova colheita no ano, da mesma área plantada.

“As estratégias que adotamos no primeiro momento foram para garantir a produção na lavoura que já existia”, explica a Taise. “Mas no ciclo seguinte, o plantio precisava mudar para alcançar melhor produtividade”, ela relata projetando a próxima safra.

As novas mudas passaram a ser selecionadas e o produtor recebeu as orientações para abertura de covas e como fazer a adubação. Medidas que apontam para uma colheita ainda mais rentável para a família do sr. Raimundo. E aí entra uma das pessoas mais entusiasmadas com os resultados, a dona Eliana de Sousa Damaceno, que cuida do pomar com o marido. “Os vizinhos comentam como seu plantio tá bonito e saudável”, ela faz questão de contar. E continua

“é que o Raimundo faz tudo que a Taise recomenda”. A melhora na receita da propriedade no último ano e meio foi responsável pela compra de um veículo para levar as frutas para as feiras e para fazer as entregas das encomendas. Também deu para aumentar um pouquinho o conforto no sítio, onde vivem ainda, a sogra do fruticultor, a filha, o genro e a netinha. A estrutura da casa melhorou, entrou um fogão novo e um sofá também. “Que desistir, que nada. Ainda tem muito o que aprender”, conclui a dona Eliana.



Grajaú

Maranhão

José do Bonfim Alves Pereira Câmara

A redução de peixes no tanque aumentou a produtividade que ajudou na construção da casa na chácara.

Em busca de uma atividade rural promissora, o sr. José do Bonfim Alves Pereira Câmara tentou diversas culturas agrícolas, mas após algumas frustrações, teve sua atenção capturada para um ramo diferente. Em 2018, seguiu os passos de outros produtores da região e passou a exercer a piscicultura.

A criação de peixes vem ganhando escala no Maranhão. Nos últimos anos, o Estado se alternou entre o quinto e o sexto lugar no ranking nacional da piscicultura, de acordo com o Anuário Peixe BR 2022 da Associação Brasileira da Piscicultura. E o Maranhão é o terceiro colocado nacional,



Na foto: O produtor José do Bonfim Alves Pereira Câmara e a equipe de campo.

se a ordem considerada for o cultivo de peixes nativos. Foi esse o nicho que o ex-produtor de tomates, sr. Bonfim, escolheu.

Reservou um hectare da fazenda para o tanque e iniciou o cultivo. A produção mal cobria os custos, ou melhor, era o que o Sr. Bonfim imaginava porque não havia controles. “Não dá para informar, criávamos de qualquer jeito”, contou o piscicultor. Em 2020, ouviu de um amigo que um projeto de Assistência Técnica e Gerencial poderia ajudar a solucionar os problemas na produção. Foi quando ele se inscreveu no Agronordeste.

Na conversa inicial com o sr. Bonfim, o técnico de campo Matheus Menezes Martins, do Senar, listou uma série de procedimentos que precisavam ser implementados logo, para reverter perdas e transformar o cultivo numa fonte de renda segura para a família. “Quantidade de peixes, de água e de ração não seguiam critérios técnicos. Precisava mudar o modelo”, ainda lembra o piscicultor.

O crescimento dos peixes estava comprometido pela carga de ração e dejetos. As análises mensais foram usadas para corrigir a frequência de renovação da água. A biometria foi inserida na rotina da propriedade. É uma técnica que utiliza amostras de peixes para verificar peso e estado de saúde dos animais. Os resultados ajudam a ajustar o volume de ração que os peixes necessitam.

Com tudo anotado no Caderno do Produtor, ficou claro que os gastos com ração estavam altos. Uma das sugestões do técnico Matheus foi a compra coletiva do insumo. O grupo de produtores concordou com a ideia e hoje o sr. Bonfim desembolsa 25% menos com a alimentação do plantel. Quando se olha só para os alevinos, a redução foi de 50%.

As adequações recomendadas para elevar a qualidade dos peixes, reduziram a quantidade de animais de 10.000 por hectare para 4.000 por hectare. Mas ao invés de cair, a produção só aumentou. Seguindo os parâmetros científicos, o tempo de berçário diminuiu de 6 meses para 2 meses; e o período de engorda, de 12 meses para 6 meses. Resultado, depois de pouco mais de um ano de atendimentos de ATeG, o produtor retira 6,5 toneladas/hectare/ano. Antes, esse número era 4 toneladas/hectare/ano.

Os bons indicadores deram segurança para fazer alguns investimentos para aumentar a produtividade. O mais recente foi a compra dos aeradores para melhorar a oxigenação da água.

“Minha avaliação é nota 10”, disse o sr. Bonfim sobre os atendimentos mensais. “Se não fosse o técnico, eu acredito que estaria parado no tempo, ou até mesmo, desistido da piscicultura”. A criação de tambatinga, panga e curimatã se tornou a principal atividade na fazenda. A renda cresceu 50% e ajudou a construir a casa na chácara, que trouxe um pouco mais de conforto para toda a família.





Igarapé Grande

Maranhão

Evanildo Oliveira dos Santos

A orientação técnica deu a segurança de ter o alimento para o gado no período seco e ainda dobrar a produção de leite.

Igarapé Grande é um município da região central do Maranhão que desde os anos 1950 tem crescido impulsionado pela pecuária leiteira. Na fazenda do produtor Evanildo Oliveira dos Santos, a criação de gado é uma herança de família que garantia apenas a subsistência sem conforto, muito menos, luxo.

Com cerca de 30 bois e vacas, criados soltos no pasto, o senhor Evanildo e o pai dele, Damião Cirilo dos Santos, produziam, em média, 20 litros de leite por dia. Nos períodos de chuva, a média subia um pouco, mas não chegava a fazer diferença na renda da casa. Quando o produtor foi convidado a participar



Na foto: O produtor Evanildo Oliveira dos Santos e o técnico de campo.

de um projeto que fornecia Assistência Técnica e Gerencial (ATeG) a produtores rurais da região, ele quis fazer parte para saber se podia mudar alguma coisa no trato com os animais.

Na primeira visita do técnico de campo Marcos Vinícius Nunes Ferreira, o pecuarista manifestou o desejo de dobrar a produção de leite em busca de um melhor Retorno financeiro com a atividade. O agrônomo do Senar constatou uma boa área para o plantio de capim de corte para fornecer uma alimentação mais nutritiva para o rebanho.

A cultivar escolhida foi o BRS Capiacu, uma variedade de capim desenvolvido pela Embrapa que pode crescer até 4,20 metros de altura. Em três meses de participação no projeto Agronordeste, o sr. Evanildo constatou que o volume de alimento que ele passou a produzir na propriedade seria suficiente para o gado no inverno e no verão.

O plantio de milho também foi indicado para compor a ração no período de estiagem. O Planejamento Estratégico previu a construção de um sistema de irrigação que foi implantando pelo produtor. As Inovações deram tão certo que no segundo ano de ATeG, o sr. Evanildo já prepara uma nova área para ampliar o plantio de milho.

Depois de um ano e meio de visitas técnicas, seguindo todas as recomendações, o sr. Evanildo é um exemplo na produção de silagem e um multiplicador do conhecimento que adquiriu com os atendimentos do Senar. Os vizinhos vão até a propriedade para ver como fazer os cortes no capim e o manejo para a armazenagem, o que deixa o produtor com muito orgulho do trabalho que vem sendo feito. “Com a alimentação do rebanho garantido na seca, tudo fica melhor”, analisa a dona Antonia Marcia, mãe dos 4 filhos do casal que tem entre 12 e 20 anos.

E aquele desejo de dobrar a produção de leite na fazenda, foi plenamente satisfeito, com folga. A produção atingiu a meta e vai continuar crescendo. O ganho extra da propriedade já garantiu o aumento do rebanho em 10%, e o que está nos planos é investir em novos animais.





São Pedro da Água Branca

Maranhão

Moab Araújo Pereira

Planejamento forrageiro, cuidados sanitários e compras coletivas impulsionaram a produção de leite em 85%.

A produção de leite na Fazenda Baixa Verde não ia nada bem quando o técnico de campo Tácito de Almeida, do Senar, chegou lá, pela primeira vez em dezembro de 2020. O rebanho tinha 39 cabeças e a ordenha diária era de 35 litros de leite/dia em média. O proprietário Moab Araújo Pereira gastava muito mais para alimentar o gado do que recebia pelo produto.

Depois de elaborar o Diagnóstico Produtivo Individualizado, técnico e produtor constataram que o custo operacional total da propriedade representava 124% da renda bruta o que indicava que a atividade era inviável a médio prazo. Não é fácil ter acesso a recursos de qualquer ordem no pequeno município de São Pedro da Água Branca, que fica a uma distância de



Na foto: O produtor Moab Araújo Pereira, família e o técnico de campo.

700 km de São Luís, capital do Maranhão. A cidade de 12 mil habitantes está localizada no extremo Oeste do Estado, na divisa com o Pará.

O pecuarista nunca havia feito o manejo de pastagem. Durante o período de estiagem, o gado perdia peso e produzia menos leite. A primeira ação foi garantir o alimento e a saúde das vacas. Uma área de 15 hectares, que corresponde a 35% da propriedade, foi destinada a implantar um sistema produtivo mais eficiente. O solo passou por correção e preparo para receber um capim mais resistente à seca e que garantia um alimento mais adequado para as necessidades animais, o BRS Capiaçú.

O sr. Moab e a esposa Ana Paula seguiram a recomendação de separar o pasto em piquetes. Enquanto o trato dos animais era atualizado no campo e nos currais, a gestão da fazenda passou a ter controles anotados, pela primeira vez.

A produção de leite quase triplicou no período de atendimentos da Assistência Técnica e Gerencial (ATeG), e a renda também. Os animais que não se enquadravam nos padrões de produtividade leiteira, começaram a receber os tratos para a venda para corte. No primeiro ano do atendimento, não faltou pasto e o produtor pode até alugar parte da área para outros pecuaristas no verão. Por sugestão do técnico, os vizinhos se organizaram para adquirir insumos de forma coletiva, o que diminuiu os gastos.

O gerenciamento do gado levou a uma redução do rebanho de 39 para 33 cabeças, mesmo assim a produção leiteira aumentou, em média 85%, de acordo com os registros no Caderno do Produtor. Em 2020, apenas 36% das vacas da propriedade estavam em lactação. Essa proporção saltou para 65% após 1 ano e meio de visitas técnicas, e o desempenho tende a aumentar. O custo total da propriedade caiu e, atualmente, se encontra em um patamar que garante a atividade a longo prazo.

“Para mim, é a melhor ajuda que um pequeno produtor pode ter”, explicou o sr. Moab sobre a experiência em participar do Agronordeste. Ele tem trabalhado para adotar o melhoramento genético dos animais, tanto para o leite como para o corte. A família, que conta ainda com o João Luca, de 3 anos, está satisfeita e planejando o aumento da produção de leite e do rebanho.





Cônego Marinho
Itaobim
Jaíba
Patis
Verdelândia

Minas Gerais



Cônego Marinho

Minas Gerais

Vailton Lessa Lima

Triplicou a produção de mel com enxames selecionados, nutrição das abelhas na entressafra e a busca frequente de conhecimento.

de acordo com o IBGE. É nesse cenário que um ramo de negócios vem se fortalecendo, a apicultura. E um produtor que se destaca pelo empenho em difundir práticas que aumentam a produtividade e a sustentabilidade da criação de abelhas é o Vailton Lessa Lima.

O Norte de Minas Gerais é marcado por chuvas irregulares, longos períodos de seca e altas temperaturas. Ali se encontra o pequeno município de Cônego Marinho que tem cerca de 7.700 habitantes,

O Sítio Lessa tem a apicultura como principal atividade, que vem sendo conduzida pelos irmãos Vailton e Vanilto Lessa Lima. Pelo menos desde 2014, os apicultores trabalhavam em busca de novos conhecimentos para



Na foto: O técnico de campo, o produtor Vailton Lessa Lima e família.

aprimorar a produção. Quando o programa de Assistência Técnica e Gerencial (ATeG) chegou em 2020, os irmãos viram a oportunidade de alavancar os resultados na propriedade.

Os atendimentos foram iniciados em 2020 pelo técnico de campo Lucas dos Reis Teixeira. Ele logo constatou que o potencial de crescimento da produção de mel era enorme. Por isso, iniciou as orientações estabelecendo metas ousadas, mas factíveis: aumento em 100% no número de colmeias produtivas, criação de rainhas para formação de novos enxames e aumento da produção de mel.

E com planejamento, controle de custos, e as tecnologias mais atualizadas para o manejo das abelhas, os irmãos alcançaram resultados impactantes. O número de colmeias triplicou, de 40 no primeiro ano de atendimento da ATeG para 120 no segundo, quando o técnico de campo já era o José Jânio Freire. Outros indicadores também revelam o sucesso da metodologia aplicada com o empenho dos irmãos Lessa: a taxa de povoamento de 62% e a produtividade, que aumentou de 20,55kg/colmeia/ano para 23 kg/colmeia/ano. O resultado do Sítio Lessa é bem superior à média nacional, que é de 19,8kg/colmeia/ano, segundo o Censo Agropecuário de 2017.

A quantidade de mel vendida no sítio passou de 822 kg no primeiro ano do Agronordeste para 2.409 kg no segundo ano. Enquanto o volume cresceu, o custo por quilo da atividade caiu quase 15%. O resultado foi um salto na renda bruta da propriedade: de R\$ 22.206,81 no primeiro ano para R\$ 43.970,13 no final das visitas técnicas.

O que está por trás dos bons indicadores e da melhora da renda é uma trilha de dificuldades, dedicação e busca de conhecimento. O Vailton já tinha curso técnico em Agropecuária, e cursava Engenharia Agrônômica quando

resolveu encarar a apicultura como uma atividade empreendedora. Depois de perder alguns enxames por ataque de pragas, ele começou a observar e conservar as colmeias que sofriam menos e produziam mais. Passou a trocar a cera dos alvéolos onde a rainha bota os ovos e higienização dos quadros.

A localização dos apiários também recebeu atenção especial. O Vailton fixou as colmeias em áreas de Cerrado e de transição, o que aumentou a exposição das abelhas à floração em diferentes períodos. Fora do tempo de florada, o produtor passou a alimentar as abelhas, o que melhorou o desempenho das operárias na época de polinização.

Com muita observação, o Vailton passou a manter as melhores colmeias e reproduzir as rainhas mais produtivas. Ele selecionou as variedades mais adaptadas ao clima semiárido da região. E fez tão bem que foi escolhido para ser um dos multiplicadores de matrizes melhoradas para produção de mel no Programa de Melhoramento Genético de Rainhas do Senar-MG.

No início, a família do Vailton fez as primeiras colmeias na marcenaria do sítio para evitar os altos custos na compra de caixas, melgueiras e quadros. Mas como os Lessa parecem fazer bem tudo que se propõem, as peças de marcenaria atendem a produção doméstica e o excedente é comercializado para outros apicultores.



Itaobim

Minas Gerais

Claudiana Francisca da Silva Oliveira

Técnica e gestão associadas à força empreendedora superaram obstáculos no Vale do Jequitinhonha.

A agricultora Claudiana Francisca Silva de Oliveira enfrentava um momento pessoal de sérias dificuldades quando o Projeto Agronordeste chegou a Itaobim, no Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais. Ela passava pelo tratamento de um câncer na garganta e contava com a ajuda de terceiros para o sustento dela e dos 4 filhos.

Na pequena propriedade, a produtora rural mantinha o cultivo de hortaliças para subsistência e venda do excedente para a comunidade, mas de forma muito inconstante.

Desde a primeira visita do técnico de campo do Senar, José Lucas Cordeiro Santos, ficou claro que a dona Claudiana enxergou na possibilidade de receber Assistência Técnica e Gerencial uma oportunidade de melhorar a renda e mudar de vida. E isso aconteceu, e foi além, ela se tornou uma referência de propriedade



Na foto: A produtora Claudiana Francisca da Silva Oliveira, família e o técnico de campo.

141

eficiente na região. No atendimento ao grupo de 30 produtores, o técnico logo percebeu que a agricultora se destacava pelo interesse nas orientações e no empenho em seguir todas elas, mesmo enfrentando uma situação particularmente difícil.

José Lucas identificou que a localização estratégica da propriedade e a crescente busca da população por alimentos de qualidade eram condições propícias para alavancar os ganhos da propriedade. Em um trabalho conjunto entre técnico e produtora, foram apontados pontos fortes e fracos da propriedade, os desafios que precisariam ser corrigidos e os objetivos a serem alcançados. O Planejamento Estratégico foi traçado e dona Claudiana esforçou-se para seguir à risca.

A falta de constância na produção foi uma das principais deficiências apontadas na ATeG. Diversos canteiros eram semeados com a mesma hortaliça de uma vez. O resultado era uma produção grande e, que muitas vezes, não era totalmente absorvida pelo mercado naquela semana. Em seguida, a produtora ficava sem o produto para oferecer aos clientes.

Um calendário produtivo foi implantado, onde se via quais meses havia maior consumo de determinada hortaliça. Assim, se planejava quando se preparar as mudas para atender a demanda futura, evitando perdas e falta de produto quando havia demanda. Outras tecnologias foram rapidamente implementadas na propriedade. A construção de viveiros de mudas, a adoção de sementes de qualidade, a adubação e correções do solo. O clima ensolarado o ano inteiro e o inverno seco também exigiram a implementação do sistema de irrigação por microaspersão. A carga de trabalho manual foi aliviada e a produtividade aumentou de forma significativa.

A renda melhorou já no final do primeiro ano de trabalho, passou de oitocentos reais mensais para dois mil reais. O controle no gerenciamento de toda a atividade garantiu uma evolução constante. No final do ciclo de 2 anos de atendimento, a produtora alcançou a renda aproximada de quatro mil e quinhentos reais por mês. O ganho líquido aumentou significativamente em 24 meses, quando já tinha, entre os pontos de venda, o sacolão municipal.

Na propriedade de dona Claudiana teve até dia de campo. Motivo de orgulho e oportunidade para ela mostrar a produtores vizinhos que com pequenas intervenções, baseadas no conhecimento muita coisa pode mudar. Ela conseguiu comprar um carro para fazer as entregas e ter mais qualidade de vida. Construiu uma autoestima sólida que transformou sua vida enquanto venceu o câncer. Após o Projeto Agronordeste, os planos de expandir a produção continuam.



Jaíba

Minas Gerais

Rozânio Cardosino de Sá

Uso eficiente de insumos e ampliação de mercados impulsionam a rentabilidade de produtor de limão tahiti.

A fruticultura é parte da família do sr. Rozânio Cardosino de Sá há gerações. A propriedade localizada em Jaíba, Minas Gerais, é gerida por ele, pelo seu pai, sr. Juracy e pelo filho do Rozânio, o Gustavo de Sá. Já cultivaram uva, banana, e, atualmente, tem como principal produto o limão tahiti.

Há muitos anos no ramo, o produtor já oferece um fruto de qualidade para exportação, mas vinha enfrentando dificuldades para escoar a produção por conta dos baixos preços dos compradores locais. O sr. Rozânio é um dos 26 integrantes da Associação dos Fruticultores do Jaíba e Região (Afrutja),



Na foto: O produtor Rosanio Cardosino de Sá, família e o técnico de campo.

145

que já conquistou dois certificados (Fair Trade e Global GAP). São reconhecimentos internacionais que credenciam os associados a participar de canais de venda voltados para o mercado externo e que ainda oferecerem bônus pela produção sustentável e agricultura familiar.

Foi quando a Assistência Técnica e Gerencial do Projeto Agronordeste entrou com a metodologia e ajudou a adequar a produção às exigências internacionais. Focando nas exigências cobradas pelas certificadoras, o técnico de campo do Senar, Willyan Caldeira, em conjunto com a família, passou a realizar o manejo integrado de pragas (MIP). A estratégia implementada no pomar reduziu o número de pulverizações, que aconteciam mais de uma vez por mês, para 5 aplicações no ano.

A técnica do MIP prevê um controle no uso de defensivos agrícolas a ponto de não eliminar junto com as pragas, os predadores. Um bom planejamento melhora a eficiência no uso de insumos, o que reduz o custo de produção, agrega responsabilidade e sustentabilidade ambiental, um dos pilares trabalhados na ATeG, e ainda mantém a produção atendendo os requisitos da certificadora.

Mesmo com experiência em gestão de propriedade agrícola, o seu Rozânio alterou e detalhou os controles de despesas e receitas a partir do Planejamento Estratégico proposto pelo técnico de campo. Os dois anos do projeto Agronordeste tiveram cenário de vários desafios, primeiro a pandemia que afetou o comércio global e depois, a alta nos preços dos insumos. Mesmo diante dessa conjuntura desfavorável, o produtor Rozânio conseguiu uma lucratividade de 14%.

Por meio da ATeG, o fruticultor participou de uma rodada de negócios virtual promovida pelo projeto Agro.BR, da Confederação da Agricultura e Pecuária do

Brasil em parceria com a Apex-Brasil. A ação coloca empreendedores rurais em contato com eventuais importadores dos produtos brasileiros e uma porta se abriu para compradores da Argentina e do Canadá.

Mesmo com o fim do ciclo do Agronordeste, o seu Rozânio já tem novas metas para dentro e fora da porteira. Ele já identificou que um talhão está com a produtividade menor que os outros e terá que renovar parte do pomar. Já decidiu que vai plantar mudas com genética melhoradas para potencializar a produção. Além disso, programou com demais associados visitas a fruticultores de sucesso em outros estados para conhecer experiências que possam ser aplicadas e fortalecer a cadeia produtiva do limão de Jaíba.





Patis

Minas Gerais

Marcelo Soares Ribeiro

A paixão de um professor pela pecuária de corte virou empresa rural familiar e rentável.

de 13 hectares, na cidade de Patis, Minas Gerais. Na época, a propriedade tinha só a terra. Aos poucos, construiu a casa, a caixa d'água, cercas e os primeiros animais começaram a pastar, mas faltava o conhecimento técnico e de gestão para tornar a atividade organizada, rentável e eficiente.

A busca por uma alternativa na complementação da renda, fez o professor Marcelo Soares Ribeiro retomar a atividade exercida pelo pai: a pecuária de corte. Há três anos, ele adquiriu a Fazenda Portal das Aroeiras,

Quando o pecuarista Marcelo se inscreveu no Projeto Agronordeste tinha 13 animais na propriedade, custos elevados e ainda não conseguia manter o rebanho com a receita gerada dentro da propriedade.



Na foto: O produtor Marcelo Soares Ribeiro, família e a técnica de campo.

A técnica de campo do Senar, Maria Cecília Gonçalves, elaborou em conjunto com o produtor rural um Diagnóstico da fazenda que indicava a necessidade de refazer o processo de nutrição do gado. O primeiro passo foi modificar o manejo das pastagens, com uma nova divisão de piquetes, controle de altura da forragem para entrada e saída dos animais, adubação e correção do solo. Por orientação da Maria Cecília, Marcelo e o filho Lincoln, de 24 anos, introduziram a lavoura de palma forrageira e suplementação mineral, indicada para cada período do ano e categoria animal.

Algumas ações complementares como o manejo sanitário garantiram a qualidade da água disponível para os animais. O uso de exame clínico e diagnóstico passaram a ser parte da rotina para avaliar a prenhez das vacas.

O caderno do produtor manteve as anotações detalhadas e em dia, enquanto pai e filho aceitaram os convites para participar das capacitações de manejo promovidas pelo Senar em parceria com o Sindicato de Produtores Rurais de Montes Claros. A dupla realizou cinco cursos durante o ciclo de 24 meses de visitas técnicas.

Os primeiros efeitos foram registrados na produtividade. A partir dos atendimentos da ATeG, a produção era de 3 arrobas por hectare/ano. Ao final do projeto, o indicador era de 14 arrobas por hectare/ano. Para se ter uma ideia, a média nacional é de 4,2 @/ha/ano (Abiec/2021). Enquanto a produtividade subiu, os custos caíram cerca de 70%. Ao final do primeiro ano de visitas técnicas, o custo de produção que estava em R\$ 432 foi reduzido para R\$ 122 no último mês do Agronordeste.

A comercialização de animais entre vizinhos foi incentivada pela equipe do Senar. Além de movimentar a economia da região, estreita laços na comunidade.

O produtor prepara o que considera um divisor de águas na fazenda, a finalização de um curral que vai permitir o manejo animal dentro da propriedade.

O plano do professor Marcelo é manter 40 animais para a bovinocultura de corte. Já iniciou investimento em tecnologias de reprodução (manejo de reprodutor, diagnóstico de gestação e nutrição das matrizes). A meta é vender 40 bezerros por ano, o que pelas suas contas, assegura uma empresa rural lucrativa para a família, e em especial para o filho Lincoln, que escolheu a fazenda para seu futuro profissional.



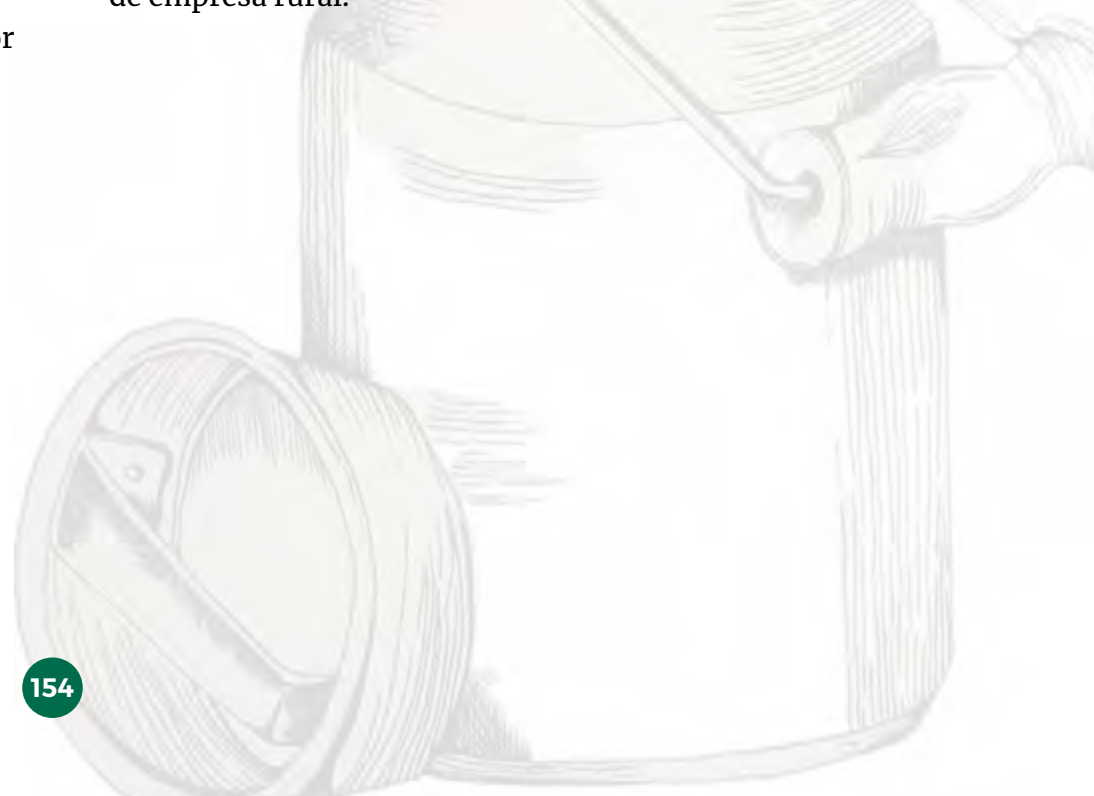
A alimentação do rebanho vinha exclusivamente do pasto. Não havia ração, nem complementação mineral e os bebedouros eram improvisados com caixas de pvc antigas. A reprodução animal dependia de touros emprestados pela vizinhança. O ganho era bem modesto. A receita era de mil e trezentos reais e 27% era consumido com as despesas da produção. Em agosto do ano seguinte, a despesa ficou em 48% de três mil e seiscentos reais. O bovinocultor investiu na atividade e ainda aumentou o poder de compra com tecnologias consagradas para a aplicação na pequena propriedade rural.

A zootecnista Ana Cláudia percebeu a vontade de aprender e o empenho do Lucas em seguir todas as orientações da Assistência Técnica e Gerencial. O Diagnóstico Produtivo indicou que a nutrição do rebanho precisava de reforço e ela poderia vir do próprio rancho. A lavoura de milho e de sorgo garantiram uma boa matéria-prima para a silagem. Uma pequena área foi reservada para o pastejo rotacionado irrigado. Enquanto isso, o Lucas investiu nas melhorias do ambiente para o gado. Construiu a coqueira e o bebedouro de alvenaria que melhoram a sanidade do curral e a temperatura dos alimentos consumidos pelas vacas em lactação.

O comprometimento do Lucas com o caderno do produtor sempre foi excelente. Semanalmente, ele anotava os gastos e a receita de forma criteriosa e detalhada. Ali se via que a produção média diária era 31 litros de leite. Ao final do primeiro ano de ATeG já eram 80 litros, e no final do segundo ano, 125 litros, sendo que chegou a atingir 140 em um dia. Durante o ciclo de atendimento, o jovem demonstrou um apetite enorme pelos novos conhecimentos que eram imediatamente aplicados na atividade. O Lucas concluiu todos os cursos propostos pela técnica do Senar, entre eles: vaqueiro, inseminação artificial de bovinos, doma de animais e a utilização de drone na agricultura.

A importância do melhoramento genético para a eficácia da produção leiteira ficou evidente para o Lucas. Por isso, ele adquiriu um botijão de sêmen, com a perspectiva de criar animais de reposição. A capacidade de aprendizado e implementação de inovações no sistema produtivo fizeram o Lucas ser reconhecido como um exemplo pelos produtores da região. Ele e a família mantêm três hectares muito produtivos; saíram das 9 vacas para 16, incluindo a Fumaça, que continua na ativa.

Hoje, o Lucas insemina os seus animais, realiza casqueamento nas vacas, dimensiona a área de plantio, realiza a identificação dos animais por meio de brinco, mochação das crias, análise de solo, adubação da cultura, análise de matéria seca. Todas essas práticas foram aprendidas com a técnica de campo e com os cursos de Formação Profissional Rural oferecidos ao longo desses 2 anos. A cada oferta de capacitação, o Lucas deu sempre a mesma resposta. “Conhecimento é riqueza e toda a oportunidade é muito bem-vinda”. O sonho da mãe, dona Francisca, de ter uma cozinha nova na casa, está quase realizado e o pai mantém o tratamento com um pouco mais de conforto graças ao esforço do Lucas para tornar o Rancho LM um modelo de empresa rural.



Alagoa Grande
Barra de São Miguel
Catolé do Rocha
Conga
Livramento

Paraíba



Alagoa Grande

Paraíba

Ederson de Araújo Júnior

A paixão pela vida no campo deixou de ser dispendiosa para se tornar lucrativa e próspera para a comunidade.

A produção canavieira é centenária em Alagoa Grande, cidade que fica a pouco mais de 100 quilômetros de distância de João Pessoa, na Paraíba. Na Fazenda Tambor, o plantio da cana de açúcar é feito há, pelo menos, 3 gerações. Já adulto, o servidor público Ederson de Araújo Júnior herdou a propriedade e começou a administrá-la em 2004.

Desde menino, ele é encantado com a rotina da fazenda, e na vida adulta, Ederson vinha tentando alcançar a independência econômica da propriedade. O ingresso no Projeto Agronordeste foi decisivo para entrar nesse caminho. Em maio de 2021, quando começou o atendimento por parte do técnico de campo Ubieli Alves Araújo Vasconcelos, do Senar, a área plantada



Na foto: O produtor Ederson de Araújo Júnior e o técnico de campo.

de cana de açúcar era de 5,2 hectares. Com as 200 toneladas colhidas, a receita praticamente só empatava com os custos.

As orientações da Assistência Técnica e Gerencial (ATeG) para o sr. Ederson e para o gerente da propriedade, o sr. Marcos Santana, foram no sentido de racionalizar a adubação. Para isso, era fundamental fazer a análise de solo, o que garante que o fertilizante adequado seja aplicado apenas nas áreas que precisavam de correção. Também foi detectada uma quantidade significativa de plantas daninhas, aquelas que concorrem com os nutrientes do solo, com a água, e por vezes, pela luz. Elas vinham interferindo na qualidade e na quantidade de cana colhida.

No primeiro semestre de atendimento da ATeG, as despesas com o canavial chegaram a R\$ 30 mil. No segundo semestre, boa parte das recomendações já haviam sido implementadas na lavoura, os gastos de produção haviam caído quase pela metade, 46%, o que deixou o produtor muito satisfeito com o resultado da parceria.

A fazenda passou a seguir boas práticas de gestão como o controle detalhado mensal das receitas e despesas, incluindo a retirada do proprietário e todos os pagamentos que integram o custo da atividade canavieira. O acompanhamento do preço de mercado da cana de açúcar passou a fazer parte dos fatores a serem considerados para a venda. Cada pequena decisão na propriedade faz o canavial ser mais ou menos lucrativo.

E o passo seguinte foi aumentar a área plantada de cana para diluir ainda mais os custos fixos de produção. O novo plantio ocupou 9,4 hectares e a safra deve alcançar 430 toneladas, o que representa avanço na produtividade, mas a meta do técnico e do sr. Ederson é

colher, nessa mesma área, 600 toneladas. O trabalho de recuperação do solo e das plantas está se encaminhando para isso. Como não depende da fazenda para o sustento, sr. Ederson reverte os lucros em investimento na melhoria dos equipamentos, instalou cercas na propriedade e planeja alcançar o plantio de 20 hectares nos próximos anos, contribuindo com a melhora da economia da comunidade de Alagoa Grande.



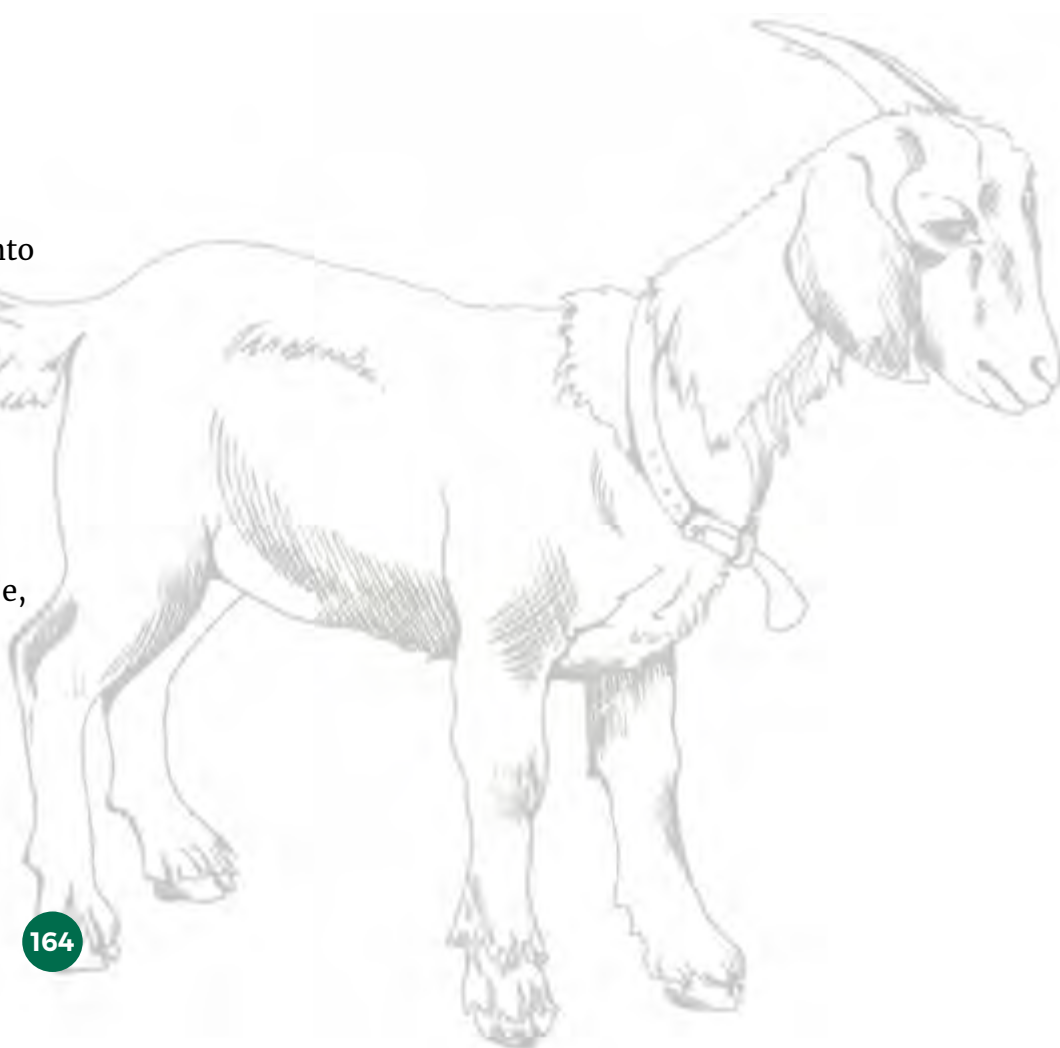
O desejo de ser uma pecuarista de leite de cabra de qualidade manteve o ânimo da dona Josefa, que buscava as soluções que tornassem a atividade viável. Nesse momento, o Projeto Agronordeste desembarcou na região. A produtora se inscreveu e começou a receber o atendimento da Assistência Técnica e Gerencial (ATeG).

As orientações trazidas pelo técnico de campo Isaac Nildo de Araújo Montenegro, do Senar, revelaram conhecimentos a respeito da caprinocultura de leite que renovaram os objetivos de dona Josefa. Ela tomou decisões que mudaram a estrutura da propriedade como, por exemplo, no intervalo de 1 ano, ela vendeu os 19 animais que não tinham raça definida, para comprar 5 cabras que tem genética atestada para uma melhor produtividade leiteira.

Com todas as despesas anotadas no Caderno do Produtor, ela e o técnico identificaram a importância do planejamento alimentar do rebanho. O manejo forrageiro foi adequado com o plantio da palma, o capim Tifton 85 e sorgo. As medidas diminuíram os gastos com concentrado, reduzindo os custos com a nutrição das cabras em 50%.

Todas as ocorrências no curral são controladas pela produtora de leite, desde a prenhez, o nascimento de cabritos, as vacinas; o que tem permitido um planejamento com metas que vem sendo cumpridas com entusiasmo. Hoje, ela tem 20 cabras leiteiras e mais 5 prontas para a primeira cria. Se no início dos atendimentos, a ordenha rendia 10 litros/dia, atualmente são 28 litros/dia, em média, com mais qualidade.

Ficou no passado, o sentimento de insegurança e de amadorismo na lida com os caprinos. Dona Josefa diz hoje, com confiança e orgulho, que é uma produtora de leite caprino. Reconhece que ainda tem muito o que aprender para realizar suas novas metas “produzir em escala maior, investir em genética e baixar ainda mais o custo com a alimentação”.





Catolé do Rocha

Paraíba

Edilson Alves da Silva e Ivaneide Santiago

Casal de apicultores descobriu o que era valor agregado com o Agronordeste. “A gente tinha as colmeias, mas não o conhecimento”.

Favos de mel, cachaça com mel, mel com castanha, própolis, diversos tamanhos de embalagem, capricho na apresentação que é garantia de destaque onde quer que seja vendido. E ainda a produção do extrato alcóolico de própolis verde da Jurema Preta. Mas nada disso estava

nos planos do casal de apicultores do Sítio Trapiá, em Catolé do Rocha, na Paraíba, antes do encontro de Edilson Alves da Silva com o Projeto Agronordeste, no início de 2021.



Na foto: A coordenadora da ATeC e os produtores Edilson Alves da Silva e Ivaneide Santiago.

O agricultor Edilson passou a criar abelhas, por curiosidade, há 18 anos. Encantado com o mundo desses insetos polinizadores, ele mantinha algumas colmeias na propriedade de 8 hectares, onde vive com a família, esposa Ivaneide e o filho adolescente, e cultivava abóbora, mamão e melancia.

A produção de mel rendia um dinheiro extra, mas bem modesto. A produtividade das abelhas, o casal viria a saber depois, era baixa por uma série de motivos. Entre eles, porque não se fazia a troca da cera para retirada de favos velhos, não havia suplementação de alimento em épocas de entressafra, quando não há florada. As rainhas também não eram substituídas quando se tornavam menos produtivas.

Quando o técnico de campo Wendel Oliveira Maciel, do Senar, iniciou as visitas técnicas, a produção era de 12 quilos por colmeia/ano, em 20 colmeias. O mel era comprado por atravessadores da região, por não mais que R\$ 12,00 o quilo. Hoje, eles não vendem por menos de R\$ 25,00 o quilo.

Mas o mel é apenas um dos produtos do apiário, e nem é o carro-chefe. O casal fez vários cursos de gestão e de técnicas de produção de mel e derivados. Aos poucos, passaram a oferecer uma diversidade de opções para os clientes. E dependendo da forma como ele é apresentado, por exemplo em favos, pode chegar a R\$ 60,00 o quilo.

Outra descoberta do Edilson e da Ivaneide foi o valor que o própolis tem no mercado. Eles não tinham ideia da demanda até fazerem o curso de extração de própolis por meio do Senar. Eles estão investindo na produção da variedade verde de Jurema Preta, que é uma árvore típica da Caatinga, com flores brancas que crescem em formato de espiga, muito apreciada pelas abelhas. Os compradores pagam entre R\$ 650,00 e R\$ 900,00 reais o quilo do extrato. E nas cercanias de Catolé do Rocha, o casal é o único produtor.

Em 1 ano de Assistência Técnica e Gerencial (ATeG), a renda da família subiu substancialmente, e esse ganho é investido todo na produção: equipamentos de segurança adequados, de manejo para a produção, embalagens e rótulos feitos com cuidado e bom gosto. Eles já têm mais 50 caixas e pretendem ter 100 colmeias povoadas no próximo ano.

Quando se pergunta para a Ivaneide o que mudou na família depois das visitas técnicas, ela responde de pronto: “O crescimento conquistado com o aprendizado”, que entrou no sítio pelos atendimentos da ATeG. O técnico Wendel se sente orgulhoso de ver o progresso na atividade do casal, que se apropriou do conhecimento, confiou no planejamento e cumpriu as metas com dedicação.





Congo

Paraíba

José Fernando do Nascimento Vasconcelos

O curso de cortes especiais de ovinos do Senar diferenciou o produtor no mercado.

Carré, t-bone, paleta, ripa de costela. Em Congo, cidade de menos de 5 mil habitantes, na Paraíba, quem procura um corte especial de cordeiro, encontra com o sr. José Fernando do Nascimento Vasconcelos, do sítio Juazeiro. A qualidade da carne tem garantido uma remuneração 25% acima do mercado local. Um ano e meio atrás, a situação era bem diferente.

O técnico de campo Renato Vaz Alves, do Senar, conta que o sr. Fernando vendia os animais com cerca de 12 quilos, peso bem abaixo do que o consumidor valoriza. Faltavam ações de sanidade como vacinação e vermifugação, o que provocava perdas esporádicas. Além disso, a carne era comprada por um atravessador, o que resultava em baixa remuneração, que mal pagava os custos da criação feita no pasto.



Na foto: O produtor José Fernando do Nascimento Vasconcelos e o técnico de campo.

No primeiro passo da Assistência Técnica e Gerencial (ATeG), implementada pelo Projeto Agronordeste, o Renato e o sr. Fernando detectaram a necessidade de melhorar a alimentação dos animais e ganhar peso mais rápido. Uma área do sítio, que tem 6 hectares, foi preparada para receber capim Tifton e Brachiaria, mais adequados ao clima semiárido da região, e nutritivos para os ovinos.

A criação extensiva passou para o sistema intensivo, com pastagem de melhor qualidade. O que, aos poucos, permitiu a redução do tempo de abate, que passou a ser feito com 2 meses. Os ovinos são mestiços das raças Dorper e Santa Inês, mas já está no Planejamento Estratégico a aquisição de um reprodutor Santa Inês, o que deve resultar em uma carne com maior teor de gordura e maciez, e conseqüentemente, um valor comercial da carne ainda maior.

O produtor tem 50 animais, um pouco mais que o dobro do que tinha no início dos atendimentos de ATeG. Tem alimentação abundante para o rebanho o ano todo e até, para comercializar o excedente, que gera uma renda extra. O sr. Fernando também vende as vísceras preparadas para a clientela cozinhar a buchada, uma iguaria muito apreciada na região. As vendas já estão superando os 100 quilos de carne com cortes especiais de cordeiro, por mês. O plano do sr. Fernando é seguir melhorando a qualidade do rebanho, e quem sabe, dobrar o volume de vendas na região.



Livramento

Paraíba

Cristiano Nunes de Souza

Quer ser referência em Livramento (PB) na produção de queijos de cabra e incentivar jovens a “abraçar” a agropecuária.

Ao receber como herança uma propriedade de 8 hectares, o administrador de empresas Cristiano Nunes de Souza resolveu deixar o emprego no banco e apostar na atividade rural. Escolheu a caprinocultura de leite, que sempre tinha despertado o seu interesse, mas não tinha nenhuma experiência com os animais. A família, também

sem conhecimento do ramo, não pode dar apoio, mas o administrador estava determinado a deixar o ambiente urbano e tirar do sítio o seu sustento.

Ele comprou as cabras e passou a produzir o leite. Teve muita dificuldade em manter o rebanho saudável e a comercialização era muito restrita. O Cristiano tinha só um cliente fixo, uma empresa local que tinha falhas no pagamento. Ele ainda acreditava que ia conseguir superar desafios, mas tudo parecia muito distante. Foram 4 anos produzindo leite, mas perdendo animais e sem progresso na propriedade.



Na foto: O técnico de campo e o produtor Cristiano Nunes de Souza.

Em 2018, ele percebeu que teria que fazer algo diferente. Ele foi procurar os cursos do Senar. Fez o Negócio Certo Rural e em seguida convidou a noiva e outros familiares a colaborar com a sua pequena leiteria.

O Cristiano se inscreveu no Projeto Agronordeste e passou a receber as visitas do técnico de campo, Alysson Farias Gurjão, do Senar, e a transformação na propriedade começou. Por sugestão do Alysson, o caprinocultor fez um curso de fabricação de queijo e outros lácteos. No Planejamento Estratégico, o foco se voltou para a produção de leite e derivados, o que exigia uma série de medidas para ajustar a criação de animais e os custos.

Para garantir uma boa produção de leite, Cristiano e o Alysson escolheram a raça parda sertaneja. Aos poucos, descartaram outras raças e mantiveram 20 matrizes no rebanho. O reprodutor é da raça parda alpina. São variedades que se adaptam melhor ao clima quente e seco da região, onde são criadas no sistema extensivo, com boa parte da alimentação no pasto. Um berçário foi construído para os cabritos novos, com todos os cuidados sanitários para evitar doenças e a perda de filhotes como acontecia antes.

O Cristiano também providenciou áreas chamadas de “bancos de proteína”: com plantação de palma, moringa, gliricídia, espécies com alto valor proteico e potencial para garantir a nutrição até nas épocas de maior estiagem. Houve uma redução de 4,8% nos custos operacionais no primeiro ano de ATeG. Já os custos totais caíram 58% no segundo ano. E a margem líquida anual foi elevada em 36%.

O Cristiano está feliz e, além de investir na atividade, está conseguindo concluir a construção da casa própria, onde pretende morar com a noiva Paloma que cuida das redes sociais da queijaria. Como empreendedor rural

quer elevar o rebanho para 30 matrizes e perseguir um sonho. “Quero ser referência para os jovens da minha região. Moro numa cidade onde quase todas as famílias tem pequenas propriedades, é muito potencial, mas faltam exemplos de sucesso”. Parece que não falta mais.





Iati
Pedra
Petrolina
Santa Maria da Boa Vista

Pernambuco



Iati

Pernambuco

Leandro da Silva Lopes

Pecuarista vira referência em bovinocultura de leite depois de dobrar produção em Iati.

A cidade de Iati fica no Planalto da Borborema, no Agreste de Pernambuco. Em 2020, foi um de mais de 100 municípios que tiveram a situação de emergência decretada em função da seca prolongada. Lá, vive a família do produtor de leite Leandro da Silva Lopes. Na época, com 35 anos, ele e o pai, Geraldo Pereira Lopes, tinham dificuldade de alimentar as três vacas e outros

5 animais da propriedade de 4,5 hectares. O pasto estava seco e a plantação de milho e palma tinham baixíssima produtividade devido à falta de chuvas.

Foi nesse cenário desolador que o Leandro se inscreveu no Projeto Agronordeste. A esperança era de que a Assistência Técnica e Gerencial (ATeG) indicasse caminhos para evitar o sufoco na seca e a da renda da família. A pecuária de leite sempre foi a fonte de sustento do senhor Geraldo, e com o tempo, do Leandro, da esposa Susana e as duas filhas, Maria Clara e Mariana.



Na foto: A técnica de campo e o produtor Leandro da Silva Lopes.

A técnica de campo do Senar, Débora Emanuela Xavier de Moura, iniciou as visitas e identificou muito trabalho pela frente, mas também disposição do Leandro em assimilar novos conhecimentos e colocar em prática no curral e na lavoura. Para diversificar e aumentar o mercado consumidor, o Leandro tinha que garantir a qualidade do leite e a produção o ano inteiro.

Entre as primeiras medidas, o produtor adaptou uma estrutura para abrigar os bezerros que cresciam perto das vacas, o que limitava a oferta de leite. Leandro passou a tomar providências para aprimorar o ambiente sanitário: vacinas em dia e higiene garantiram um controle maior de parasitas.

A compra da ordenha mecânica foi um passo decisivo para ganhar tempo para outras atividades. E não são poucas.

A técnica Débora indicou correções no plantio de milho e a produção de mudas da palma-forrageira orelha de elefante, variedade nutritiva e resistente a alta temporada da estiagem. Quando chega a época da seca, a forragem estocada e a palma garantem a nutrição e a produção de leite. O interesse do Leandro no preparo e conservação da silagem, fez dele uma referência na região.

E os resultados apareceram. A produção média de leite das 3 vacas era de 65 litros/dia. Depois de dois anos, chega a tirar 120 litros/dia, e registrou um pico de 150 litros, com cinco animais em lactação. A meta atual é dobrar o número de animais e alcançar a ordenha de 300 litros/dia.

A gestão dos custos mudou completamente com o registro de todas as despesas e receitas. Hoje, o pecuarista sabe exatamente quais são os

gastos para cada litro de leite, que está em R\$ 0,94, o que ele considera muito bom se comparado com dois anos atrás, quando não calculava os desembolsos para a alimentação do gado, minerais, energia elétrica, medicamentos e outros.

A renda gerada na propriedade banca os custos e ainda deixou a casa da família equipada com os eletrodomésticos que trouxeram conforto para a família. “Sou meio sonhador”, diz o Leandro, explicando seus novos objetivos que persegue com foco e determinação: comprar um resfriador para manutenção do leite, um utilitário para transportar a ração e placas solares, de olho na redução do custo da eletricidade.

O Leandro já adquiriu uma outra área de 4 hectares, pensando que num futuro próximo seja possível ampliar a produção. À capacidade de trabalho que sempre foi grande, o Leandro agregou conhecimento, autoestima, orgulho do que faz e satisfação de oferecer um produto de qualidade que chega à mesa de centenas de brasileiros.





Pedra

Pernambuco

João Batista Xavier de Barros

De empregado de curral a produtor de leite premiado, a trajetória de um nordestino que driblou a seca com técnica e gestão.

“Trabalhava muito e ganhava pouco”, resume o produtor rural João Batista Xavier de Barros. E não é reclamação, é a constatação de quem enfrenta as condições adversas da seca no sertão pernambucano, em seus 41 anos de vida. Nascido e criado em Pedra, cidade de chuva escassa

no inverno, e quase nenhuma no verão, é lá que ele mantém a família com a produção de leite desde 2008. Foi quando conseguiu comprar algumas vacas depois de 20 anos de trabalho como empregado de currais em outras propriedades.

Dedicado ao ofício, o produtor sempre procurou as melhores práticas para o trato dos animais. Em buscas na internet, sr. João Batista viu que o Senar prestava Assistência Técnica e Gerencial (ATeG) a pequenos produtores e que havia um projeto voltado para



Na foto: o produtor João Batista Xavier de Barros.

localidades do semiárido. Foi assim que ele resolveu se inscrever no Agronordeste e passou a receber as visitas técnicas em julho de 2020.

A baixa produção de leite não gerava a receita suficiente para pagar os gastos com medicamentos e ração. O Diagnóstico Produtivo feito em parceria com o técnico de campo Poliano Santos projetou que aquela situação poderia ser revertida, e ao invés de prejuízo, a propriedade poderia dar lucro.

O João Batista e a esposa Sonia Tamiris Barros passaram a dar tratamento individualizado às vacas. O casal adotou a pesagem regular dos animais, do leite e mudou o manejo das bezerras. O plantio de palma forrageira foi ampliado e passou a ser feito com as recomendações próprias para a cultura. Com esse banco de proteína vegetal, a fazenda passou a ter alimento durante todas as estações do ano, e ainda, com nutrição balanceada para cada fase reprodutiva.

A instalação de uma área com sombra aumentou o bem-estar do rebanho. Mês a mês, os resultados foram aparecendo. A produção de leite, que era de 3.300 litros por mês, triplicou depois de 2 anos de atendimentos de ATeG. Durante o período, os custos com medicamentos caíram 30%. A nutrição se tornou mais eficiente. Os bezerros machos atingiram um peso bom para a venda mais rápido, e os preços pagos também aumentaram.

Ao cumprir cada ação prevista no Planejamento Estratégico, o produtor João Batista conseguiu uma melhora na renda: 186% no primeiro ano de assistência, e os ganhos dobraram no segundo ano. Uma parte dos recursos foram investidos na atividade. O plantel cresceu, de 12 vacas em lactação em 2020, o número saltou para 26 em 2022.

O melhoramento genético do rebanho também já está em curso. O produtor adquiriu um botijão de sêmen para focar no aumento da produtividade.

Satisfeito com os ganhos alcançados na fazenda, sr. João Batista viu a vida mudar dentro de casa também. Ele conta que pode levar a família no restaurante, fazer passeios até a praia, e o que dá ainda mais orgulho, está construindo uma casa confortável para a família. “Tudo com a renda da propriedade”, ele se orgulha.

O produtor de leite foi um dos vencedores do Prêmio ATeG Agronordeste Gestão e Resultado. Mas, além dos prêmios, um microtrator e um sistema de painéis solares, João Batista agradece o reconhecimento das diversas dificuldades que um pequeno proprietário do semiárido precisa superar para se tornar um empreendedor rural sustentável. É assim que ele se vê hoje, com a certeza de que os obstáculos não somem, mas agora ele tem conhecimento e as ferramentas para enfrentar os desafios. “Fiz minha atividade leiteira andar no caminho certo. Só tenho a agradecer”.

186





Petrolina

Pernambuco

Jeferson Conceição Carvalho

Dobra a produção de manga palmer e “chega a lugares que nunca imaginou”.

O trabalho pesado sempre fez parte da rotina do fruticultor Jeferson Conceição Carvalho. De uma família de agricultores, ele conta que “nasceu na roça”, em Juazeiro na Bahia. Muito menino, mudou-se com os pais para Petrolina, no estado vizinho de Pernambuco. O pai já cultivava manga e ele seguiu o mesmo caminho. Com 21 anos buscou sua independência e adquiriu uma propriedade de 1 hectare. Foi há 3 anos que passou a

cultivar manga palmer por conta própria. Na rotina da lavoura, Jeferson reproduzia as práticas de manejo aprendidas com o pai e estava satisfeito com a produção de 25 toneladas por ano.

Quando o Projeto Agronordeste chegou na região, ele se inscreveu com a intenção de ver se alguma orientação técnica poderia melhorar sua produção. Mas o que ele colheu depois de um ano, superou as melhores expectativas: 51 toneladas de manga palmer, mais que o dobro do ano anterior.



Na foto: O produtor Jeferson Conceição Carvalho e o técnico de campo.

O técnico de campo do Senar Daniel de Almeida Carreiro elaborou o Diagnóstico Produtivo em parceria com o Jeferson e identificou grande potencial de melhora nos resultados do cultivo, mas algumas condutas teriam que mudar: levantar e identificar as despesas, calcular custos e aferir o faturamento e o lucro real. Todos os aspectos que envolvem a gestão do negócio.

O trabalho no pomar também precisava de uma intervenção técnica para diminuir perdas e elevar a produtividade. A primeira delas foi a análise do solo. O resultado mostrou que as mangueiras precisavam de uma correção nutricional para cada fase do desenvolvimento da planta. O técnico Daniel propôs a adoção do boro na fase de maturação dos ramos, indicou a adubação do terreno com cálcio para favorecer o florescimento e aplicação de zinco nas folhas. As tecnologias permitiram que o Jeferson colhesse duas safras em 1 ano.

As medidas adotadas na propriedade favoreceram a padronização com qualidade dos frutos. No Caderno do Produtor, o Jeferson passou a enxergar em detalhes quanto gastava com o cultivo, e quanto lucrava com a venda de cada manga. Foi assim que ele percebeu que desperdiçava recursos com custos desnecessários, como o uso inadequado de fertilizantes e defensivos. As orientações técnicas do Daniel e os convites para que o Jeferson participasse de diversos eventos fora da propriedade, como Dia de Campo, ajudaram a solucionar problemas nos mangueirais, compreender a importância da qualidade da fruta e encontrar novas possibilidades de gerenciamento.

Atualmente, 90% da manga cultivada na propriedade do Jeferson é consumida e apreciada em países da Europa. Ao entregar um produto, com padrão e qualidade internacional, o Jeferson consegue melhores preços na venda. A renda do jovem produtor rural melhorou

a ponto de ele comprar a casa própria para a família. A esposa e a filha de dois anos têm uma vida de mais conforto e perspectiva de futuro.

E o Jeferson fez uma descoberta para a vida com o contato que teve com a metodologia da ATeG, que “sempre tem algo novo para aprender”. E que o conhecimento é uma ferramenta transformadora. Foi por conta dela que o Jeferson já planeja alcançar novas metas: colher 30 toneladas de manga por safra, chegando a 60 toneladas por ano, e arrendar novas áreas para expandir a produção.

O fruticultor conta que as visitas técnicas do agrônomo Daniel foram aos poucos rompendo barreiras, levando os planos de produção para lugares que ele nem imaginava, como ver a qualidade de suas frutas sendo reconhecida em mercados exigentes. Melhora a renda, mas também melhora a autoestima e amplia os horizontes do jovem que cresceu na roça.



Petrolina

Pernambuco

José Vital do Bonfim

Ovinocultor diminui o rebanho, investe na qualidade e melhora renda.

A maior parte do rebanho de ovelhas no Brasil se concentra no Nordeste, mais de 9 milhões de cabeças (65,6%) segundo o Censo Agropecuário de 2017 (IBGE). Como tantas famílias no Vale do Rio São Francisco, em Pernambuco, a do produtor rural José Vital do Bonfim trabalha no ramo há algumas gerações. A propriedade de 50 hectares fica em Petrolina, o maior município em extensão do Estado.

Ao longo de seus 45 anos de vida, José Vital já tinha tentado várias espécies de rebanho. Já criou caprinos para corte e produção de leite, mas aos poucos foi se concentrando nos ovinos e chegou a manter na propriedade mais de 150 animais. Acreditava que mais cabeças e diversidade de produtos trariam mais ganhos para o estabelecimento rural.



Na foto: O produtor José Vital do Bonfim e família e o técnico de campo.

A tradição local ditava que as feiras livres eram o melhor ponto de venda para os pequenos produtores de carne de ovinos e caprinos. E assim, o José Vital seguia uma rotina de muito trabalho, cuidando dos animais de segunda a sexta e saindo para o comércio nos fins de semana. Muitas vezes, ele ficou desanimado. Era esse o quadro, quando ele resolveu se inscrever no Projeto Agronordeste.

Quando o técnico de campo José Manoel de Sá chegou na propriedade fez um levantamento de custos com o produtor. A conclusão foi que se o José Vital não mudasse a forma de conduzir a atividade, não ia conseguir lucrar com o trabalho. No Planejamento Estratégico elaborado em parceria, uma das conclusões foi que era preciso diminuir o rebanho para aumentar a qualidade da carne, e buscar no mercado preços melhores.

O Caderno do Produtor ajudou a revelar as despesas e definir onde dava para gastar menos. A primeira decisão era delimitar o objetivo da empresa rural. Uma análise do mercado indicou que o melhor seria focar no rebanho ovino de corte. Para produzir animais mais valorizados seria necessário diminuir o rebanho pela metade. A alimentação deveria ser mais bem planejada e balanceada para diminuir custos com ração.

O técnico passou a orientar as boas práticas para o cultivo da palma orelha de elefante. O concentrado foi reduzido a 25% da alimentação e o restante veio da lavoura de moringa e maniçoba. O rebanho foi diminuindo aos poucos para 75 animais (metade do que tinha no início do projeto). Apartou os cordeiros das ovelhas para ter um controle zootécnico mais eficiente.

O outro gargalo, a comercialização, também foi redirecionada. Com ovinocultores da vizinhança, José Vital buscou os frigoríficos para a venda direta

para a agroindústria. A criação de animais com melhor genética e maior qualidade no manejo elevou os preços ao produtor. No primeiro ano, José Vital recebia pelo quilo da carne R\$ 16,40. No segundo ano do atendimento da Assistência Técnica e Gerencial (ATeG), o valor já tinha subido para R\$ 18,30. No caso do cordeiro, o preço é de R\$ 21,00. Mesmo vendendo menos quantidade, o lucro aumentou e a vida da família também. Os planos são de expandir a produção, mas sempre de olho na qualidade.



Santa Maria da Boa Vista

Pernambuco

Reginaldo Izidio da Silva

Irrigação, análise de solo e técnicas de poda aumentam produção e mantêm a família unida.

Tradicional produtora de frutas, a região do Vale do Rio São Francisco abriga a pequena cidade de Santa Maria da Boa Vista. É nela que o seu Reginaldo Izidio da Silva adquiriu sua propriedade há 7 anos. Com a ajuda do filho José Carlos decidiu cultivar uva Itália no sertão de Pernambuco. Depois de 5 anos, o fruticultor tinha certeza que poderia melhorar a produção.

As ferramentas para que o salto fosse dado nos resultados, estavam na metodologia da Assistência Técnica e Gerencial. A produção média da fazenda era de 18.800 quilos de uva por safra. Ao completar 1 ano de atendimento, o sr. Reginaldo colheu 22.360 quilos, um crescimento de 19%, bastante significativo já que a área plantada permaneceu a mesma no período.



Na foto: O técnico de campo, o produtor Reginaldo Izidio da Silva e família.

197

O técnico de campo do Senar, João Júnior de Souza Lima mostrou ao sr. Reginaldo que o sistema de irrigação precisava de uma correção. A troca de difusores uniformizou a irrigação dos parreirais. Também era preciso aperfeiçoar o manejo do solo. A análise química foi incorporada na etapa de nutrição da planta e a adubação passou a ser feita em acordo com as necessidades apontadas nas análises. Assim, os fertilizantes foram aplicados sob medida, sem excesso ou falta de substâncias.

O sr. Reginaldo também se atualizou nas técnicas de poda das videiras. Uma delas é o raleio, que é a retirada de alguns frutos para favorecer o enchimento dos remanescentes. Além disso, a orientação para a desbrota, a desfolha e o desponte, que beneficiam a saúde e a produtividade das uvas.

As novas tecnologias no manejo vieram acompanhadas da atenção ao gerenciamento da propriedade. O caderno do produtor recebeu as anotações de despesas e receitas, e com a análise de cada coluna, o produtor e o técnico identificaram o custo real da produção e buscaram as soluções mais apropriadas para reduzir os gastos.

Com a utilização de caldas orgânicas e a antecipação da compra dos fertilizantes para o próximo ciclo produtivo, os gastos com os insumos caíram 40%. O sr. Reginaldo adotou a venda direta ao consumidor em embalagens, o que agregou valor ao produto e melhorou o preço de venda.

A renda da casa aumentou junto com a qualidade de vida. A família está unida e prosperando, e hoje é uma referência na comunidade.



Belém do Piauí
Capitão de Campos
Conceição do Canindé
Parnaíba
Paulistana



Piauí



Belém do Piauí

Piauí

Irineu Antônio Dantas Leal

Experiente no manejo das colmeias, apicultor aprimorou manejo e gestão de olho na expansão da produção de mel.

No município de Belém do Piauí, a apicultura tem uma grande importância para a economia local. No Sudeste piauiense, a cidade de pouco mais de 3 mil habitantes produziu 30,7 toneladas de mel, em 2020, segundo o IBGE. E um dos apicultores que contribuiu com este resultado é Irineu Antônio Dantas Leal. Experiente na atividade, administra 1.200 colmeias e é uma referência na região.

Trabalhar no campo é motivo de orgulho para ele, que já cultivou hortaliças, foi tratorista e preparador de terra para plantio. Já a apicultura é a principal atividade do sr. Irineu desde 2008. O projeto Agronordeste permitiu um salto de qualidade na produção. Ao fazer os primeiros atendimentos na propriedade, o técnico de campo Luiz José de Carvalho Bento, do Senar,



Na foto: O técnico de campo e o produtor Irineu Antônio Dantas Leal e família.

diagnosticou que pequenos ajustes no manejo e na gestão poderiam trazer resultados significativos para o sr. Irineu.

As colmeias passaram a ser tratadas de forma individual. Alguns cuidados sanitários foram implantados nos apiários e nos bebedouros das abelhas. O produtor adotou a troca de ceras dentro das caixas. Os favos mais velhos diminuem o espaço para a reprodução, e as novas abelhas acabam nascendo menores e exigindo cada vez mais energia da rainha.

Outras ações o apicultor conhecia, mas não tinha informações precisas sobre prazo mais adequado para intervir na colmeia, como o momento certo de trocar a rainha por uma mais nova e de genética que favorecesse a produção do mel. Garantir a alimentação em períodos críticos, sem florada, também é fundamental para manter a sanidade do enxame.

A finalização das caixas e melgueiras (onde se produz o mel; não há ninhos) de madeira também é feita pelo próprio produtor em uma pequena marcenaria na propriedade. E ele mesmo reforma peças da colmeia (tampa, laterais, colaterais e a parte inferior da caixa e os quadros). É mais uma fator para diminuir os gastos variáveis.

O Caderno do Produtor deu, pela primeira vez em mais de 10 anos, uma noção detalhada de quais eram as despesas e as receitas na produção do mel. O Sr. Irineu também passou a calcular seu custo por quilo. Com estas informações, passou a negociar melhor sua venda e tomar decisões mais seguras para fazer novos investimentos.

Depois de 2 anos de atendimentos da Assistência Técnica e Gerencial (ATeG) do Senar, o apicultor faz planos de expansão, mas também já colheu os primeiros frutos da dedicação à criação de abelhas.



A família adquiriu um veículo que ajuda no transporte dos produtos, mas o sr. Irineu está focado na expansão dos negócios. Ele adquiriu uma outra propriedade onde vai instalar mais colmeias para poder atender mais clientes dentro e fora do país.





Capitão de Campos

Piauí

Carlito Quaresma de Sousa

A produção de leite quase dobrou com a ATeG e garantiu a manutenção da atividade que traz plena realização pessoal.

A Fazenda Cancão é um pedaço de terra muito bem cuidada pelo casal Carlito Quaresma e Maria de Lurdes. Mas o que mais chama a atenção é o cuidado do produtor na lida com os animais. Pecuarista de leite,

o rebanho conta hoje com 27 cabeças. Tem uma boa produção, que é vendida no comércio local de Capitão de Campos, cidade que fica a 134 quilômetros de Teresina, capital do Piauí.



Na foto: O produtor Carlito Quaresma de Sousa e família.

Há 20 anos, o sr. Carlito faz a ordenha diária e se dedica às outras tarefas da propriedade rural. A rotina pesada é cansativa, mas ao mesmo tempo, uma realização. “Eu amo o campo, a natureza e lidar com os animais”, conta com alegria o produtor.

A venda do leite nunca foi um trabalho lucrativo. Em 2020, as contas não estavam fechando. A receita só era suficiente para cobrir os gastos com os animais. Numa conversa com o presidente do sindicato rural da região, ele ficou sabendo do projeto que leva Assistência Técnica e Gerencial a pequenos e médios produtores rurais, e ele logo se inscreveu no Agronordeste. “O campo é local de muitas dificuldades, e eu sempre quis ter uma orientação técnica, então não podia deixar passar essa oportunidade”, lembra o produtor.

Nas primeiras visitas do técnico de campo Nayrlon de Sampaio Gomes, do Senar, as recomendações de controle sanitário e prevenção de doenças começaram a ser implementadas. Na época, eram oito vacas no curral que precisavam de uma dieta balanceada e adequada para cada fase reprodutiva.

Os animais foram avaliados e, de acordo com o tamanho e o peso, cada um tinha uma formulação de ração indicada. O sr. Carlito já plantava milho na fazenda e, por sugestão do técnico, uma área foi separada para o cultivo do Capiacu. A planta forrageira desenvolvida pela Embrapa tem boa tolerância ao estresse hídrico do sertão piauiense, e a produtividade garante a alimentação para o gado durante a estiagem.

Aos poucos, a produção de leite na Fazenda Cancão foi aumentando. A retirada diária era de 45 litros/dia quando o técnico Nayrlon chegou à propriedade. Dois anos depois, a produção quase dobrou para 80 litros/dia. Já no processo de atendimentos, com controle detalhado dos gastos e receitas, o sr. Carlito passou a ter lucro.

E quando a renda melhorou, ele logo fez um investimento para dar um salto de qualidade em todo o processo: comprou uma ordenhadeira mecânica. A instalação da ordenha mecânica trouxe maior conforto, para o produtor e para os animais, e junto com o manejo adequado dos animais, melhorou a qualidade do leite.

Mesmo nos momentos mais difíceis, o sr. Carlito nunca pensou em voltar aos antigos empregos na construção civil e no comércio. E agora, com o conhecimento que o Senar levou para dentro da casa da família Quaresma, o sr. Carlito aprendeu que sempre é possível melhorar. Por isso, ele diz que vai continuar buscando uma produtividade maior e ampliando o rebanho, na atividade que ele tanto gosta. “Sozinho seria impossível!”.



208



Conceição do Canindé

Piauí

Moisés Pereira da Costa Filho

Um vendaval destruiu o bananal, mas com apoio da assistência técnica, voltou a colher em 6 meses.

Parecia o fim da plantação de banana do produtor Moisés Pereira da Costa Filho, que tem uma pequena propriedade na cidade de Conceição do Canindé, a cerca de 500 quilômetros de Teresina, capital do Piauí. Com pouco menos de 5 mil habitantes, o município tem poucas alternativas de geração de renda fora da agricultura.

O bananicultor piauiense já recebia a Assistência Técnica e Gerencial (ATeG) em novembro de 2021, quando a ventania atípica danificou praticamente todos os pés de banana na área de 1,2 hectares. A intempérie inesperada pegou a lavoura num bom momento. A produção já tinha crescido desde o início das visitas do técnico de campo do Senar, que iniciou os atendimentos na propriedade em agosto de 2020.

Na época, o sr. Moisés destinava uma área de 0,5 hectare para o cultivo da banana pacovan. Também chamada de banana-da-terra, a fruta é muito utilizada em pratos



Na foto: O produtor Moisés Pereira da Costa Filho e família.

211

salgados, e apreciada no Norte e Nordeste do país. Bem no momento que ele estava animado com a lavoura, a tempestade arruinou o trabalho feito.

Mas o sr. Moisés não é de se abater com dificuldades. Claro que ele se desanimou quando viu o bananal destruído, e pensou em desistir da agricultura. Mas acreditou que, com vontade e aplicando as técnicas mais adequadas àquela situação, ele voltaria a produzir. E não deu outra. Com o apoio e as orientações técnicas da equipe do Senar, em 6 meses, ele já estava colhendo bananas de boa qualidade.

E o sinal de que o caminho do sr. Moisés ainda vai longe é que, atualmente, ele é procurado por feirantes de outras cidades que querem comprar as bananas produzidas na propriedade dele. O técnico de campo Ranyellson Pires Barbosa, que atende o produtor de Conceição do Canindé, destaca que o sr. Moisés se empenhou mais ainda depois do temporal destrutivo.

Na propriedade, bastaram alguns cuidados para que as bananeiras voltassem a produzir. A desfolha e o desbaste correto das plantas; deixar poucas bananeiras por cova, irrigação adequada, adubação na dosagem indicada, e utilização de adubos orgânicos.

A produção que estava em 8 mil bananas por mês no início dos atendimentos, chegou a 14 mil, com procura pelo produto que ele não consegue atender. A renda melhorou e ele pode comprar um carro para ajudá-lo no transporte da produção. O bananicultor planeja aumentar a área de cultivo nos próximos anos. Ele se orgulha do seu trabalho, comemora o fato de não ter desistido e de ter acreditado e seguido todas as orientações das boas práticas de manejo.





Parnaíba

Piauí

José Maria Portela de Brito

Fertirrigação e anotações detalhadas garantiram 20% a mais de acerola orgânica no interior do Piauí.

Foi em busca de uma vida melhor que o cearense de Viçosa, José Maria Portela de Brito, mudou-se para Parnaíba, no Piauí. Tentou vários cultivos para garantir o sustento da família: melancia, milho e verduras. Mas foi na acerola que encontrou maior potencial. A fruta de grande interesse nos mercados internacionais passou a concentrar os esforços no trabalho diário.

A propriedade de 4,5 hectares passou a ser toda ocupada pelas árvores, que sempre tiveram um cultivo orgânico, que é mais valorizado na agroindústria para exportação da polpa e do suco para os consumidores exigentes na Europa, Japão e Estados Unidos. A intenção de aumentar a produtividade do pomar levou o fruticultor a se inscrever no projeto Agronordeste.



Na foto: O produtor José Maria Portela de Brito.

As visitas do técnico de campo Marcelo Simeão, do Senar, diagnosticaram pontos estruturais para tornar a atividade do José Maria mais lucrativa. E para começar, a questão do gerenciamento da propriedade precisava de uma atenção especializada. O produtor não fazia todas as anotações de receitas e despesas para o controle do fluxo financeiro, e até para saber com clareza quanto custava produzir a acerola.

O técnico Marcelo verificou que algumas plantas ficavam mais estressadas com a significativa escassez hídrica da região e necessitavam de mais nutrientes. A palha da carnaúba (palmeira nativa do semiárido) já era usada pelo fruticultor para proteger o solo da lavoura exposta a um calor que varia de 25°C a 33°C em média. É bastante raro que a temperatura caia abaixo de 24°C na cidade. Por isso, uma forma de padronizar a produção dos frutos seria implantar a fertirrigação. A técnica que aplica fertilizante por meio da água de irrigação.

O sistema de microaspersão que mantém a hidratação do solo exigiu um trabalho árduo do próprio José Maria, que não podia gastar com mão de obra. Aos poucos, ele instalou a tecnologia em todos os 4,5 hectares. Quando começaram os atendimentos da Assistência Técnica e Gerencial (ATeG) do Senar, a colheita mensal não superava as 7 toneladas por mês. Ao final dos 2 anos de visitas técnicas, o fruticultor passou a colher 8 toneladas mensais, chegando até 12 toneladas no pico da de produção.

Os investimentos na fertirrigação, que utiliza calda de esterco curtido, o que garante a certificação de produção orgânica, resultou em frutos mais carnudos e também em maior quantidade. As escolhas das variedades 13/2 e jaburu se mostraram acertadas para manter a produtividade. O José Maria divide as tarefas no empreendimento com a esposa. Os 4 filhos moram

com eles e estão todos estudando (Nayara tem 17 anos, Werberston, 16, Warlissom tem 11 anos e a Mayara tem 9 anos).

A transformação na produção de acerola se reverteu em mais renda para a família. Deu para comprar uma moto que facilitou locomoção, as compras e entregas da atividade rural. Mas a aquisição que dá mais orgulho para o José Maria é o investimento no futuro das crianças. Ele matriculou os filhos em escola particular, investindo na educação, oportunidade que ele não teve, mas preza muito.

E por falar em futuro, ele quer tornar sua pequena empresa rural ainda mais produtiva, e se tudo continuar como está, ele quer plantar mais acerola orgânica, de qualidade reconhecida, para o mercado interno e internacional.





Paulistana

Piauí

Fabio Francisco Rodrigues

*Melhoramento genético das ovelhas,
contas organizadas e energia renovável.*

Trabalho pesado nunca assustou o ovinocultor, Fabio Rodrigues, que sempre viveu em Paulistana, no Piauí. Até se inscrever no Agronordeste tinha dificuldade em fechar as contas do mês, investir na produção ou em proporcionar mais conforto para a família.

Quando o técnico de campo Manoel de Macedo iniciou a Assistência Técnica e Gerencial (ATeG), a propriedade tinha 230 ovelhas e o manejo dos animais era bem diferente e os resultados também. Vendia 80 cordeiros no ano, que pesavam, entre 14 e 16 kg ao completar 1 ano, o que trazia pouca rentabilidade. Em 2021, já com 12 meses de visitas, o Fabio comercializou 100 cordeiros, só que os animais eram mais jovens, tinham 8 meses e pesavam mais, em geral 20 kg cada. Com mais quilos de carcaça vendidos, o retorno financeiro aumentou.



Na foto: O produtor Fabio Francisco Rodrigues e família.

O Diagnóstico Produtivo indicou que algumas intervenções poderiam aumentar a produtividade e a rentabilidade do sítio, mesmo mantendo o tamanho do rebanho. Houve mudanças na nutrição dos animais. Uma dieta mais balanceada entre volumoso e concentrado foi ajustada para cada faixa do ciclo reprodutivo.

A forragem, a base de milho e sorgo, é produzida na própria fazenda. O produtor compra soja e torta de algodão para complementar a alimentação. Com as orientações, o Fabio passou a adquirir quantidades de ração, sem desperdício.

No manejo, ele separou os carneiros das ovelhas para que a monta fosse controlada. Passou também a registrar o peso dos cordeiros no nascimento e no desmame. Ao mesmo tempo, a criação foi direcionada para a seleção genética dos animais. As matrizes mais produtivas ficavam e ele descartava aquelas com qualidade menor.

O melhoramento genético mudou o perfil do rebanho. Com 250 cabeças de ovelhas dorper PO (puro de origem) e mestiças, o Fabio encontrou uma outra fonte de ganhos na propriedade, a venda de cordeiros para recria.

Lidar com o rebanho sempre fez parte do cotidiano do Fabio desde que nasceu, há 37 anos. Mas os conhecimentos técnicos direcionaram os esforços para as tarefas que tornaram o trabalho mais lucrativo. Com isso, ele investiu em equipamentos agrícolas que facilitam a mão de obra. O criador comprou roçadeira, tosqueadeira e alicate elastrador para castrar os animais. Além disso, adquiriu computador para fazer todos os controles do rebanho e das despesas e receitas.

Na propriedade, o Fabio vive com a esposa Samira, a mãe, dona Erismar e o pai, sr. Francisco. O expediente começa antes das 5 da manhã e só termina no início da noite. Depois das melhorias na produção, o produtor

instalou um sistema de energia renovável com placas solares na casa e no poço artesiano, o que trouxe um pouco mais de segurança e qualidade de vida para toda a família.





Alto do Rodrigues
Apodi
Caraúbas
Lagoa Nova
Pau dos Ferros

Rio Grande do Norte

Alto do Rodrigues

Lucas Paulo Celestino Gusmão

Fruticultor do Rio Grande do Norte aposta no manejo biológico para ganhar qualidade e mercado internacional.

Durante a formação como técnico agrícola em Vitória de Santo Antão, em Pernambuco, Lucas Paulo Celestino Gusmão começou a se interessar pela fruticultura. Ele encontrou uma área para colocar em prática seu projeto como produtor rural em Alto do Rodrigues,

Rio Grande do Norte

no Rio Grande do Norte, onde está sendo implantado um projeto de irrigação do Estado para fomentar o desenvolvimento da região.

Na propriedade de 8 hectares, ele iniciou o plantio, seguindo uma vocação da região, a bananicultura. A ideia era produzir com baixo impacto ambiental e mirando o mercado externo. Quando se inscreveu no Agronordeste, o produtor já tinha uma boa produção, mas precisava melhorar a rentabilidade para que sua empresa rural fosse viável.



Na foto: O produtor Luiz Paulo Celestino Gusmão e o técnico de campo.



As primeiras ações sugeridas pelo técnico de campo, Vinícius da Costa Mandu, do Senar, foram no sentido de fazer um uso mais eficiente de insumos. A análise do solo possibilitou uma indicação mais adequada para a correção e adubação do terreno. O fruticultor também considerou decisivas as recomendações para a manutenção e a operação do maquinário agrícola.

A oferta de frutas de qualidade para exportação, cultivadas de forma mais sustentável, é preocupação que o produtor Lucas Paulo carrega em todas as suas decisões. Por isso, adotou o manejo 100% biológico no cultivo de mudas de mamão.

Por recomendação da Assistência Técnica e Gerencial (ATeG) está diversificando a produção para não ficar refém de situações imprevistas de mercado. Para diminuir o custo de implantação, Lucas Paulo optou pelo sistema de consórcio e agora cultiva manga também. A fruta ocupa o topo das vendas internacionais do Brasil. Para chegar com o frescor no ponto que os consumidores, principalmente da Europa, tanto apreciam, o produtor utiliza o modal aéreo, o que exige uma logística muito bem planejada.

Com o aumento de produtividade e melhora da renda, o produtor afirma que encontrou o caminho do crescimento pessoal e profissional. Ao participar de capacitações e receber a ATeG em sua propriedade, o Lucas Paulo não tem dúvida de que é possível prosperar na atividade rural. “Crescer com responsabilidade, sustentabilidade, produzindo sempre com muita qualidade e respeito ao próximo”.





Apodi

Rio Grande do Norte

Jeferson de Paiva Costa

De uma pequena horta que não tinha lucro para uma produção comercial de hortaliças e graduação em agronomia.

Os pais agricultores sempre incentivaram o filho Jeferson de Paiva Costa a conhecer a pequena horta no sítio em Apodi, extremo Oeste do Rio Grande do Norte. O município, que fica a 350 quilômetros de Natal, enfrenta temperaturas elevadas o ano todo, acima dos 34°C em média, e pouca chuva, concentrada na primeira metade do ano.

Ao se tornar maior de idade, os pais lhe delegaram os cuidados com a lavoura de hortaliças. A plantação de coentro e cebolinha era totalmente manual e o gasto com fertilizantes era alto. No cotidiano de trabalho na terra, o Jeferson só conseguia empatar despesas e receitas. Era o que ele sentia porque não fazia qualquer controle da gestão dos temperos cultivados.



Na foto: O produtor Jeferson de Paiva Costa e família.

Há dois anos, ele ouviu falar do projeto Agronordeste, que oferecia Assistência Técnica e Gerencial (ATeG) para pequenos e médios produtores rurais na região Nordeste e semiárido de Minas Gerais. Ele se inscreveu no grupo de agricultores e começou a receber os atendimentos mensais da técnica de campo, Tecla Ticiane Félix.

Para reduzir os custos com insumos, a agrônoma do Senar sugeriu a compra antecipada e em maior quantidade. Com uma horta maior, ela calculava que o Jeferson poderia diluir esses gastos, mas faltava o capital. A orientação foi solicitar um crédito rural. Os recursos poderiam pagar uma enxada rotativa, que tornava mais eficiente o preparo do solo e, ainda, um sistema de irrigação.

O agricultor confiou nas orientações técnicas e implantou todas as recomendações com precisão. Para aumentar a qualidade das hortaliças, o produtor ainda investiu em uma tela de sombreamento. Em poucos meses, a retirada financeira, livre dos custos, quase dobrou. O Jeferson ficou animado e passou a cultivar a pimenta-de-cheiro, um alimento de aroma intenso e sabor suave, muito apreciado por consumidores do Norte e do Nordeste do país.

Ao constatar que o conhecimento técnico transformava a produção e, aplicado, multiplicava os ganhos, Jeferson dedicou mais tempo às capacitações. Fez o curso e Olericultura Básica e Orgânica e o Negócio Certo Rural que fazem parte da Formação Profissional Rural promovida pelo Senar. Ingressou no curso de Agronomia da Universidade Federal do Semi-Árido (Ufersa), em Mossoró.

A soma de todas as decisões e ações implementadas resultaram numa produção mais robusta. No primeiro ano da ATeG, a colheita de coentro foi de 7.500 unidades, esse total superou o dobro, 15.250. Passou de uma cultura com lucratividade nula para um retorno de 37%.

À frente do negócio rural da família, o jovem de 22 anos está convicto do seu caminho profissional. “Penso em ter uma grande produção de hortaliças, e, mais para frente, trabalhar com outros tipos de cultura”, faz questão de contar com orgulho os planos para o futuro.



Desde o início procurou técnicos para ter o suporte na atividade e encontrou o Senar nessa busca. Quando se inscreveu para receber os atendimentos de Assistência Técnica e Gerencial (ATeG), a fazenda não tinha sala de ordenha, curral ou mesmo cochos para a alimentação do rebanho formado por quatro vacas, com duas em lactação. A produção era de 7,5 litros por animal/dia. A renda gerada não pagava a alimentação do modesto plantel.

Em seis meses de visitas da técnica de campo Maria Vivianne Freitas, a produção já tinha subido de 15 litros por dia para 180 litros/dia. O pecuarista adotou uma série de recomendações da zootecnista do Senar. Para investir na construção das instalações, o produtor levantou os recursos financeiros com o crédito rural. A fazenda Lagoa de Cacimbas, de 31 hectares, foi cercada; o curral e a sala de ordenha foram construídos.

A aquisição de novos animais foi discutida e avaliada, uma a uma antes da compra. Se as quatro vacas do início eram sem raça definida, as outras eram Gir e Girolando, com maior histórico de produtividade leiteira para o clima tropical.

Um hectare da propriedade foi reservado para a construção de 25 piquetes com capim Tifton. O pastejo rotacionado já está em funcionamento. Nele ficam as vacas em alta lactação, que tem produção de cerca de 20 litros/animal/dia. Ao final dos dois anos de acompanhamento de ATeG, o rebanho contava com 40 cabeças, mais da metade em lactação, e uma visão empreendedora consolidada.

Na fazenda, as próximas metas já estão com providências em andamento. A ampliação da área do curral e a construção de uma pequena agroindústria, que vai produzir queijos, manteiga e doces.

Luiz Diógenes pretende manter o escritório de advocacia e a empresa rural. Trabalha para crescer e ver a pequena Caraúbas prosperando. “Daqui a alguns anos serei um dos maiores agropecuarista da região, gerando emprego e renda”.



234





Lagoa Nova

Bruno Gustavo de Medeiros Silva

Uma referência em bem-estar animal aplicado à avicultura caipira no Rio Grande do Norte.

Foi nas lembranças e experiências familiares que o Bruno Gustavo de Medeiros Silva encontrou a vocação que o ajudou a superar um momento de crise econômica. Ele cresceu vendo a avó Hozana Eunícia de Medeiros criando galinhas e produzindo ovos de

Rio Grande do Norte

forma artesanal. E depois de alguns anos atuando como administrador de empresas queria voltar para o campo, e, inspirado pela avó, montou um aviário.

Ele pesquisou e implementou um sistema para produção de ovos caipiras, que segue as regras da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), com 250 aves. Para serem classificadas como caipiras, as aves recebem tratamentos preventivos, entre eles a vacinação e manejo sanitário adequado. Os galinheiros devem ter espaço com área adicional de piquete de, no mínimo, 0,5 m² para cada ave.



Na foto: O produtor Bruno Gustavo de Medeiros Silva, a equipe da empresa Quinta da Serra e o técnico de campo.

Em 2020, ingressou no projeto Agronordeste e passou a receber as visitas do técnico de campo Murilo dos Santos Ferreira. Na época já contava com 1.300 galinhas. Era período de pandemia da covid-19, e o produtor enfrentou um aumento de custos de insumos e a escassez de aves no mercado.

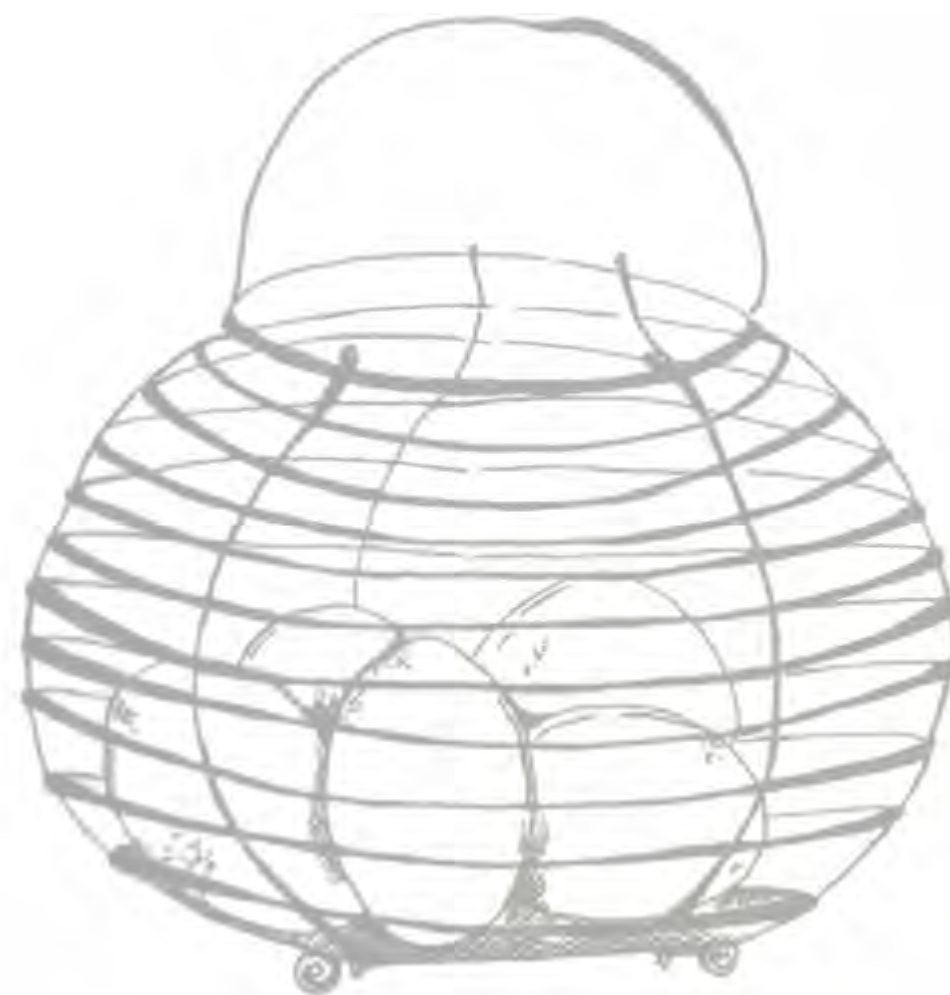
Por recomendação da Assistência Técnica e Gerencial (ATeG), o Bruno Gustavo passou a comercializar o esterco das galinhas, que é usado na adubação de lavouras. A medida elevou a receita em um momento de dificuldades, e tornou o ciclo produtivo ainda mais sustentável. O ajuste do programa de luz do galpão aumentou a produtividade que passou de 70% para 85%, ou seja, a cada 100 galinhas, 85 botando ovos.

O Bruno construiu mais um galpão e implantou linhas automatizadas de comedouros e bebedouros, nebulizadores e ventiladores para a manutenção da temperatura adequada. Algumas forrageiras passaram a ser cultivadas no sítio para a alimentação das galinhas como a palma, o capim Capiacu, o feijão-gandú, a moringa e a maniva, que é a folha da mandioca. A produção de ovos dobrou, a de silagem alcançou as 15 toneladas, o que garante boa alimentação o ano todo para o plantel que é de 3 mil galinhas.

Foi ainda durante o período de atendimentos do Agronordeste que o aviário viabilizou uma outra fonte de renda. As próprias galinhas caipiras passaram a ser comercializadas quando saíam do período produtivo. No lugar do descarte, os lotes passaram a ser vendidos para um abatedouro que fornecia a carne para merenda escolar, o que garantiu uma fonte a mais de proteína de qualidade para as crianças do município.

Com satisfação pelo que fez, e ainda quer fazer, Bruno conta que o aviário está localizado na cidade de Lagoa Nova na Serra de Santana, região do Seridó

Potiguar, onde o clima é um pouco mais ameno, mas ainda com as características do semiárido. Ele nasceu no município vizinho de Currais Novos e tem muito orgulho de ser um empreendedor rural nordestino, e trabalha para que o seu sistema produtivo seja referência para outros pequenos avicultores e, mais para frente “quero ser um modelo de produção de ovos caipiras para todo o Rio Grande do Norte”, projeta o Bruno. A dona Hozana certamente estaria muito orgulhosa do neto.





Pau dos Ferros

Rio Grande do Norte

Gabriel Chaves Neto

Caprinocultura de corte valorizada pela seleção genética e manejo individualizado, com redução de custos.

Se alguém perguntasse ao caprinocultor Gabriel Chaves Neto quanto a atividade rendia, há dois anos, ele não saberia dizer. Criava os animais a pasto e com vermifugação em massa a cada 3 meses. Não tinha controles individualizados do desenvolvimento do rebanho, não produzia silagem para os períodos de seca e vendia as cabras quando apareciam compradores.

Nascido na propriedade rural que hoje administra, Gabriel transformou a caprinocultura de corte numa atividade lucrativa e que já lhe rende o suficiente para investir na diversificação da cadeia produtiva na fazenda, que fica em Pau dos Ferros, no Rio Grande do Norte. A chegada da Assistência Técnica e Gerencial (ATeG) do Senar, por meio do projeto Agronordeste,



Na foto: O produtor Gabriel Chaves Neto e a técnica de campo.

deu o suporte para a estruturação e qualificação da atividade que era tocada de forma tradicional, há duas décadas na fazenda da família.

Entre as ações recomendadas, a partir do Diagnóstico Produtivo elaborado pela técnica de campo Ana Carolina Cruz, estavam a identificação das cabras e separação em lotes por fase de desenvolvimento. Medidas necessárias para se fazer a avaliação individual para o controle gerencial do rebanho.

As anotações no Caderno do Produtor ajudaram a evidenciar que era possível reduzir os custos e melhorar a qualidade. A técnica orientou e incentivou a produção de silagem e armazenamento para períodos de estiagem prolongada. São cultivadas na propriedade a árvore moringa, o Capiacu, também conhecido como capim elefante, e o milho sequeiro, usado na ração dos animais.

O manejo nutricional foi dimensionado para cada grupo de animais, e dependendo do caso, para cada indivíduo. A separação em lotes ajudou também no reconhecimento de animais que apresentavam sintomas de patologias diagnosticadas pelo veterinário. Esse controle baixou os gastos de forma significativa.

O produtor rural já possuía animais da raça Boer, bem adaptada ao clima nordestino e que produzem carne de qualidade reconhecida no mercado. A ATeG orientou a melhora da genética, com a identificação e manutenção das melhores matrizes, descartando as que não atendiam o padrão. O conjunto de iniciativas reduziu a mortalidade de crias, aumentou o peso ao nascimento. Houve maior ganho de peso por dia, o que levou a diminuir o tempo para o abate.

No período em que a ATeG fez os atendimentos na propriedade, o número de animais abatidos passou de 60 para 89 ao ano, mas o tamanho do rebanho diminuiu,

de 150 para 87, com muitas matrizes prenhas. “Foi reduzir para qualificar”, explica o Gabriel, que ampliou o espaço para a criação e tem um padrão de rebanho que se tornou referência para a raça Boer no Oeste do Estado.

O desafio mais recente que o Gabriel se impôs é implantar o confinamento para a cria, o período que vai da reprodução até o desmame dos cabritos. O objetivo é comercializar animais mais precoces para o abate, o que gera duas vantagens pelo menos: um produto mais apreciado, com custos menores.

Formado em Enfermagem, o Gabriel sempre quis voltar a viver no campo, e do campo. A orientação técnica e gerencial ajudou a consolidar esse desejo. Atualmente faz curso de Zootecnia no fim de semana e ainda dá plantão como bombeiro na cidade. Mesmo com tantas tarefas tem uma dedicação enorme no gerenciamento da propriedade. Os conhecimentos adquiridos com os atendimentos de ATeG e os cursos de Formação Profissional Rural ele já vem aplicando em outras atividades, que ainda estão só no início, como a apicultura, a bovinocultura de corte e a produção de ovos.





Sergipe



Canindé de São Francisco

Sergipe

Liliane Souza

Orgulho de levar queijos de qualidade para clientela e ainda ver a família unida crescer junto.

Produzir queijos é o trabalho e um grande orgulho na vida da empresária rural Liliane Souza. Moradora do sertão de Sergipe, ela é a personagem principal de uma grande renovação na sua Queijaria Santa Terezinha e na rotina da própria família. Tudo aconteceu durante o período de muitos desafios, em plena pandemia da covid-19.

A inscrição no Projeto Agronordeste determinou todas as conquistas que viriam depois. A chegada da Assistência Técnica e Gerencial (ATeG) do Senar em 2020 moldou as bases de um pequeno negócio informal para se tornar uma agroindústria. A elaboração do diagnóstico da técnica de campo Gladlene Góes indicou que a queijaria precisava de gestão: gerenciar os custos, fazer os controles de estoque e realizar investimentos.



Na foto: Equipe da agroindústria e a produtora Liliane Souza.

247

No trabalho conjunto com a Liliane, a médica veterinária Gladslene verificou que mesmo com poucos recursos era possível e estratégico melhorar a qualidade dos produtos. Uma etapa importante para valorizar os queijos e melhorar o faturamento da empresa. A troca da prensa de madeira por uma de inox foi um dos primeiros investimentos. Para se atualizar neste mercado, Liliane se beneficiou de cursos e capacitações do Senar Sergipe. Com mais informação, ela pode escolher e comprar novos utensílios e equipamentos adequados.

A mão de obra familiar conduz a queijaria da empresária Liliane, onde trabalham o esposo, com a ajuda da filha de 18 anos, e ela ainda gera um emprego direto para o sobrinho. Com o aumento da renda, além de investir no próprio negócio, ela trocou de carro e também comprou uma moto para ajudar nos serviços para a compra de insumos e venda do produto. O próximo sonho, que deve ser realizado em breve, é construir sua agroindústria de queijos em local próprio.

Com a melhoria das condições gerais, Liliane aumentou a capacidade de fabricação de queijos. Na chegada da ATeG, ela processava 600 litros de leite por mês. Depois das 24 visitas técnicas, passou para 1.300 litros, em média. Os resultados da empresa são muito satisfatórios para Liliane, que destaca outras mudanças que ficaram para sempre depois da assistência do Senar. “Era como se eu trabalhasse de olhos fechados, porque antes eu trabalhava somente com os braços, agora eu trabalho também com a mente”. Ela conta ainda que levar um produto de qualidade para a mesa das famílias brasileiras é o que mais a motiva continuar.





Canindé de São Francisco

Sergipe

Zélio da Silva

Produtor quase desistiu da acerola quando as orientações técnicas chegaram e o pomar passou a dar fruto o ano inteiro.

A propriedade do agricultor Zélio da Silva fica em Canindé de São Francisco, a 180 quilômetros da capital de Sergipe. Ele cultiva quiabo, bananas e cria galinhas, mas sempre apostou mesmo na acerola. Apreciada no Brasil e fora do país, e de interesse das agroindústrias, o produtor mantinha o cultivo de 950 árvores.

O mercado para a fruta da aceroleira cresceu nos últimos anos, mas Zélio estava desanimado com a colheita. O período de produção ficou concentrado nos meses de verão. O mesmo acontecia com as propriedades vizinhas. O resultado era a queda do preço durante a alta temporada.

Foi quando o Agronordeste chegou à região, por meio do trabalho da técnica de campo do Senar, Paula Yaguiú. A engenheira agrônoma logo viu que ajustes no manejo poderiam mudar o rumo da produção.



Na foto: O produtor Zélio da Silva e a técnica de campo.

A primeira sugestão feita pela assistência técnica e gerencial foi a poda, que nunca tinha sido realizada no pomar. O adensamento das plantas e a baixa ventilação com pouco espaço para a entrada de luz, facilitava a infestação de pragas. Entre elas, o bicudo que atacava a floração, e portanto, impedia o nascimento dos frutos.

Zélio acreditava que, com mais galhos, as plantas dariam mais frutos. Resistiu às novas ideias no início, mas foi convencido a experimentar outra forma de cultivo. A poda foi feita e Paula propôs a divisão da área plantada em 3 talhões, o que facilita os tratos da lavoura. A aplicação de adubo também teve alterações. A fertirrigação foi melhorada e com o novo manejo, a quantidade de ureia aplicada diminuiu. Menos fertilizante e menos gastos com pesticida, foram só os primeiros resultados que o Zélio e a família sentiram na propriedade.

O filho Gisélío da Silva, de 21 anos, que era o responsável por fazer as anotações no Caderno do Produtor, logo notou que a quantidade de acerola colhida também começou a aumentar. E mais saudáveis, as árvores passaram a oferecer boa colheita também nos meses de inverno. Orgulhoso de ver a família dedicada à terra, agora mais produtiva, ele conta que “sem meu filho, eu não estaria mais aqui”.

A produção que alcançava 140 caixas de acerola por mês, passou para uma média de 300 caixas. E, animado, Zélio disse que já chegou a colher 425 caixas. E se no verão, o produtor da região do semiárido sergipano recebe R\$ 18,00 por cada caixa; no inverno os valores dobram e, dependendo da disponibilidade da fruta, até triplicam.





Nossa Senhora da Glória

Sergipe

Carlos Alberto Bezerra de Souza

Boas práticas de manejo na produção de leite garantiram o sucesso da propriedade e transformaram em pecuarista o analista de sistemas.

A vida já estava estruturada em Salvador quando o analista de sistemas Carlos Alberto Bezerra de Souza foi chamado pelo pai para ajudar na pequena propriedade de rebanho de corte, em Nossa Senhora da Glória, no sertão de Sergipe. O emprego de carteira assinada na

capital baiana dava um bom salário e, além disso, Carlos Alberto confessa que não gostava da vida na fazenda. Mas o tempo tinha passado, o pai já não dava conta das tarefas sozinho e o analista não podia deixar de atender a um pedido de ajuda da família.

De volta para a terra do pai Adalberto, hoje com 96 anos, ficou combinado que o filho ficaria com o dinheiro da venda do leite, uma atividade que nunca foi prioridade na fazenda. Como a renda era baixa, o Carlos Alberto buscou conhecimento para melhorar



Na foto: A coordenadora da ATeG e o produtor Carlos Alberto Bezerra de Souza.

PRODUTORES RURAIS E TÉCNICOS DE CAMPO DO SENAR

ALAGOAS

Palmeira dos Índios: Produtora rural Keila Maria Pinto da Silva e técnica de campo Gilberlândia Ferro

Piranhas: Produtor rural José Ronaldo de Jesus e técnico de campo João Paulo Silvério da Silva

Quebrangulo: Produtora rural Maria Estela Pereira e técnica de campo Valdelane Tenório da Silva Holanda

Santana do Ipanema: Produtor rural Antônio Araújo Damasceno Filho e técnico de campo Wilson de Brito Lira Júnior

São José da Tapera: Produtor rural Lenildo do Nascimento Silva e técnica de campo Aldimária Fernandes de Melo Souza

BAHIA

Araci: Produtor rural José Rubens Santana de Souza e técnico de campo André José dos Santos

Bom Jesus da Lapa: Produtor rural Ervino Teobaldo Kloger e técnico de campo Gineton Ferreira de Souza

Conceição do Coité: Produtor rural Valdevino Soares da Silva e técnica de campo Érica Oliveira Ramos

Guanambi: Produtor rural João Meira Cotrim e técnica de campo Jéssica Hellen dos Santos Teixeira

Jaguarari: Produtor rural Giovan da Silva Bonfim e técnico de campo Evandro Miranda

Pé de Serra: Produtor rural Gilson Ney de Oliveira Santana e técnica de campo Lili Costa de Freitas

Valente: Produtor rural Feliciano da Silva e técnico de campo Allandelon Mota

Várzea Nova: Produtor rural Edimário Santos de Amorim e técnico de campo Wesley Jambeiro

CEARÁ

Brejo Santo: Produtor rural Clebson Soares e técnico de campo Kayke Pereira Mendes

Santana de Acaraú: Produtora rural Ana Mikaely do Monte de Vasconcelos e técnico de campo Francisco Caio Vasconcelos

Senador Sá: Produtor rural Francisco José da Silva e técnico de campo Daniel Bastos

Trairi: Produtor rural João Alves Freire e técnica de campo Silviane Chaves

MARANHÃO

Carolina: Produtora rural Wener de Sousa Araújo e técnico de campo Luciano Soares Tavares

Dom Pedro: Produtor rural Raimundo Pereira Damaceno Filho e técnico de campo Taise Borges Fagundes Silva

Grajaú: Produtor rural José do Bonfim Alves Pereira Câmara e técnico de campo Matheus Menezes Martins

Igarapé Grande: Produtor rural Evanildo Oliveira dos Santos e técnico de campo Marcos Vinícius Nunes Ferreira

São Pedro da Água Branca: Produtor rural Moab Araújo Pereira e técnico de campo Tácito de Almeida

MINAS GERAIS

Cônego Marinho: Produtor rural Vailton Lessa Lima e técnico de campo Lucas dos Reis Teixeira

Itaobim: Produtora rural Claudiana Francisca da Silva Oliveira e técnico de campo José Lucas Cordeiro Santos

Jaíba: Produtor rural Rozânio Cardosino de Sá e técnico de campo Willyan Caldeira

Patis: Produtor rural Marcelo Soares Ribeiro e técnica de campo Maria Cecília Gonçalves

Verdelândia: Produtor rural Lucas Alencar Lima e técnica de campo Ana Cláudia Soares Maia

PARAÍBA

Alagoa Grande: Produtor rural Ederson de Araújo Júnior e técnico de campo Ubieli Alves Araújo Vasconcelos

Barra de São Miguel: Produtora rural Josefa Rosemar de Oliveira e técnico de campo Isaac Nildo de Araújo Montenegro

Catolé da Rocha: Produtores rurais Edilson Alves da Silva e Ivaneide Santiago e técnico de campo Wendel Oliveira Maciel

Congo: Produtor rural José Fernando do Nascimento Vasconcelos e técnico de campo Renato Vaz Alves

Livramento: Produtor rural Cristiano Nunes de Souza e técnico de campo Alysson Farias Gurjão

PERNAMBUCO

Iati: Produtor rural Leandro da Silva Lopes e técnica de campo Débora Emanuela Xavier de Moura

Pedra: Produtor rural João Batista Xavier de Barros e técnico de campo Poliano Santos

Petrolina: Produtor rural Jeferson Conceição Carvalho e técnico de campo Daniel de Almeida Carreiro

Petrolina: Produtor rural José Vital do Bonfim e técnico de campo José Manoel de Sá

Santa Maria da Boa Vista: Produtor rural Reginaldo Izidio da Silva e técnico de campo João Júnior de Souza Lima

PIAUI

Belém do Piauí: Produtora rural Irineu Antônio Dantas Leal e técnico de campo Luiz José de Carvalho Bento

Capitão de Campos: Produtor rural Carlito Quaresma de Sousa e técnico de campo Nayrlon de Sampaio Gomes

Conceição do Canindé: Produtor rural Moisés Pereira da Costa Filho e técnico de campo Ranyellson Pires Barbosa

Parnaíba: Produtor rural José Maria Portela de Brito e técnico de campo Marcelo Simeão

Paulistana: Produtor rural Fabio Francisco Rodrigues e técnico de campo Manoel de Macedo

RIO GRANDE DO NORTE

Alto do Rodrigues: Produtor rural Lucas Paulo Celestino Gusmão e técnico de campo Vinícius da Costa Mandu

Apodi: Produtor rural Jeferson de Paiva Costa e técnica de campo Tecla Ticiane Félix

Caraúbas: Produtor rural Luiz Diógenes de Sales e técnica de campo Maria Vivianne Freitas

Lagoa Nova: Produtor rural Bruno Gustavo de Medeiros Silva e técnico de campo Murilo dos Santos Ferreira

Pau dos Ferros: Produtor rural Gabriel Chaves Neto e técnica de campo Ana Carolina Cruz

SERGIPE

Canindé de São Francisco: Produtora rural Liliane Souza e técnica de campo Gladlene Góes

Canindé de São Francisco: Produtor rural Zélio da Silva e técnica de campo Paula Yaguiu

Nossa Senhora da Glória: Produtor rural Carlos Alberto Bezerra de Souza e técnica de campo Diana Matos

Agradecimento

Esta publicação reúne o trabalho de muita gente. São produtores rurais, técnicos de campo da Assistência Técnica e Gerencial (ATeG) do Senar, além de os parceiros do Agronordeste, programa que beneficia os nove estados da região Nordeste e o norte de Minas Gerais. São pessoas que acreditaram nas ações que visam a melhoria da gestão, a inclusão produtiva e o aumento da lucratividade de pequenas propriedades rurais.

Os protagonistas aqui reunidos não economizaram esforços para melhorar a produtividade do campo e, orgulhosos, relatam os bons resultados alcançados. O Senar também está orgulhoso e agradecido por fazer parte dessas histórias. A todos os envolvidos, o nosso muito obrigado!

ATeG SENAR
AGRONORDESTE



Página Anterior



Alagoas



Bahia



Ceará



Maranhão



Minas Gerais



Sumário



Paraíba



Pernambuco



Piauí



Rio Grande do Norte



Sergipe



Próxima Página

Casos de sucesso

Casos de sucesso